

VIII ANTOLOGIA de Textos Científicos

Linguagens – Literatura –
Aprendizagem – Genealogia e Memória –
Juventudes – Feminismo – Saúde



Isabel Cristina Pereira de Oliveira
Marcelo Ricardo Moreira
Tarcísio Augusto Alves da Silva
Teresinha de Jesus Oliveira Guimarães de Melo
ORGANIZADORES

VIII ANTOLOGIA de Textos Científicos

Linguagens – Literatura – Aprendizagem –
Genealogia e Memória – Juventudes –
Feminismo – Saúde

Isabel Cristina Pereira de Oliveira
Marcelo Ricardo Moreira
Tarcísio Augusto Alves da Silva
Teresinha de Jesus Oliveira Guimarães de Melo
ORGANIZADORES

VIII ANTOLOGIA de Textos Científicos

Linguagens – Literatura – Aprendizagem –
Genealogia e Memória – Juventudes –
Feminismo – Saúde

ACADEMIA ESCADENSE DE LETRAS
Biênio 2018-2020

Ideia – João Pessoa – 2020

Todos os direitos são dos organizadores. A responsabilidade sobre textos e imagens são dos respectivos autores, bem como a revisão.

Projeto Gráfico/Capa: Magno Nicolau
Revisão: Dos autores

CONSELHO EDITORIAL

Edson Helly da Silva - Universidade Federal de Pernambuco
Elda Quirino Melo dos Santos - Faculdades da Escada
Humberto Miranda da Silva - Universidade Federal Rural de Pernambuco
Juliana Alves de Andrade - Universidade Federal Rural de Pernambuco
Marta Margarida de Andrade Lima - Universidade Federal Rural de Pernambuco
Rosilda Maria Araújo Silva dos Santos - Faculdades da Escada

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

O396 VIII antologia de textos científicos: linguagens – literatura – aprendizagem – genealogia e memória – juventudes – feminismo – saúde / Organizadores: Isabel Cristina Pereira de Oliveira, Marcelo Ricardo Moreira, Tarcísio Augusto Alves da Silva, Teresinha de Jesus Oliveira Guimarães de Melo. – Dados eletrônicos - João Pessoa: Ideia, 2020. 230p.: il.

ISBN 978-65-560

1. Linguagem. 2. Literatura. 3. Textos científicos. 4. Academia Escadense de Letras – AELE - Pernambuco. I. Oliveira, Isabel Cristina Pereira de. II. Moreira, Marcelo Ricardo. III. Silva, Tarcísio Augusto Alves da. IV. Melo, Teresinha de Jesus Oliveira Guimarães de. V. Título.

CDU 82:82

Ficha Catalográfica elaborada pela Bibliotecária Gilvanedja Mendes, CRB 15/810



EDITORA

contato@ideiaeditora.com.br
www.ideiaeditora.com.br

EXPEDIENTE

ACADEMIA ESCADENSE DE LETRAS – AELE
CASA TOBIAS BARRETO
BIÊNIO 2018-2020

Presidente

Tarcísio Augusto Alves da Silva

Vice-presidente

Dimison Cesar Vieira Gomes

Secretaria

Teresinha de Jesus Oliveira Guimarães de Melo
Valderês Conceição do Monte

Diretoria Financeira

Isabel Cristina Pereira de Oliveira

Vice-diretor financeiro

Josebias Carvalho de Lima

Coordenação captação de recursos

Teresinha de Jesus Oliveira Guimarães Melo

Diretoria Social

Waldyr José Siqueira

Coordenação de Cerimonial e Eventos

Álex Antony Cruz de Mendonça
Carlos César Ferreira de Queiroz
Cícera Maria de Araújo Izídio
Marcelo Ricardo Moreira
Maria Elisabete Varela Leocádio
Teresinha de Jesus Oliveira Guimarães Melo

Diretoria Jurídica

Maria da Piedade Wanderley Buarque de Melo

Diretoria de Comunicação

Cícera Maria de Araújo Izídio

Coordenação Acadêmica de Publicação

Ana Lucia Gomes Cavalcanti Neto

Elda Quirino de Melo

Marcelo Ricardo Moreira

Maria de Lourdes de Carvalho Fragoso

Rosilda Maria Araújo Silva dos Santos

Tarcísio A. A da Silva

Valderês Conceição do Monte

Coordenação de Concursos Literários

Flíncia Barbosa da Silva

Marcelo Ricardo Moreira

Coordenação "Coral Sebastião Araújo"

Amaro Diogo de Souza Neto

Ana Lucia Gomes Cavalcanti Neto

Dimison Cesar Vieira Gomes

Marília Beatriz de Magalhães Silva

Teresinha de Jesus Oliveira Guimarães Melo

Coordenação de criação de artes e diagramação

Adriano de Souza Sales

João Marinho Neto

Comissão de Ética

Carlos Cézar Ferreira de Queiroz

Elda Quirino de Melo dos Santos

Maria Cândida Sérgio

Maria Elisabete Varela Leocádio

Severino José Lins

Conselho Fiscal

Conselheiros titulares: Ana Lucia Gomes Cavalcanti Neto

Carlos Cézar Ferreira de Queiroz, Valdeci Leocádio de Siqueira Filho

Membros suplentes: Maria Marta Lima de Souza, Marcelo Ricardo Moreira Rosilda

Maria Araújo Silva dos Santos

Comissão de Infraestrutura – Casa Tobias Barreto

Isabel Cristina Pereira de Oliveira

Josebias Carvalho de Lima

Maria José Leão Portela Gomes (Mariinha Leão)

Maria Theresa Albuquerque de Oliveira

Tarcísio Augusto Alves da Silva

Teresinha de Jesus Oliveira Guimarães Melo

Valdeci Leocádio de Siqueira Filho

Waldyr José Siqueira

Romulo José G Melo

Oradora

Sevatil Lôbo de Siqueira

Bibliotecária

Maria José Leão Portela Gomes (Mariinha Leão)

Articulador(a) Jovens Intelectuais

Alice Sabrina Ferreira da Silva

Kaique da Silva Ribeiro

Articulador(a) Membros Correspondente

Adilson Gomes da Silva

Silvia Gomes Pereira

Articulador(a) Membros Honorários

Edvaldo José Levino

Maria das Graças Santos de Miranda

SUMÁRIO

PREFÁCIO	13
Bernardo Evangelista Lopes	
APRESENTAÇÃO	15
Tarcísio Augusto Alves da Silva	
LINGUAGENS	
LINGUAGEM E INTERATIVIDADE NO WHATSAPP: UMA ANÁLISE DO USO DE FIGURINHAS	19
José Lucas do Nascimento Barbosa	
Rosilda Maria Araújo Silva dos Santos	
X JORNADA PEDAGÓGICA: ANALISANDO AS MARCAS DE IDEOLOGIA NA PRODUÇÃO ESCRITA	35
Arantes Gomes do Nascimento	
A GAGUEIRA DA CRIANÇA NO CONTEXTO ESCOLAR	49
Ana Maria Moura Barbosa	
Luzia de Queiroz Brandão	
Rosilda Maria Araújo Silva dos Santos	
LITERATURA	
COMPROMISSO E RESPONSABILIDADE SOCIAL: O ITINERÁRIO DA OBRA <i>NOSSOS OSSOS</i> DE MARCELINO FREIRE NA CRÍTICA BRASILEIRA	71
Rosembergh da Silva Alves	
Débora Cavalcantes de Moura Clemente	

APRENDIZAGEM

ATUAÇÃO DO NEUROPSICOPEDAGOGO E DO PSICOPEDAGOGO NO DESENVOLVIMENTO DAS CRIANÇAS COM DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM	87
---	----

Maria Clara Menezes de Oliveira
Michely Dayana Guedes Alves de Almeida
Valderês da Conceição do Monte

GENEALOGIA E MEMÓRIA

DE ALBUQUERQUE AO ENGENHO BARRA: TRAJETÓRIA DE UMA FAMÍLIA	101
--	-----

Luiz Henrique de Albuquerque Bastos

O EMPREENDEDORISMO DE MADRE IVA	117
---------------------------------------	-----

Ricardo Jorge Silveira Gomes

JUVENTUDES

PROTAGONISMO JOVEM E COLETIVOS DE JUVENTUDE E MEIO AMBIENTE EM PERNAMBUCO.....	135
--	-----

Tarcísio Augusto Alves da Silva
Eduardo Jorge do Nascimento

MÚSICA

MOVIMENTO FEMINISTA: O QUE SABEMOS?	151
---	-----

Sandra Helena Rios de Araújo

SAÚDE

O USO DA MÚSICA PARA IDOSOS COMO RECURSO NA TERAPIA OCUPACIONAL.....	169
--	-----

Dandara Nirvana Oliveira da Silva

MODELAGEM COMO RECURSO TERAPÊUTICO OCUPACIONAL NA SAÚDE MENTAL	179
Maria Grazielle Alves de Araújo	
O AMBIENTE AQUÁTICO COMO RECURSO TERAPEUTICO OCUPACIONAL PARA CRIANÇAS COM SÍNDROME DE DOWN	187
Maria Eduarda da Silva Mello	
O AUTOCAUIDADO COMO RECURSO TERAPÊUTICO OCUPACIONAL PARA MELHORA DA AUTOESTIMA DE MULHERES MASTECTOMIZADAS	195
Maria Eduarda da Silva Mello	
TEXTOS DO VII CONCURSO LITERÁRIO DA AELE: A cena cultural escadense: seus artistas, suas histórias e suas contribuições para nossa memória	
ESCADA E O GIGANTE DA INVISIBILIDADE CULTURAL	205
Vitória Maria Lopes da Silva	
A IMPORTÂNCIA HISTÓRICO-CULTURAL PARA A ARTE E A MEMÓRIA ESCADENSE.....	209
Giulia Melissa Santos de Lima	
ESCADA: PATRIMÔNIO E CULTURA	213
Geysianne Camylli	
SÓCIOS BENEMÉRITOS DA AELE	215
BRASÃO DA AELE.....	219
HINO DA ACADEMIA ESCADENSE DE LETRAS	220
INVENTÁRIO DE ATIVIDADES DA ACADEMIA ESCADENSE DE LETRAS 2018 – 2019.....	222

PREFÁCIO

Diz-se que a História não aparenta ser História quando a estamos vivendo. Levando-se em conta que o ano de 2020 tem reconfigurado tantas verdades, esse ditado pode agora ser oportunamente contestado: os desafios da pandemia abriram nossos olhos — ou pelo menos têm tentado — para aspectos até então desconsiderados. Mais que nunca, o mundo clama por um conhecimento científico que nos ajude a identificar e testar soluções. Verdades que pareciam inquestionáveis estão caindo por terra. Aqueles que renegam as novas descobertas têm perdido o jogo para a imprudência. São novos tempos, de novas realidades. Na nossa busca contínua por respostas, sabemos que é à Ciência que devemos nos agarrar.

A Ciência, tal qual a Literatura, nos mostra onde estamos. E indica para onde podemos ou devemos ir. Os sinais são dados, e a Ciência se prontifica a se debruçar sobre eles para apontar um percurso. Enquanto isso, a Literatura registra o que somos nesses instantes, como seres pensantes, e o que nos tornamos. Esses dois pilares mantenedores de nossas vidas pavimentam o caminho: a Literatura nos registrando, a Ciência nos ajustando.

Com sua Antologia de Textos Acadêmicos do ano de 2020, a Academia Escadense de Letras reafirma o papel que tem desempenhado socialmente desde sua fundação, em 2010. “Lutar com palavras” é ainda um desafio, que esta oitava publicação encara de peito aberto, ainda mais em tempos precários para o financiamento público de pesquisas

nas áreas da Ciência, da Tecnologia e da Inovação pelos quais o Brasil passa.

Mesmo num mundo anestesiado pelo super-compartilhamento, e que busca alívio para o excesso de informação nas mesmas fontes que a despejam sobre nós, a Ciência continua buscando novas respostas — ainda que uma parcela de nós já tenha aderido às velhas respostas como verdade. São de suma importância, portanto, publicações que procurem reunir textos que contribuam para a divulgação da Ciência, em tempos em que ela é tão renegada por ideais muitas vezes inconsistentes.

Cabe a nós estarmos abertos para novas descobertas, e desfrutar dos notáveis trabalhos que compõem a VIII Antologia da Academia Escadense de Letras.

Bernardo Evangelista Lopes
Presidente da Academia de Ciências e Letras de Sabará – MG
Agosto, 2020

APRESENTAÇÃO

Após transcorridos mais de dois anos da posse da última diretoria (2018-2020) da Casa Tobias Barreto fechamos, com a VIII Antologia de textos científicos, mais um ciclo da história da Academia Escadense de Letras (AELE). Felizmente, apesar dos últimos percalços de 2020, resultado da pandemia do covid19, conseguimos manter um fluxo contínuo de atividades desenhado, anteriormente, no planejamento de nossa instituição.

Esse ano em que comemoramos 10 anos da AELE, continuamos a colher os frutos da insistente tarefa de “Lutar com palavras” e promover atividades permanentes de fortalecimento da literatura, das artes e das ciências no município da Escada. A publicação da presente antologia é um exemplo concreto desses frutos cuja semente fora plantada há oito anos atrás, na gestão do nosso querido acadêmico Waldyr Siqueira. O passar dos anos publicando as antologias nos possibilitou muitos aprendizados, entre acertos e erros. Fica aqui registrado o principal ensinamento para todos e todas que compõem a AELE: manter-nos firmes em nossos ideais!

Respeitando a composição da Casa Tobias Barreto, formada por educadores(as), artistas das áreas da música e da literatura e daqueles(as) que produzem pesquisas em seus campos de atuação profissional a organização das antologias procura respeitar essa diversidade e ser um espaço de diálogo entre saberes. Assim, a cada ano, revezamos as temáticas de publicação de modo a apresentarmos à sociedade textos literários (cordéis, contos, crônicas e

poemas) e textos científicos, resultantes de atividades de pesquisas dos(as) autores(as) reunidos(as) no livro.

Para presente edição foram submetidos 19 textos das mais diversas áreas, no entanto, 06 deles não atendiam as regras da chamada e deixaram de ser publicados. Ao longo da VIII antologia o leitor(a) poderá acessar esses trabalhos distribuídos nos seguintes temas: Linguagens – Literatura – Aprendizagem – Genealogia e Memória – Juventudes – Feminismo – Saúde.

Tarcísio Augusto Alves da Silva

Presidente da AELE

Biênio 2018-2020

LINGUAGENS

LINGUAGEM E INTERATIVIDADE NO WHATSAPP: UMA ANÁLISE DO USO DE FIGURINHAS

José Lucas do Nascimento Barbosa¹

Rosilda Maria Araújo Silva dos Santos²

Introdução

A interatividade não é recente e tampouco exclusiva das novas tecnologias digitais. O ser humano sempre interagiu, expressou suas opiniões e deu sugestões, antes mesmo do surgimento do e-mail, porque ele sempre criou maneiras de se relacionar com o mundo, pois toda a história individual e coletiva do homem está unida ao convívio social. Isto significa que a interação com outras pessoas desempenha papel fundamental na formação individual e Vigotsky (2001, p.63) registrou isso ao falar que "o comportamento do homem é formado por peculiaridades e condições biológicas e sociais do seu crescimento".

Nessa perspectiva, entende-se que o advento da Internet potencializou a interatividade, pois o imediatismo e a comunicação em rede possibilitam contato de maneira

¹ Professor de Língua Inglesa do CCAA - Centro de Cultura Anglo-americana, ex-intercambista do PGM - Programa Ganhe o Mundo e graduado em Letras pela FAESC - Faculdade da Escada (2019).

² Professora da rede estadual, municipal e da FAESC - Faculdade da Escada, mestre em Ciências da Linguagem pela UNICAP (2010) e membro da Academia Escadense de Letras.

mais rápida e com um número maior de pessoas. Na realidade, a internet trouxe incontestáveis avanços não só em conhecimentos, mas também nas interações sociais e Lévy (1998, p. 145) notabilizou esta ideia ao afirmar que “o homem informatizado está inaugurando práticas sociais e culturais ainda parcialmente desconhecidas”, pois novas relações interpessoais estão sendo construídas, modificando a concepção de tempo e espaço do mundo físico, em uma nova esfera de organização de sentidos.

Sob esta ótica, este estudo intencionou identificar a intenção comunicativa no uso de figurinhas em conversas de WhatsApp e baseou-se nas hipóteses de que as conversações transmitem mensagens explícitas e implícitas e sentimentos de forma visual e engraçada nos chats, também acredita-se que torna a conversa mais leve ao possibilitar aos interactantes a criação de suas próprias figurinhas por meio de aplicativos. A coleta de dados da pesquisa ocorreu através de análise de 10 conversas no WhatsApp com um público jovem entre 18 a 20 anos e trouxe um recorte de 3 figurinhas e 2 conversações para fim de comprovação. Além disso, esta investigação usou como fundamentação teórica basilar Volóchinov (2019) e Bakhtin (2016) para dissertar sobre as análises interativas, quanto à cibercultura amparou-se em Lévy (1998), McCulloch (2019) e Santaella (2007).

2. Linguagem, língua e interatividade na era digital

Partindo da afirmação bakhtiniana bastante conhecida de que “Todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem” (BAKHTIN, 2016, p.11) é possível afirmar que a espécie humana é uma espécie de linguagem. Entretanto, no percurso da história, a forma de conceber a linguagem passou por mudanças e a melhor fase que sinaliza a realidade da espécie humana é a linguagem

como lugar de interação (KOCH, 2015), pois enquanto seres que agem a todo momento, o ser humano age com a linguagem não só ao pensar, mas também age sobre seu interlocutor – por isso utilizou-se da fala bakhtiniana para introduzir a discussão.

Na era digital, essa interação da espécie humana através da linguagem é sentida não unicamente por meio de textos, mas também por outras formas de expressão como imagens, sons que se utilizam de recursos tecnológicos para sua criação e a título de exemplo, citam-se formas de linguagem como interação: memes, gifs, vídeos, emojis, figurinhas do WhatsApp, etc.

Diante dessa realidade da linguagem, a língua está presente, mas não unicamente como formas gramaticais. Para Volóchinov a língua (no sentido de comunicação social) é necessária à existência humana, isto é, a comunicação social, que possibilita uma organização da espécie humana, precisa de uma forma para materializar-se, nesse caso em específico: a língua é o lugar dessa materialização (VOLÓCHINOV, 2019).

Assim, sendo linguagem a interação humana em evidência e a língua como manifestação dessa interação, em ambientes digitais essas realidades são prolongadas, isto é, fazem parte desse ambiente social não somente nos exemplos explicitados anteriormente, mas através de comandos como compartilhar, curtir, descurtir, comentar, enviar e apagar mensagens etc. Portanto, diante dessa realidade, Rojo (2013, p. 7) defende que a população deve ser preparada para conviver em uma sociedade cada vez mais digital. Os usuários das sociedades modernas devem “buscar no ciberespaço um lugar para se encontrar, de maneira crítica, com diferenças e identidades múltiplas”.

3. As múltiplas semioses no ciberespaço como meio de interação social

Partindo da ideia de que semiose é o processo de significação e a produção de significado, isto é, a maneira como os seres humanos usam um signo linguístico e sua interpretação, entende-se que a era digital tem possibilitado o surgimento de múltiplas semioses que são usadas no ciberespaço como recurso de interação. Esta compreensão parte do entendimento que elas estão presentes nos gêneros multissemióticos (impressos e/ou digitais), que têm sido tema de grande relevância e de interesse de pesquisas no campo da linguagem no contexto brasileiro, portanto, ao se falar de interação social não se pode deixar de falar de gêneros do discurso, pois aprender a falar significa aprender a construir gêneros discursivos, pois falamos por gêneros e não por orações isoladas, nem por palavras isoladas (BAKHTIN, 2003, p.282-283).

No seio da tecnologia digital, é notório que o advento da internet propiciou inovações significativas e estas novidades trouxeram novas configurações na interação social, porque ao possibilitar o surgimento de gêneros multissemióticos, conseqüentemente trazem consigo um novo conceito de texto, que dotado de novas características e múltiplas linguagens, é marcado pela união de imagem (como os ícones que expressam emoções diversificadas conhecidos como emoticons), som (músicas de variados estilos) e texto escrito. Além disso, o texto conta com a intertextualidade virtual, quando possibilita que o leitor a partir de um hipertexto, estabeleça associações com outros textos por meio de links, formando um grande número de relações e significados e trazendo consigo novos recursos textuais e não textuais (imagem, som, etc.) com caráter amplamente interativo (MARCUSCHI & XAVIER, 2004).

Por conseguinte, este novo cenário possibilita que se enxerguem novas práticas de linguagens, novas formas de interatividade social, melhor dizendo, os diversos usos sociais de linguagens híbridas marcam o processo da interação humana ao aceitar outros sistemas, recursos semióticos ou novas linguagens (ROJO, 2013; SANTAELLA, 2007) e isso se dá devido ao novo formato inserido em uma sociedade cada vez mais multissemiótica numa esfera virtual. Isto significa que à medida em que se harmonizam múltiplas semioses como as figurinhas de WhatsApp numa interação social também se utilizam de numerosas formas de significações (ROJO, 2013).

4. O WhatsApp e o uso das figurinhas nas interações sociais

Tendo seu surgimento como uma alternativa ao sistema de SMS, o WhatsApp, enquanto rede social, tem como missão não só permitir a seus usuários o envio e recebimento de diversas mídias como textos, fotos, vídeos, documentos, etc. mas principalmente possibilitar que as pessoas se comuniquem sem barreiras, em qualquer lugar do mundo.

A comunicação humana, portanto, se evidencia como necessidade e o aplicativo mencionado surge para garantir e potencializar a interação entre seus usuários. Das mais diversas formas dessa interação, a que se percebe evidente nas conversas em chat é o envio e recebimento de figurinhas (em inglês: stickers), as quais são pequenas fotos (compactadas) que podem ou não vir com elementos verbais.

Para McCulloch (2019) o primeiro sistema de escrita já apresentava suas limitações (só havia palavras). Com o passar do tempo, a pontuação surge e outras formas de ornamentação também, fazendo com que a espécie humana

enxergasse a escrita com outros olhos até o aparecimento da internet, a qual potencializou toda essa evolução da escrita e comunicação entre indivíduos.

Diante disso, interagir na era digital só com usos de textos (elementos verbais) faz com que a comunicação seja um tanto simples, ou melhor, nas palavras de McCulloch (2019, p. 15) “não aceitamos mais que a escrita deve ser sem vida”. Assim sendo, o uso de figurinhas durante conversas no WhatsApp é uma realidade presente todos os dias, uma vez que usuários podem ornamentar seus discursos com esses recursos tecnológicos.

Pode-se afirmar, perante o discutido, que o uso de imagens em conversas revolucionou muito a forma de se perceber a linguagem:

A integração do texto, das imagens dos mais diversos tipos, fixas e em movimento, e do som, música e ruído, em uma nova linguagem híbrida, mestiça, complexa, que é chamada de “hipermídia”, trouxe mudanças para o modo como entendíamos não só o texto, mas também a imagem e o som (SANTAELLA, 2007, p. 286).

Dessa forma, subentende-se que interagir na era digital é perceber que a linguagem hipermidiática é uma realidade que potencializa a capacidade de comunicação humana, uma vez que além da linguagem verbal, as interações discursivas podem abarcar outros elementos como imagens, mas as figurinhas do WhatsApp, por exemplo, são utilizadas diariamente para diversos fins em situações sociodiscursivas.

5. Análise de dados e discussão

Semelhante a outras formas de linguagem usadas pelos usuários de redes sociais, como memes, as chamadas ‘figurinhas do WhatsApp’ fazem parte da realidade de

muitos usuários em suas interações discursivas diárias. Como o nome sugere, são fotos (geralmente de pessoas, animais e até desenhos) que refletem claramente uma emoção característica, como felicidade, desprezo, tristeza entre outras. No entanto, diferentemente dos memes, geralmente usados como uma postagem, as figurinhas são menores e mais compactadas, portanto, propícias à interação espontânea em diferentes situações, sempre que possível usar.

É importante observar, antes de uma análise específica, que as figurinhas podem ser classificadas em grupos: Tipo 1) as que possuem apenas uma imagem sem linguagem verbal; Tipo 2) as que contêm apenas linguagem verbal e Tipo 3) as que possuem as duas linguagens (verbais e imagens).

Quadro I – Tipos de Figurinhas

Tipo 1	Tipo 2	Tipo 3
		

Fonte: Conversa no WhatsApp do entrevistado.

Diante dessa realidade, entender como as fotos, ou melhor, figurinhas (especificamente as do tipo 1 e 3) podem ser consideradas discurso é essencial, pois já que os enunciados possuem seus elementos constitutivos, as figurinhas também os têm, revelando, portanto, sua identidade de ‘enunciado imagético’.

De acordo com McCulloch (2019), emojis, gifs (aqui pode-se incluir também as figurinhas) quando utilizados,

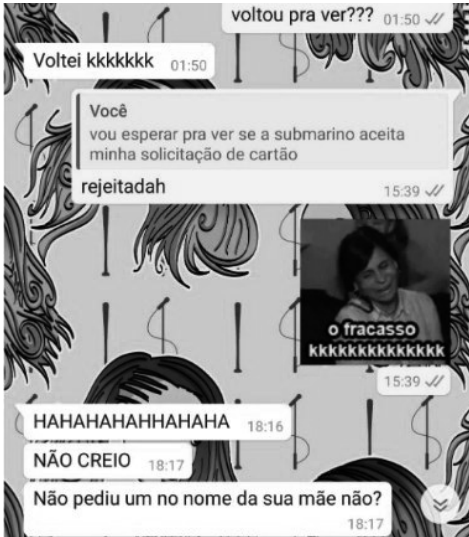
representam menos o mundo em que a espécie humana vive e mais o corpo humano e suas expressões, ou seja, eles espelham determinadas emoções que pessoas podem ter sob certas circunstâncias ou, como diria Santaella (2007, p. 50) “essas tecnologias não são tão estranhas a nós quanto parecem ser. São prolongamentos do nosso corpo e da nossa mente.”

Essa necessidade de ter algo visual que sinalize as emoções ou expressões humanas não é algo novo como se pode imaginar. Dois fenômenos estão presentes nos diálogos diariamente: a percepção visual e auditiva do interlocutor as quais são essenciais para percepção/compreensão da fala (JAKUBINSKI, 2015). Se no contexto anterior ao universo digital, essas características eram necessárias, hoje, as mídias digitais espelham essa necessidade.

Isso é sentido quando, em uma conversa no WhatsApp, é enviada uma mensagem digitada (por exemplo: ‘ok’) e o interactante não consegue sentir o tom em que foi dito esse ‘ok’, pois faltou o elemento da percepção auditiva (por isso, em alguns casos acontece o envio de áudios), mas também pode-se considerar que houve a falta do elemento visual (a expressão visual), por isso o envio dos emojis, gifs, figurinhas, etc.

Assim sendo, levando em consideração essas características primárias nos diálogos que são analisados mais adiante, o foco da análise é justamente tentar entender como as figurinhas podem agir discursivamente, ou melhor, funcionar como enunciado imagético.

Quadro II – Interação Discursiva

DIÁLOGO I: sobre solicitação de cartão de crédito, a qual foi recusada.	DIÁLOGO II: sobre a saída de um dos participantes de uma partida de jogo online
	

Fonte: Conversa no WhatsApp do entrevistado.

Nesses dois diálogos, a alternância dos participantes é percebida tanto pelos balões (verde e branco) quanto pela posição (direita e esquerda). As figurinhas nas duas conversas foram utilizadas pelo mesmo usuário (lado direito, balão verde). Para Volóchinov (2019), esse primeiro ponto, a alternância, está na existência de todo enunciado, ou seja, a presença do falante e do ouvinte (os interactantes do momento discursivo).

Além disso, o uso das figurinhas como resposta no decorrer dos dois diálogos só revela a sua ‘orientação para o outro’ semelhantemente como acontece com toda expressão linguística que está direcionada a esse outro, a sua compreensão e resposta, a percepção avaliativa do outro do diálogo (Ibidem, 2019).

Partindo desse princípio dialógico, outra característica da construção do enunciado é levada em conta: o conteúdo. Assim como, quando em um enunciado verbal, seu conteúdo

sendo privado, tirado, o que restará serão sons sem nenhuma significância (Ibidem, 2019), com as figurinhas o fenômeno é o mesmo – privadas de seu conteúdo, elas seriam apenas uma mistura de pixels sem nenhum sentido aparente.

Diante disso, entendendo que todo enunciado real contém sentido, as figurinhas (agindo como enunciado imagético) possuem também, contudo, o princípio não é tão simples, vejamos as figurinhas dos DIÁLOGOS I e II:

Quadro III – Figurinhas do WhatsApp como Enunciado Imagético

FIGURINHA DO DIÁLOGO I	Como conteúdo, pode-se perceber a presença de uma figura feminina aparentemente sorrindo acompanhada de elementos verbais (<i>o fracasso kkkkkkkk</i>). Numa primeira tentativa de interpretação, já se pode compreender que o sentido aqui pode ser de deboche, desdém, rindo nervosamente por causa da situação ou simplesmente achando graça do ocorrido – ou seja, podem variar os sentidos.
	Como conteúdo, pode-se perceber a presença de duas figuras femininas se abraçando aparentemente tristes ou felizes. Semelhante à figura do diálogo I, o sentido varia aqui também, podendo ser interpretado como: despedida, conforto, arrependimento, etc.
FIGURINHA DO DIÁLOGO II	
	

Fonte: Conversa no WhatsApp do entrevistado.

O que se pode perceber, então, é que não se pode retirar o enunciado (o enunciado imagético também) do contexto da situação discursiva uma vez que “o sentido depende por inteiro tanto do ambiente mais próximo, gerador imediato do enunciado, quanto de todas as causas e condições sociais mais longínquas da comunicação discursiva” (Ibidem, 2019).

O ambiente mais próximo que vem a gerar os enunciados imagéticos nos diálogos I e II é justamente o

contexto do diálogo em si: para o diálogo I – a solicitação de cartão de crédito, a qual foi recusada e para o diálogo II – a saída de um dos participantes de uma partida de jogo online. Essas duas situações vão impulsionar determinados posicionamentos dos interactantes do discurso, os quais, vão gerar enunciados para esses contextos na dinâmica discursiva.

Diante desse cenário, o sentido dos enunciados surge graças ao contexto em que estão inseridos, mas também graças ao princípio da conclusibilidade. A título de exemplificação, no diálogo II, ao perceber que seu parceiro deixou o jogo sem aviso prévio, o usuário (balão branco) responde *putzzzzzz* completamente ignorada, ao ler esse enunciado, o outro usuário (balão verde) consegue entender, sentir a conclusão/o fim do enunciado como se ali estivesse uma espécie de *dixi* conclusivo, ou seja, o falante, nesse caso o usuário do WhatsApp, consegue naquele momento específico (levando em conta a situação em que está inserido) falar tudo que quis, isto é, o interactante sente que o enunciado, produzido pelo outro da conversa, foi completado (BAKHTIN, 2016).

A possibilidade de responder ao enunciado '*putzzzzzz completamente ignorada*' já é prova dessa conclusibilidade; Bakhtin afirma que "o primeiro e mais importante critério da conclusibilidade do enunciado é a possibilidade de responder a ele" (IBIDEM, p. 35, 2016). É esse aspecto que se aplica às figurinhas, as quais apresentam conclusibilidade e estão em ambos diálogos agindo como resposta por parte de um dos sujeitos da situação discursiva:

Quadro IV – Figurinhas do WhatsApp como Enunciado Imagético

FIGURINHA DO DIÁLOGO I - sobre solicitação de cartão de crédito, a qual foi recusada.	O usuário, o qual fez a solicitação do cartão de crédito, ao utilizar a figurinha sabe que a situação da rejeição não foi satisfatória, por isso o elemento verbal ‘o fracasso’, mas também trata a situação de forma cômica, uma vez que não foi algo drasticamente sério como uma morte, por exemplo; isso é percebido tanto pelo elemento verbal ‘kkkkkkk’ quanto pela presença feminina aparentemente rindo. Tudo isso é sentido pelo o outro usuário (balão branco) como a conclusibilidade. A prova se mostra quando ele responde a este enunciado imagético usando “hahahahaha”.
	O usuário (balão verde), o qual sai da partida do jogo, reconhece o que tinha feito e semelhante ao seu enunciado anterior ‘perdão moh’, ele utiliza a figurinha (de duas figuras femininas se abraçando e uma delas com semblante de choro) para pedir desculpas pelo ocorrido. Ou seja, os enunciados presentes no diálogo II: • Foi sem querer real • Perdão moh • (a figurinha) São iguais em suas conclusibilidades.
FIGURINHA DO DIÁLOGO II - sobre a saída de um dos participantes de uma partida de jogo online	
	

Fonte: Conversa no WhatsApp do entrevistado.

Por fim, mas não menos importante, o tom emotivo-volitivo está presente nesses enunciados imagéticos, não que as figurinhas contenham esses tons emotivo-volitivos, mas porque, semelhante ao ato de escolher as palavras, a escolha das figurinhas parte do conjunto projetado do enunciado, o qual é um conjunto expressivo que contagia os enunciados (IBIDEM, 2016).

No processo vivo da língua, na situação em questão pelo WhatsApp, “o colorido expressivo [alegre, triste, belo, etc.] só se obtém no enunciado, e esse colorido independe do significado de tais palavras” (ibidem, p. 52, 2016). – no caso

das figurinhas, independe dos elementos constitutivos da figurinha, isto é, os usuários do WhatsApp podem (através de outros aplicativos) criar suas próprias figurinhas tendo seus próprios elementos constitutivos, contudo, só a situação discursiva é que vai dar o colorido, como afirmou bakhtin, à figurinha, pois a cada nova situação discursiva, a figurinha (assim como a palavra na língua) pode apontar para outras significações.

Esse elementos, o conteúdo/sentido, a forma (figurinhas), a conclusibilidade, o tom emotivo-volitivo possibilitam afirmar que as figurinhas são enunciados imagéticos e que, além disso, podem ser considerados como um gênero do discurso (oriundos de ambientes digitais, mais especificamente do WhatsApp), uma vez que o gênero do discurso, de acordo com Bakhtin (2016), é uma forma típica do enunciado e não da língua e que, se a espécie humana fala “apenas através de certos gêneros do discurso” (p. 38), logo, nas interações discursivas no WhatsApp, a interação só acontece através de certos gêneros do discurso – nesse caso, um deles é o uso das figurinhas.

Portanto, ao se analisar interações discursivas no WhatsApp, onde figurinhas são utilizadas como enunciados imagéticos é possível perceber que essas figurinhas transmitem mensagens tanto explícitas quanto implícitas mediante à situação discursiva em que os usuários estão inseridos. Não obstante, agindo num ambiente com diferentes mídias e que tudo está conectado, as figurinhas são utilizadas por usuários para diferentes fins, a título de exemplificação, para transmitir sentimentos de forma leve e descontraída, pois, como seres de linguagem, a espécie humana age com a linguagem – não somente de forma verbal, mas (na era digital) age hipermidiaticamente nas mais diversas formas de interação discursiva quer seja

através de um simples texto, ou por meio do uso de figurinhas do WhatsApp.

6. Considerações finais

A proposta deste estudo foi identificar a intenção comunicativa entre interactantes ao usar figurinhas em conversas de WhatsApp, entretanto salienta-se que não se tem a pretensão de esgotar a discussão, nem responder a todos os questionamentos, uma vez que estão distante de serem respondidos completamente, logo, a ideia é realimentar o debate sobre os efeitos de sentido que outras formas de expressão como imagens, sons que se utilizam de recursos tecnológicos para sua criação como gifs, emojis, figurinhas do WhatsWpp, etc. têm provocado nas interatividades da sociedade contemporânea.

A partir desta pesquisa é possível afirmar que as hipóteses sinalizadas são reais, ou seja, as figuras de WhatsApp transmitem mensagens e sentimentos de forma visual e engraçada nos chats e tornam a conversa mais leve, quando os interactantes criam suas próprias figurinhas a fim de demonstrar uma nova forma de sociabilidade e agregações sociais. Portanto, o WhatsApp, enquanto cibercultura, é uma ferramenta ou suporte tecnológico para uso no ciberespaço, inserido no meio social, que modifica a forma como os sujeitos interagem com o mundo e com o outro e como afirmou Lemos (2003, p. 01) “vivemos já a cibercultura. Ela não é o futuro que vai chegar mas o nosso presente”

Referências

- BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo bezerra; notas da edição russa de Serguei Botcharov. – São Paulo: Editora 34, 2016.
- _____. **Estética da criação Verbal**. – 4ª ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- JAKUBINSKI, Lev. **Sobre a fala dialogal**. Tradução de Dóris de Arruda C. da Cunha, Suzana Leite Cortez. – 1ª edição – São Paulo: Parábola Editorial, 2015.
- KOCH, Ingedore. **A inter-ação pela linguagem**. 11. ed., 2ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2015.
- LÉVY, Pierre. **A Máquina Universo: Criação, Cognição e Informática**. Porto Alegre: Artmed, 1998.
- LEMO, André; CUNHA, Paulo (Orgs). **Olhares sobre a Cibercultura**. Porto Alegre: Sulina, 2003.
- MARCUSCHI, L. A. Gêneros virtuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: MARCUSCHI & XAVIER, Antônio Carlos dos Santos (orgs). **Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.
- MCCULLOCH, Gretchen. **Because Internet: Understanding the new rules of language**. New York: Riverhead Books, 2019.
- ROJO, Roxane. H. (Org.). **Escol@ Conectada – os multiletramentos e as TICs**. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.
- SANTAELLA, Lucia. **Linguagens líquidas na era da mobilidade**. São Paulo: Paulus, 2007.
- VIGOTSKY, L. S. **Psicologia pedagógica**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- VOLÓCHINOV, Valentin. **A palavra na língua e a palavra na poesia: ensaios, artigos, resenhas e poemas**. Organização, tradução, ensaio introdutório e notas de rodapé de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo – São Paulo: Editora 24, 2019.

X JORNADA PEDAGÓGICA: ANALISANDO AS MARCAS DE IDEOLOGIA NA PRODUÇÃO ESCRITA

Arantes Gomes do Nascimento¹

Introdução

Este artigo tem como principal objetivo descrever uma ação pedagógica realizada pela Escola Estadual Dr. Pedro Afonso de Medeiros em Palmares, Região da Mata Sul de PE, no Curso Normal em Nível Médio, em outubro de 2009, discutindo o fazer pedagógico como prática na implementação do Currículo Integrado de Pernambuco, em consonância com o Projeto Político Pedagógico da escola, relacionando teoria à prática em oficinas pedagógicas. Mapear a X edição da Jornada Pedagógica cuja formatação centrou-se em 11 Oficinas Pedagógicas, contemplando todos os Componentes Curriculares do Curso. E, finalmente, analisar o memorial produzido pelos estudantes nas oficinas para interpretar o sentido das marcas ideológicas do discurso em títulos escritos com os mesmos elementos lexicais.

A formação de professores na modalidade Normal Médio deve, na sua proposta de curso, garantir uma

¹ Autor: Mestrando em Ciências da Educação Universidad del Sol – UNADES, Asunción/PY; Graduado e Especialista em Letras – Língua Portuguesa - pela FAMASUL; E-mail: arantescoerencia07@gmail.com; curriculum lattes: <http://lattes.cnpq.br/0971961039365975>.

formação que contemple familiarização com as tecnologias, com base no que dita a Lei de Diretrizes e Bases - LDB 9394/96.

O artigo 62 da Lei nº 9394/96- Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional- LDBEN (BRASIL, 1996) trata dos tipos e modalidades dos cursos de formação inicial de professores:

Art. 62. A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nos 5 (cinco) primeiros anos do ensino fundamental, a oferecida em nível médio na modalidade normal. (Redação dada pela Lei nº 12.796, de 2013).

[...]

§ 3º A formação inicial de profissionais de magistério dará preferência ao ensino presencial, subsidiariamente fazendo uso de recursos e tecnologias de educação a distância. (Incluído pela Lei nº 12.056, de 2009).

Sendo assim, o ensino do componente curricular Novas Tecnologias no Curso Normal em Nível Médio está pautada nos fundamentos legais e em documentos oficiais nacionais que orientam as práticas docentes.

2. Contexto de Produção

Articular os projetos existentes na escola para melhorar o rendimento das atividades de ensino-aprendizagem, essa foi a meta para 2009, apresentada pelo PPP da Escola Estadual Dr. Pedro Afonso de Medeiros, referente à

Qualidade do Ensino-Aprendizagem, pautadas nos valores de conhecimento (Saber Conhecer) e de Competências e Habilidades (Saber Fazer), necessárias ao exercício da docência.

O projeto é interdisciplinar. Teve a participação dos estudantes do primeiro ao quarto ano nos turnos manhã e tarde no período de 16 a 23 de outubro. A formatação aconteceu em 11 Oficinas Pedagógicas.

Dessa maneira, o conteúdo programático, de natureza transversal, contemplou o Currículo Integrado do Curso, fundamentado na Base Curricular Comum, da Solidariedade, do Vínculo Social e da Cidadania:

As reflexões iniciais dos Pressupostos Teóricos e Metodológicos da Base Curricular Comum configuram a solidariedade, que se afirma no vínculo social e na cidadania, como paradigma, e a identidade, vista na diversidade e na autonomia, como diretriz da proposta educacional. (PERNAMBUCO/BCC, 2008, p. 14).

Diante do exposto, a X Semana Pedagógica teve como finalidade possibilitar aos estudantes do Curso Normal Médio a compreensão teórica e metodológica do Currículo Integrado de Pernambuco (2008), dialogando com as seguintes áreas/núcleos curriculares: Linguagens Código e suas Tecnologias; Ciências da Natureza e suas Tecnologias; Ciências Humanas e suas Tecnologias e Organização e Gestão da Educação Escolar, conforme Matriz Curricular.

Um ano após a realização dessa atividade houve uma grande enchente na região, sendo a referida escola demolida como consequência. Em 2015, parte dos registros da X Jornada Pedagógica do Curso Normal em Nível Médio foram encontrados e transformados em um livro, organizado por Arantes Gomes do Nascimento, então educador de apoio, onde constam alguns registros dessa atividade exitosa.

3. Sobre o corpus da pesquisa

O livro a *Ética na Formação de Professores: Anais da X Jornada Pedagógica do Curso normal de Nível Médio*, na Escola Estadual Dr. Pedro Afonso de Medeiros, Palmares-PE foi elaborado para homenagear *in memoriam* uma ex-professora da escola, organizado por Nascimento (2015).

Nas palavras do prefaciador, Hélio Oliveira, o livro representa, portanto,

um exitoso trabalho do professor Arantes Gomes, cujo propósito maior é apresentar e discutir ideias e propostas que sirvam de subsídio aos futuros professores das séries iniciais da educação básica, visando a uma formação profissional consistente, requisito indissociável da figura docente! (NASCIMENTO, 2015, p. 14).

A estrutura do conteúdo do livro está descrita da seguinte maneira: sinopse, ementa, objetivo, objeto de estudo e produção escrita de um memorial feita pelos estudantes, totalizando 82 produções. Constam também o nome dos professores coordenadores da oficina e as referências bibliográficas. Distribuídos em quatro capítulos. Há também uma seção para os anexos.

As oficinas são descritas por área curricular, distribuídas em cada capítulo do livro com as respectivas produções textuais dos estudantes. Para Cuberes apud Vieira e Volquind (2002, p. 11), oficinas são definidas como:

um tempo e um espaço para aprendizagem; um processo ativo de transformação recíproca entre sujeito e objeto; um caminho com alternativas, com equilíbrios que nos aproximam progressivamente do objeto a conhecer.

Diante do exposto, convém destacar o caráter catalisador das oficinas como ação mediadora eficaz que relaciona o fazer pedagógico à sua prática reflexiva.

De acordo com a Matriz de Gestão Curricular do Curso Normal Médio do Estado de Pernambuco, LDB 9394/96 - Parecer CEB/CNE Nº 01/99 e Resolução CEB/CNE Nº02/99, a formação de professores/as está estruturada em áreas e núcleos curriculares, destinados a atender à formação geral e específica do professor/a em nível médio, a saber:

- Áreas de Conhecimento: Linguagens, Códigos e suas Tecnologias; Ciências da Natureza, Matemática e suas Tecnologias; Ciências Humanas e suas Tecnologias.
- Núcleos Curriculares: Organização e Gestão da Educação Escolar e Prática (NASCIMENTO, 2015, p. 23).

No exposto, temos a distribuição das áreas curriculares que formam o currículo do Curso Normal em Nível médio. A X Jornada pedagógica contemplou todos esses campos curriculares. As disciplinas foram distribuídas por oficinas. Em cada capítulo, são contempladas as seguintes áreas:

No I, temos: A ética na formação de professores, tema gerador da X Jornada Pedagógica. Na área Curricular de Linguagens e suas Tecnologias, **Oficina 1-** Ferramentas de produtividade aplicadas ao ensino de leitura e da escrita; **Oficina 2-** A aplicabilidade das múltiplas inteligências no ensino de língua portuguesa; **Oficina 3-** Trilhando caminhos: retratando gêneros textuais; **Oficina 4-** A arte de olhar e ler imagens na construção do conhecimento; **Oficina 5-** Teatro: Disciplina e ética; **Oficina 6-** Circuito de brincadeiras; Para o capítulo II, apresentamos: Ciências da Natureza Matemática e suas Tecnologias: **Oficina 7-** Universo da Formas geométricas; **Oficina 8-** Qualidade de vida: conteúdo significativo na formação do professor; No capítulo III,

destacamos: Ciências Humanas e suas Tecnologias: **Oficina 9-** Ensinar e aprender a ensinar em História; e finalizando, o capítulo IV, destacamos: Organização e Gestão da Educação Escolar: **Oficina 10-** A relação interpessoal do “eu-tu” e a **Oficina 11-** A afetividade na escola.

O objeto de análise é o memorial. Gênero textual usado pelos estudantes do Curso Normal de Nível Médio na X Jornada Pedagógica como produto final escrito. Nele foram enfatizadas as contribuições da oficina escolhida para o crescimento intelectual do estudante.

4. Metodologia

A pesquisa é qualitativa com caráter descritivo. As análises documentais foram realizadas a partir do livro A ética na formação de professores: anais da X jornada pedagógica do curso normal em nível médio, na Escola Estadual Dr. Pedro Afonso de Medeiros, Palmares PE, publicado pela editora Bagaço em 2015, organizado por Nascimento (2015). A coleta de dados foi feita a partir das oficinas pedagógicas descritas nos quatro capítulos no livro, utilizando como metodologia as contribuições teóricas da Linguística Textual (LT) e da Análise do Discurso (AD), no que se refere a identificação do mesmo elemento lexical nos títulos dos textos produzidos pelos estudantes, para compreender as marcas da subjetividade do produtor. A finalidade desta pesquisa foi avaliar como os futuros professores autoavaliam sua atuação na oficina escolhida, descrevendo as contribuições das mesmas para seu amadurecimento profissional.

5. Análise dos dados

As atividades realizadas na X Jornada Pedagógica do Curso Normal em Nível Médio foram realizadas no período de 16 a 23 de outubro de 2009 e contemplaram as seguintes ações: leituras e exposição das sinopses de cada oficina, inscrição na oficina desejada, palestra de abertura sobre o tema gerador, atividades nas oficinas, socialização das apresentações e produção do memorial.

A seguir apresentamos em dois quadros uma visão descritiva do corpus da pesquisa. No primeiro, destacamos o aspecto macro do livro a Ética na Formação de Professores: Anais da X Jornada Pedagógica do Curso Normal de Nível Médio, na Escola Estadual Dr. Pedro Afonso de Medeiros, Palmares-PE e, no segundo, delimitamos o objeto para análise.

No Quadro 1, apresentamos a generalização do corpus da pesquisa, destacando a área do componente curricular, a oficina e o quantitativo de textos produzidos sobre a oficina escolhida pelo estudante.

Corpus da X Jornada Pedagógica

Quadro 1 – Generalização do Corpus da Pesquisa

Nº	Componente Curricular	Nº	Oficina	Texto
I	Linguagens Códigos e suas Tecnologias	01	Ferramentas de produtividade	05
		02	aplicada ao ensino da leitura na escola	05
		03	A aplicabilidade das múltiplas	02
		04	inteligências no	10
		05		12
		06		16

			ensino de língua portuguesa Trilhando caminhos: retratando gêneros textuais A arte de olhar e ler imagens na construção do conhecimento Teatro: disciplina e ética Circuito de brincadeiras	
II	Ciências da Natureza Matemática e suas Tecnologias	07 08	O universo das formas geométricas Qualidade de vida: conteúdo significativo na formação do professor	08 04
III	Ciências Humanas e suas Tecnologias	09	Ensinar a aprender a Ensinar em História	04
IV	Organização e Gestão da Educação Escolar	10 11	A relação interpessoal na formação do “eu”-”tu” A afetividade na escola	13 03

Fonte: Elaborado pelo autor.

O quadro 1 destaca a oficina 6 - Circuito de brincadeiras como sendo a que mais houve identidade por parte dos estudantes na produção do memorial, 16 textos, seguida por A relação interpessoal na formação do “eu-tu” com 13 produções e Teatro: disciplina e ética com 12 textos produzidos, para um total geral de 82 textos. O campo

curricular Linguagens Códigos e suas Tecnologias aparece com o maior quantitativo de produções textuais e o maior número de oficinas seguida da Organização e Gestão da Organização Escolar. Das 11 oficinas pedagógicas, 6 estão também nesse mesmo campo, o que corresponde a 66%. Por outro lado, essa mesma área curricular é a que apresenta uma oficina com o menor quantitativo de produção escrita, apenas 02 memoriais, em Trilhando caminhos: retratando gêneros textuais.

No quadro 2, investigamos os títulos de cada memorial do corpus para refletir sobre as marcas de subjetividade do estudante descrita em cada um deles, cujas incidências são apresentadas em seus aspectos qualitativos, a saber:

Estudo de caso
Quadro 2 – Títulos iguais

Nº	Oficina	Texto
02	A aplicabilidade das múltiplas inteligências no ensino de língua portuguesa	(9) A aplicabilidade das inteligências múltiplas no ensino de língua portuguesa (10) A aplicabilidade das inteligências múltiplas no ensino de língua portuguesa
03	Trilhando caminhos: retratando gêneros textuais	Não há ocorrência de títulos iguais na oficina
04	A arte de olhar e ler imagens na construção do conhecimento	(13) Semana Diferente (16) Semana Diferente (19) Adquirindo conhecimento
06	Circuito de brincadeiras	(35) Adquirindo conhecimento (36) Adquirindo conhecimento

Fonte: Elaborado pelo autor.

Omitimos, propositalmente, o nome, ano, turma e turno dos estudantes por não atenderem ao propósito desta pesquisa. Para a análise feita no quadro 2, tomamos como referência o componente curricular de Língua Portuguesa, do campo Linguagens Códigos e suas Tecnologias que foi o único que teve duas oficinas contempladas para a mesma disciplina: oficina 2- A aplicabilidade das múltiplas inteligências no ensino de língua portuguesa e a oficina 3- Trilhando caminhos: retratando gêneros textuais.

Para o memorial, investigamos os dois textos da oficina 2, cujos títulos são escritos com os mesmos itens lexicais. O que nos leva a compreender o caráter subjetivo nos textos analisados. Destacamos em cada um deles inicialmente a sua coerência, definida segundo Koch e Travaglia (1999, p.57) como o “princípio de interpretabilidade”, pelas contribuições da LT e a capacidade discursiva pelas relações de sentido na AD, defendida por Pêcheux (CORRÊA 2002, p.61) que destaca o “interdiscurso como sendo a relação que todo discurso mantém com algo que lhe é prévio, seja ela mantida pela relação de acordo ou de conflito”. O que corrobora para o cumprimento do objetivo proposto na pesquisa: descrever os aspectos mais relevantes da vida do estudante diante da X Jornada Pedagógica. Na outra oficina de Português, conforme quadro 2, não houve igualdade entre títulos. No entanto, a ocorrência aconteceu na oficina 04, único componente da disciplina Arte.

Há duas ocorrências na Oficina 6 Circuito de brincadeiras com dois títulos iguais, inclusive com o aparecimento de um deles na oficina 4, A arte de olhar e ler imagens na construção do conhecimento.

Diante das análises realizadas, destacamos vários aspectos das marcas subjetivas nos títulos com o mesmo elemento lexical, não somente a coerência, como postula Nascimento (2008, p. 83) que “todos os textos são, a

princípio, coerentes²”, considerando algumas variantes da Linguística Textual ou ainda o aspecto ideológico do discurso proveniente da Análise do Discurso, segundo Pêcheux (CORRÊA 2002, p.61), quando descreve a relação de acordo.

Ao longo da pesquisa, podemos destacar ainda como indispensável na formação inicial do professor e da professora uma ação mediada pela prática docente. Porém, é indiscutível também a (re)formulação de políticas públicas para garantir o fomento às ações pedagógicas exitosas na escola, conforme nos remete Paulo Freire (1996, p. 47) ao descrever a educação concebida na prática social e que “ensinar não é transferir conhecimento mas criar as possibilidades para a sua própria contribuição”, que se relaciona no âmbito da formação.

6. Considerações finais

A pesquisa constitui como um relevante material sobre o fazer pedagógico na escola que relaciona a teoria à prática na perspectiva de oficinas pedagógicas. No Curso Normal em Nível Médio, a prática pedagógica configura-se, ao mesmo tempo, como elemento que transversaliza as Áreas Curriculares, devido ao próprio objetivo do Curso – a formação de professores/as –, e como um dos núcleos curriculares responsáveis pela formação do profissional em nível médio, para atuar na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

2. Esse ponto de vista corresponde àquele explicitado por Nascimento (2005, p. 64) em monografia, intitulada: Coerência ou incoerência: confrontos e similaridades, apresentada em janeiro (2005), na Faculdade de Formação de Professores da Mata Sul: FAMASUL, cidade de Palmares/PE, cuja orientadora foi Dra. Maria Francisca Oliveira Santos. Cabe destacar que o referido trabalho fora registrado na Fundação Biblioteca Nacional – Ministério da Cultura, Escritório de Direitos Autorais, em (14/01/2008).

Este trabalho reflete também a importância de a escola registrar o fazer pedagógico no fomento ao debate sobre a prática pedagógica às futuras professoras e professores do Curso Normal em Nível Médio.

Pode beneficiar não somente às futuras professoras ou professores do ensino infantil ou das séries iniciais do fundamental, mas todos aqueles têm interesse em ampliar sua prática pedagógica.

Nesse sentido, o fazer pedagógico retoma lugar de destaque nas ações mediadas pela escola. Não somente no sentido da realização das práticas, mas também na relação cotidiana entre aprendentes e ensinantes diante do conteúdo programático.

Referências

- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – nº 9394/96**. Brasília: 1996.
- _____. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio**. Brasília: MEC/Semtec, 2002.
- CORRÊA, Manoel L. Gonçalves. **Linguagem e comunicação social: visões da linguística moderna**. São Paulo: Parábola, 2002.
- EDGAR, Morin. **Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro**. São Paulo: Cortez, 2005.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra-Coleção Leitura, 1996.
- FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL– Ministério da Cultura, Escritório de Direitos Autorais. Certificado de Registro ou Averbação. **Certificado de Registro ou Averbação**. Disponível em: <<http://arquivo.bn.br/portal/index.jsp?plugin=FbnBuscaEDA>>, Acesso em: 30 jul. 2020.
- KOCH, Ingedore G. Vilça. e TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Texto e Coerência**. 6ª ed. São Paulo: Cortez, 1999.
- _____. **O texto e a Construção dos Sentidos**. São Paulo: Contexto, 2003.
- MARTINS JÚNIOR, Joaquim. **Como escrever trabalhos de conclusão de curso: instruções para planejar e montar, desenvolver, concluir,**

- redigir e apresentar trabalhos monográficos e artigos.** 3ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- NASCIMENTO, Arantes Gomes do. **Coerência ou incoerência: confrontos e similaridades.** 2005. 75 f. Monografia (Especialização em Língua Portuguesa) – Faculdade de Formação de Professores da mata Sul FAMASUL, Palmares, 2005.
- _____. **Coerência ou Incoerência?** 3ª ed. Rio de Janeiro: Câmara Brasileira de Jovens Escritores - CBJ, 2008.
- _____. (Org). **A Ética na Formação de Professores: anais da X jornada pedagógica do curso normal em nível médio, na Escola Estadual Dr. Pedro Afonso de Medeiros, Palmares PE.** Igarassu: Bagaço, 2015.
- PÊCHEUX, M. e FUCHS, C. **A propósito da análise automática do discurso (1975).** In: GADET, F. e Hak, T. (orgs.) **Por uma análise do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux.** Campinas: Ed. da Unicamp, 1990.
- PERNAMBUCO. Secretaria de Educação. **Base Curricular Comum para as Redes Públicas de Ensino de Pernambuco: língua portuguesa / Secretaria de Educação.** Recife: SE. 2008.
- PERNAMBUCO. Secretaria de Cultura e Esportes. **Subsídios para a organização da prática pedagógica nas escolas normal médio.** Recife:1992.
- _____. **Referenciais curriculares para o Curso Normal Médio.** Recife: 2006.
- PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO. **Escola Dr. Pedro Afonso de Medeiros, Eixo Qualidade do Ensino (atualização).** Palmares: 2009.
- VIEIRA, Elaine; VOLQUIND, Lea. **Oficinas de ensino: O quê? Por quê? Como?** 4. ed. Porto Alegre: Edipucrs, 2002.

A GAGUEIRA DA CRIANÇA NO CONTEXTO ESCOLAR

Ana Maria Moura Barbosa¹

Luzia de Queiroz Brandão²

Rosilda Maria Araújo Silva dos Santos³

Introdução

Este estudo teve como objetivo socializar algumas consequências da gagueira, já que é apenas um recorte de um estudo, no contexto escolar da criança, a fim de se aprofundar e contribuir para o ensino da linguagem. Enxerga-se, sem dúvida, que a gagueira é um dos distúrbios mais limitantes do indivíduo e frequentemente aparece entre 2 a 4 anos de idade. Baseado, nesse contexto, aponta-se como problemática o seguinte questionamento: o que a gagueira provoca no desempenho escolar da criança?

Esta indagação está baseada na hipótese de que pode provocar nervosismo, timidez, baixo rendimento, baixa-

¹ Graduada em Pedagogia pela Faculdade da Escada. Email:anamoura-
acja@hotmail.com

² Graduada em Pedagogia pela Faculdade da Escada. Email:luzia-
brandao1976@hotmail.com

³ Mestre em Ciência da Linguagem, professora da FAESC-Faculdade da Escada, membro do Corpo Editorial da FAESC e da AELE – Academia Escadense de Letras Email:rosilda.santos@prof.faesc.edu.br

estima, evasão escolar, bullying, vergonha, agressividade, discriminação, enfraquecimento na relação interpessoal, entre outros. Intencionando responder à inquietação, foram utilizados como procedimentos metodológicos: observação de aula e entrevista semiestruturada com 3 professores e 3 alunos gagos. Esta investigação científica amparou-se teoricamente em Azevedo (2000), que discute sobre gagueira, Medina (2016) ao falar das causas e consequências desse distúrbio e Azevedo & Freire (2014) que abordam sobre a perspectiva do tratamento com grupos de apoio para atender a gagos e promover a inclusão social.

Enfim, entende-se que o tema focalizado é expressivamente importante para ser discutido, principalmente no campo da educação, pois há casos consideráveis de evasão escolar entre os gagos e os motivos desta desistência precisam ser investigados, esclarecidos e divulgados para expandir conhecimento e buscar possíveis propostas de solução para minimizar a problemática. Aliás, a gagueira deve ser motivo de atenção para pais e professores ao perceberem que a criança está consciente da dificuldade de falar, se o problema persistir por mais tempo, faz-se necessário uma intervenção especializada para ajudar ao público-alvo deste estudo.

2. Breve contexto histórico sobre a gagueira

O processo da gagueira surgiu desde o princípio da fala, documentos apontam que a tartamudez é uma doença que afeta os seres humanos no momento que inicia a fala. De acordo com traduções do livro de Êxodo (Capítulos 6-12, Século XII A.C), encontramos relatos que dizem que Moisés era gago “lento da fala”. Pesquisas registram que, segundo Aristóteles (300 a C), antes de falar, o indivíduo colocava pedras na boca, porque achava que com isso ajudava na

comunicação. Galeno (15 a C) acreditava que o gago tinha a língua curta chegando a fazer cortes para tirar partes da língua e se preocupava com a evolução das palavras, Hipócrates (377 a.C), na época, destacava a disfemia (gaguez) eram causados pela língua muito grossa, esses conceitos seguem até o século XVII.

Nos séculos XVIII e XIX, a gagueira era vista como resultado da aprendizagem, das emoções e dos processos mentais, apontando como solução para os problemas a técnica de relaxamento e distração. As pessoas a fim de encontrarem saídas para a dificuldade faziam uso de simpatias, como: colocar peixe vivo na boca, bater com colher de pau na cabeça e usando frases. Estas práticas desencadearam novos estudos sobre tartamudez, várias ideias foram estudadas por pesquisadores e chegaram à conclusão que ao fazer cirurgia nas amígdalas curava a gagueira.

O século XX foi marcado por mudanças de paradigmas e trouxe consigo leis e avanços importantes para os indivíduos com essa deficiência, pois esclareceu o quanto essas pessoas sofriam na época. Apesar disso, muitas famílias ainda acreditavam no maldito decreto, que veio de tempos passados, o qual queria curar a gagueira com pancada e os pais, que tinham seus filhos gagos, eram obrigados a colocar, em suas línguas, travas de ferros para que parassem de gaguejar.

No século XXI, segundo pesquisas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística IBGE, no Brasil a população era de aproximadamente 191 milhões de brasileiros, sendo que desse total 5% sofrem com incidência de gagueira, o que corresponde a 10 milhões de pessoas, esclarecendo que a gagueira na forma crônica corresponde a 1%, ou seja, cerca de 2 milhões (CAVALCANTI, 2016, p.24).

Este pano de fundo é bem retratado por Fraser (2008), ao registrar que o desenvolvimento da gagueira é persistente e afeta 1% da população que corresponde a três milhões de pessoas só nos EUA – Estados Unidos da América - e 55 milhões em todo o mundo, atingindo todas as camadas sociais. Em muitos casos, a gagueira severa prejudica o indivíduo em sua capacidade de comunicação afetando as relações socioeconômicas e isto não pode ser invisibilizado, pelo contrário, a discussão é necessária a fim de contribuir para a formação de uma sociedade mais humanizada.

3. Concepções preliminares sobre a gagueira

De acordo com Azevedo (2000), a gagueira é um distúrbio na linguagem, causada por uma lesão, tal como um Acidente Vascular Encefálico (AVE), ou um traumatismo cranioencefálico (TCE). A autora (2018) enfatiza que o sujeito afásico apresenta problemas na linguagem oral e/ou escrita e fica submetido ao que está marcado em seu corpo, ou seja, a imposição do que é da ordem do neurológico. Nesse sentido, a gagueira é compreendida como um distúrbio na fluência, por alteração na temporalização de fonemas e há predomínio de pesquisas neurológicas e genéticas, em busca de sua etiologia.

Nessa perspectiva, para que a fala ocorra há uma modificação no funcionamento de determinadas partes do corpo, ou seja, órgãos são acionados para fazer essa produção de sons como forma de expressão da linguagem humana. Para isso, acontece a necessidade de uma programação neurológica que comanda uma série de contração e distinções musculares e ao mesmo tempo proporciona o movimento de órgãos para produzir a fala.

De acordo com Coutinho e Medeiros (2017, p. 39), em um artigo publicado na revista *Prolíngua*, a gagueira é um

distúrbio que compromete a produção do fluxo da fala, gerando rupturas que ocorrem involuntariamente, uma vez que são ocasionados pela dificuldade na temporalização dos movimentos articulatórios motores necessários à produção da fala. Nesse caso, por apresentar disfluência ou ruptura involuntária no ritmo da fala é considerado um distúrbio de fluência, quer dizer, a pessoa sabe o que quer falar, porém não consegue reproduzir devido à desordem motora da fala.

Este tipo de distúrbio de modo geral é muito discutido e pode ser definida como distúrbio da linguagem e muitos estudiosos apontam que não há um só tipo de gagueira, mas um espectro de muitas variações, as quais nenhuma teoria consegue responder e Goldfeld (1998, p.53) registra isso. "Por isso, até o momento nenhuma definição de gagueira é satisfatória, mas sim, comportamentos observáveis de fácil verificação por diferentes examinadores", entretanto entendemos a gagueira como um distúrbio da infância que começa e se expande, enquanto a fala e a língua vão se desenvolvendo.

Observando-se por este viés, salienta-se que ela mais se evidencia, quando a fala é interrompida por alguma razão, como hesitações, bloqueios, em qualquer situação de comunicação, inclusive na leitura, se a pessoa ficar nervosa ela aparece, mas o interlocutor, a pessoa com quem o gago está conversando, precisa entender a diferença entre uma rotina de sala de aula e pedir pão na padaria. Muitas vezes, sem querer, a reação de quem ouve atrapalha, estudiosos alegam que a reação é muito pior para o gago, pois pode chegar a impedir que ele se expresse, até porque a estrutura da linguagem do gago é perfeita, mas as rupturas e bloqueios podem chegar a comprometer a inteligibilidade dele.

Isto significa que pais e professores precisam estar atentos com a gagueira das crianças, até porque estudos defendem que crianças com 3 ou 4 anos podem apresentar

esta disfluência fisiológica, por não terem domínio de vocabulário necessário para falar tudo o que querem e ficam ansiosas ou até mesmo brigam pela atenção dos pais. De acordo com a Dra. Fernanda Papaterra, Especialista em gagueira em São Paulo, numa entrevista dada ao Dr. Drauzio Varella, pesquisas norte-americanas evidenciaram que a gagueira desaparecia em soldados que foram para a guerra do Vietnã, porque funcionava como mecanismo de distração, a preocupação com a sobrevivência não permitia que eles se preocupassem com a comunicação oral. Por esta razão, enfatiza-se a necessidade de se discutir sobre esta problemática a fim de ajudar pais, professores e muitas crianças gagas que ainda estão invisíveis por esse Brasil afora.

4. A gagueira e suas características

De acordo com Azevedo & Freire, (2014, p.4), a gagueira é classificada em disfluências normais, leves e graves. As disfluências normais acontecem quando a criança está indecisa e repetem mais de uma vez as sílabas, palavras, frases, buscando novas palavras para usar. Na infância, isso indica que a criança está em fase de aquisição de linguagem e, neste caso, nem os falantes nem os ouvintes percebem que tal fato acontece o tempo todo e em 75% das crianças, essas disfluências normais tendem a desaparecer em cerca de seis meses.

Já a disfluência leve surge com mais frequência, a criança repete e prolongam as sílabas e sons, mais de uma vez acompanhado de movimentos corporais leves, tensões no pescoço, rosto e na boca e mudanças na voz e na disfluência grave a criança gagueja mais tempo, com bloqueios, repetições, prolongamento, tensão, esforço e

movimentos para falar ficando frustrado e com medo de falar.

Neste sentido, o sujeito-gago é constituído assim na infância, em suas relações discursivas, conforme atestam Azevedo (2000); Petrusk (2013), Cavalcanti (2016); Silva (2016), da mesma forma que o sujeito-afásico se constitui a partir de uma lesão neurológica, em que passa a ter dificuldades na linguagem (AZEVEDO, 2013, p.4).

Quando a criança apresenta essa ruptura na fala, os pais devem agir naturalmente para que não haja bloqueio e não ocorram sofrimentos, a defluências compromete todo seu discurso. Em outras palavras, entende-se que o gago passa a ser refém de sua própria fala e guerreia contra as várias desvantagens, enfrentando lutas diárias, pois a pessoa gaga tem dificuldades de atender ao telefone, de falar em público e lidar com outras pessoas, pois tem consciência que ao falar vai gaguejar, destaca-se a seguir algumas características de disfluência: repetição de sílabas, bloqueio, prolongamento, repetição do som, hesitação, revisão, repetição de palavras, repetição de frases, etc.

Sob este prisma, subentende-se que se a criança apresenta uma das disfluências entre as quatro primeiras, há possibilidade de ser gagueira, principalmente se ela tiver outros movimentos associados, levantar as sobrancelhas, pisca fortes os olhos ou balançar a cabeça. Se a maioria das disfluências estiver entre 5 e 8 provavelmente, elas estão no período de aquisição do desenvolvimento da linguagem e essa disfluência não pode durar mais de 6 meses, pois uma criança que gagueja não consegue falar as letras e sílabas B, P, JÃ, JÃO, G, mas com acompanhamento fonoaudiólogo isso torna possível.

Por esta razão, é importante nunca mandar uma criança parar de falar ou completar sua fala, o melhor é esperar ela falar sem interrupções, falar depende de atenção,

pois nosso cérebro tende a usar bem as estratégias e a imitação é fundamental para a formação da fala, uma vez que existe no processo da comunicação o vai e volta, ou seja, a continuidade na fala usando as respostas que se encontram no cérebro e estas informações estão armazenadas no lado esquerdo e entre 70% a 80% a gagueira vai embora sozinha, ou seja, entre 8 a 12 anos de idade a criança pode se libertar dessa gagueira (MEDINA, 2016, p.03).

Ressalta-se, então, que os sujeitos-gagos na perspectiva de Azevedo (2013, p.147), são aqueles “que apresentam, de antemão, a certeza da gagueira e que, antes mesmo de falarem, já estão certos de que a palavra será repetida, bloqueada, prolongada”. Portanto, pensar no sujeito-gago é refletir sobre uma proposta terapêutica que o tire deste lugar e o insira em outra situação de integração social: a de sujeito-fluente, considerando a fluência como relativa, porque não há fluência linear e é sempre relativa, tendo hesitações e repetições.

5. Causas e consequências da gagueira

A disfluência na infância acontece através da ação involuntária que duram poucos meses e suas causas podem ser determinadas por um especialista da área, pois o processo pode ser considerado um ato que causa gagueira nas crianças, desencadeando um procedimento lento do cérebro no processamento da oralidade e pode dificultar a articulação de palavras nas crianças. Em outras palavras, o rápido fluxo de pensamentos em contraste com a relativa imaturidade do sistema fonoarticulatório, contribui para que a criança apresente alguma dificuldade para produzir um ritmo regular e suave em sua fala (MEDINA, 2016, p 6).

Segundo Medina (2016, p.3) no Brasil, a gagueira chega ao quantitativo de cerca de milhões de pessoas que sofrem

desses transtornos sendo que, no mundo, essa população chega a aproximadamente 70 milhões, e estes números bastante expressivos têm chamado à atenção de especialistas na área. Por este ângulo, enfatiza-se que a gagueira não pode ser considerada uma doença e conseqüentemente não existe cura e sim, tratamento, quer dizer que ela é um padrão do ritmo da fala e essa alteração parece ser de origem genética, porém pode ser minimizada ou agravada.

De acordo com a fonoaudióloga Fernanda Papa-terra Limongi, numa entrevista publicada no portal UOL, pesquisas apontam a existência de vários fatores para o surgimento da gagueira, enquanto distúrbio multifatorial, a fono destaca que ela se manifesta na infância e pode persistir na vida adulta, como sentimentos: medo e a ansiedade diante de situações que pressupõem a comunicação oral.

Salienta-se que há sentimentos que podem intensificar a gagueira, como: medo, ansiedade, insegurança, timidez, vergonha e isso ocorre por causa da resposta defensiva de congelamento ou freezing que eles provocam. A resposta aparece ao surgir dúvidas sobre como agir numa situação de perigo, por exemplo, pois o organismo restringe radicalmente a atividade, minimizando os batimentos cardíacos, pressão arterial e movimentos para a produção da fala. Ainda se destaca que fatores psicológicos não causam gagueira, mas podem acentuá-la e estudiosos defendem isto alegando que o gago não é gago porque é inseguro, mas que pode ficar inseguro, porque é gago.

Neste contexto, entende-se que a neuropsicopedagogia da aprendizagem exerce um papel importante na discussão sobre a gagueira, porém salientamos que não é o objetivo deste estudo se aprofundar, mas ressaltamos a título de esclarecimento, que ela é a ciência que estuda as relações entre o cérebro, o comportamento e os processos mentais, tais como: atenção, memória, linguagem, pensamento,

motricidade e Sampaio (2017, p. 38) descreve bem isso ao afirmar que é uma área interdisciplinar que envolve saberes de vários campos do conhecimento, como neurologia, psicologia, psiquiatria, genética e neuroimagem.

Sendo assim, acredita-se que a neurociência pode contribuir ou interferir na formação e no exercício da prática neuropsicopedagógica, ou seja, a maneira como a neurociência pode influenciar no desempenho efetivo do neuropsicopedagogo, ao lidar com os obstáculos e desafios enfrentados por alunos gags durante o processo de aprendizagem e falar sobre o processo escolar, no contexto de causas e consequência da gagueira, pode parecer incoerente, entretanto destaca-se que o objetivo da discussão é destacar que ele é um dos maiores desafios para qualificação do sistema de ensino brasileiro e a neuropsicopedagogia vem contribuir positivamente para a trajetória de alunos com insucesso escolar, auxiliando na redução da evasão e repetência escolar, inclusive do aluno gago.

Assim, a cada experiência na docência e na prática psicopedagógica fortalece cada vez mais inquietações de tentar, de alguma forma, evitar os erros cometidos por professores que, tanto na nossa infância como nas nossas experiências na escola, praticaram medidas discriminatórias com alunos que, segundo suas aspirações de escola, fugiam ao padrão de um aluno idealizado e Weisz (2001, p. 29) retrata bem isso ao defender que a escola deve refletir sobre suas práxis.

6. A gagueira e a inclusão social

A proposta da educação inclusiva não se limita apenas ao fato dos alunos com necessidades especiais fazerem parte da escola, mas sim, de lhes proporcionarem a participação ativa em todas as atividades, utilizando muito mais do que

conteúdos para o ensino e aprendizagem, mas também de valores e princípios, promovendo assim uma educação integral ORLANDA (2013 p.6), Logo, o professor deve fazer a diferença e em seus planejamentos considerar a realidade de cada aluno, quer dizer, aproveitar ao máximo o ambiente que ele está inserido para desenvolver uma aula dinâmica e acolhedora a todas as crianças, considerando em sua metodologia a mediação, que é capaz de construir o conhecimento com os alunos por meio da interação.

Importante destacar que professores/pesquisadores apresentam o mesmo interesse de discutir a gagueira sob olhar da ótica discursiva que pode ser compreendida como um discurso de formação imaginária que apresenta relação de força, que procura olhar a gagueira em grupo de apoio paralelo visando a uma atenção especial nas áreas da educação e saúde, ou seja, criar grupos de apoios para atender sob uma visão discursiva em que o sujeito seja pensante (AZEVEDO, 2000, p.118), “ não tratando a gagueira como uma doença passível de cura”.

Em virtude disso, em 1994, a Declaração de Salamanca, é um documento elaborado na conferência Mundial sobre Educação Especial, em Salamanca, na Espanha, em 1994, com o objetivo de fornecer diretrizes básicas para a formulação e reforma de políticas e sistemas educacionais de acordo com o movimento de inclusão social, que só entrou em vigor em 1996, a lei no 9.394\96, a qual é a lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB, art. 58), que contém um capítulo específico para a Educação Especial. Nela, estão assegurados os direitos de acesso, flexibilidade curricular, terminal idade específica aceleração e atendimento especializado aos alunos com necessidades especiais. Em 2014, a LDB sofreu alteração no artigo 58, delimitando os alunos com transtornos globais, deficiências e altas habilidades como beneficiários desses direitos.

Além da Lei de Diretrizes e Bases (LDB) existe um projeto de lei no Senado no 13146 de 06 de julho 2015, lei brasileira de inclusão “Estatuto da Pessoa com Deficiência” de autoria do senador Antônio Carlos Valadares (SE) essa lei busca incluir os brasileiros com dificuldades de comunicação e expressão, pois a pessoa com gagueira passa por sérios problemas na vida cotidiana, tem prejuízos pela dificuldade de interagir numa entrevistas de emprego, atender telefone entre outras atividades e as dificuldades se tornam maiores quanto mais profundas for à disfluência da fala.

Esta lei veio para diminuir as desvantagens da pessoa com deficiência e reconhecer as mudanças nessas desvantagens, aprovada em 2001 pela Organização Mundial da Saúde (OMS), essa lei considera a gagueira como uma deficiência, incluindo as dificuldades associadas à velocidade e melodia da fala. Destarte, com essa medida o sujeito com gagueira fica assegurado de todos os direitos da pessoa com necessidades especiais, inclusive no campo de ações e garante sua inserção por meio das cotas em universidades e concursos, assinala-se que este processo de inclusão é expressivamente considerável ao observarmos o contexto histórico da gagueira, mas frisa-se que ainda há muito a se fazer, pois há muitos tabus existentes na sociedade que precisam ser desconstruídos e acredita-se que a escola é uma das maiores esferas que pode colaborar com várias quebras de paradigmas.

7. Resultados e discussão

Tendo em vista que o objetivo geral da pesquisa foi averiguar as consequências da gagueira no contexto escolar da criança, este estudo utilizou-se de alguns instrumentos para coletar dados, tais como observação de aula e

entrevista semiestruturada com 3 professores e 3 alunos gagos de duas (02) escolas públicas municipais de Ribeirão /PE, entretanto acentua-se que, neste texto, há apenas um recorte da pesquisa a fim de responder a pergunta que norteou o problema da investigação, como também para confirmar ou não a hipótese levantada. No quadro 1 a seguir são apresentados alguns dados de participantes da pesquisa, os quais expressaram o que pensavam sobre a gagueira em sala de aula.

Quadro 1- Entrevistas com os professores

QUADRO DE ENTREVISTA COM PROFESSOR		
Entrevistado	Perguntas	Respostas
Professor 1	Em sua opinião, como devem ser as práticas de ensino e aprendizagem com crianças gagas? E a família é parceira no processo de ensino e aprendizagem da criança? Sim () não ()	Com acompanhamento de um profissional. Sim!
Professor 2		De formas clara e dinâmica para que envolva todas da sala de aula, com praticas voltada para oralidade das crianças. Sim!
Professor 3		Como todas as outras crianças. Sim!
Professor 1	Você conhece os sintomas da gagueira? Sim () não () quais são ?	Não
Professor 2		Sim, a crianças corta as palavras, ela fica muito isolada para não fala.
Professor 3		Não!
Professor 1	A gagueira interfere no processo de ensino e aprendizagem? De que maneira? Você já conversou com o coordenador (a) sobre essa criança? Sim () não ().	Sim, a partir do momento que ele não interage com seus colegas e professores e quanto o coordenador você já falou? Não!
Professor 2		Sim, quando a criança não conseguir ler e sua oralidade é interrompida

		por causa do transtorno. já falei com o coordenador sobre a criança a fim de ajudá-lo em suas necessidades educativas.
Professor 3		Sim, várias. Não!

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Na primeira pergunta, P1 e P3 afirmaram que consideram a criança gaga igual às outras crianças, mas acreditam que precisa de um acompanhamento profissional mais intenso, demonstrando surpresa no assunto, como se nunca tivesse parado para verificar isso em relação às necessidades específicas da criança gaga. O P2 declarou ser necessário desenvolver uma prática mais dinâmica com aulas especificamente voltadas para a oralidade das crianças a fim de contemplar o aluno gago. Sublinha-se, nesse caso, que não há pretensão de se julgar práticas pedagógicas nem condenar posicionamentos, mas frisa-se a importância de dialogar na escola sobre esta temática para que a invisibilidade do público em foco seja minimizada ou extinta.

Outro fator relevante é que os professores enfatizam em suas falas, que têm clareza do papel da família e da escola, no processo de aprendizagem do aluno, entretanto na questão 2, os professores P1 e P3 evidenciaram não ter conhecimento algum sobre o tema, visto que as respostas se assemelharam e o P3 se contradisse ao afirmar na primeira questão que conhecia o assunto, porém na segunda, desconheceu os sintomas da gagueira, caracterizando-se como um conhecimento parcial ou desconhecimento sobre o tema e no questionamento 3, identificou-se que P2 ressaltou que havia falado com a coordenação, a qual sugeriu que ela orientasse a família a procurar um fonoaudiólogo para tratar do problema, porém os demais professores não tiveram esta

visão deixando a criança vulnerável. Infere-se, então, que alguns dos professores solicitaram informações sobre o assunto para poder responder algumas perguntas, revelando muitas dúvidas, mas também interesse em ter conhecimento para poder trabalhar com as crianças gagas, revelando-se a necessidade da formação continuada sobre a temática focalizada neste estudo.

Quadro 2 – Entrevista Com Alunos Gagos

Com o propósito de entender como os alunos gagos são aceitos e tratados no ambiente escolar e familiar, inferiu-se a necessidade de entrevistá-los para entender possíveis motivos de evasões escolares.

QUADRO DE ENTREVISTA COM ALUNO		
Entrevistado	Pergunta	Respostas
Aluno 1	Como você foi recebido no ambiente escolar?	Não gostei de vim à escola!
Aluno 2		Bem recebido!
Aluno 3		Normal!
Aluno 1	Você já pensou em desistir da escola por causa das brincadeiras maldosas?	Sim!
Aluno 2		Não!
Aluno 3		Sim!
Aluno 1	A gagueira reflete alguma consequência no seu processo de aprendizagem?	Sim durante a leitura ou falar para pessoas
Aluno 2		Sim, quando estou querendo ler e falar principalmente.
Aluno 3		Não!

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Partindo da análise da entrevista com os alunos, constatou-se na primeira pergunta que o A1 notificou que não gostou da escola, o A2 salientou que foi bem recebido e o A3 disse que havia sido normal. Estas respostas esclarecem que o A1 ao deixar claro que não gostou de vir à escola, não

esclareceu os motivos, pressupondo-se que talvez baixa autoestima, vergonha ou timidez sejam um dos motivos.

Na pergunta 2, o A1 e A3 disseram que já haviam pensado em desistir da escola por causa das brincadeiras, refletindo-se, então, no excesso de faltas, ou melhor, em evasão escolar, confirmando-se que as chacotas interferem no processo de ensino e aprendizagem, uma vez que o aluno fica mal emocionalmente, sem estrutura psicológica para aprender, melhor dizendo, o bullying tem sido um dos maiores problemas na escola (FANTE & PEDRA, 2005, p.29). O A2 disse que nunca pensou em desistir da escola, a ênfase da resposta gerou uma pressuposição de que o professor é um dos motivos, que fortalece a permanência de A2 na escola, pois informalmente, na entrevista, disse que gostava de seu professor.

Observando-se a 3ª questão, sublinha-se que a gagueira reflete consequências no processo de aprendizagem e A1 e A2 comprovam isso, quando registram que na hora de ler ou falar em público, ficam nervosos por saberem que todos da sala já ficam esperando e A3 falou que nada interfere na aprendizagem e esta resposta deixou lacunas, pois este mesmo aluno disse ter pensado em desistir por causa do bullying que vivia, além de trazer em seu histórico a repetência escolar e seu professor notificou, informalmente, que ele não demonstrava interesse de estudar e que apresentava muita dificuldade na aprendizagem.

Esta observação assegurou que apesar de A3 registrar que a gagueira não interferia em sua aprendizagem, as informações não se harmonizavam, pois caracterizou que ele omitiu a resposta, isto é, não quis se expressar com a verdade por alguma razão e que o professor precisa investigar para poder contribuir para seu crescimento, pois de acordo com fonoaudióloga Silva (2016) “Em qualquer fase, o professor é como um agente social precisa entender

que não é correto discriminar a criança quando há gagueira.” Diante de toda entrevista realizada com os alunos, destaca-se que a hipótese do nervosismo, vergonha, timidez, baixo rendimento está relacionada com o estado emocional da criança, uma vez que foi declarado por eles que preferem ficar calados a terem que passar constrangimentos, isso fica evidente nas falas dos alunos que sua oralidade é comprometida por causa da gagueira.

8. Considerações finais

No transcorrer da pesquisa constatou-se que as consequências apontadas inicialmente foram confirmadas e que a gagueira provoca nervosismo, timidez, baixo rendimento, baixa-estima, evasão escolar, entre outras situações. Segundo Thomé (2019, p.9) “ uma pessoa que gagueja sente vergonha, medo de falar, timidez, ansiedade, entre outros sintomas”. Notabiliza-se que este estudo não tem a pretensão de resolver problemas, mas sim, de promover reflexões sobre esta temática e possibilitar um novo olhar para os educadores, sendo necessária, nos primeiros sinais de gagueira, uma atenção especial da escola para procurar acompanhamento com um fonoaudiólogo e grupos de apoio.

Por essa razão, ao divulgar e compartilhar resultados dessa pesquisa sinaliza-se como propósito contribuir e possibilitar para a criação de políticas públicas e que viabilizem a participação plena e os mesmos direitos de proteção social das pessoas com deficiência. Por fim, espera-se que este estudo colabore com o ensino da Linguagem ao auxiliar educadores no desenvolvimento linguístico e emocional das crianças gagas, além de considerar a possibilidade de rever os direitos dos sujeitos analisados e as políticas públicas inclusivas voltadas para este público.

Referências

- AZEVEDO, Nadia Pereira da S.G. de. **Uma análise discursiva da gagueira: trajetórias de silenciamento e alienação na língua.** Dissertação de Mestrado (Mestrado em Fonoaudiologia) – PUC-SP, 2000.
- _____. **Uma análise discursiva de sujeitos com gagueira.** Gragoatá: UFF, 2013, v. 02.
- AZEVEDO, Nadia Pereira da S.G. de. **A Gagueira sob a perspectiva linguístico-discursivo: um olhar sobre a terapia.** Tese de doutorado (Doutorado em Letras e Linguística) – UFPB-PB, 2017 n° 34. Universidade Federal da Paraíba, 2017.
- _____. & FREIRE, Maria Regina. **Escuta de crianças e adolescentes em situação de violência sexual: aspectos teóricos e metodológicos: guia para capacitação em depoimento especial de crianças e adolescentes** / organizadores, Benedito Rodrigues dos SANTOS, Gorete VASCONCELOS, (coords.), Paola Barbieri, “et l ” – Brasília, DF: EDUCB, Gragoatá. 2014, p.4, atualizado em 2015.
- _____. **Uma análise discursiva de sujeitos com afasia e gagueira.** Linguagem & Ensino (UCP el), v. 21, p. 433-463, 2018.
- CAVALCANTI, Maria do Carmo Gomes Pereira. **O trabalho linguístico-discursivo em um grupo de estudos e atendimento à gagueira infantil (GEAGI) com pais de crianças identificadas como gagas.** Dissertação de mestrado (Mestrado em Ciências da Linguagem). Universidade Católica de Pernambuco. (UNICAP) – PE, 2016.
- COUTINHO, Hertha Maria Tavares de Albuquerque, MEDEIROS Camila de Macêdo Araújo de. **Aspectos Acústico-Articulatórios na Gagueira.** Revista Prolíngua – ISSN 1983 - 9979 Página | 39 Volumes 12 - Número 1 - mar/ago de 2017. Disponível em: <file:///C:/Users/Cliente/Downloads/36630-85327-1-PB.pdf>. Acessado em: 03/05/2019.
- FANTE, C. & PEDRA, J. A. **Bullying Escolar: perguntas e respostas.** Porto Alegre: Artmed, 2005, p.29.
- FRASER, Malcolm. **Autocuidado para pessoas com gagueira.** Tradução de Rina Tereza D’Angelo Nunes. _ Salvador: EDUNEB, 2008. 178 p. Disponível em:

https://www.stutteringhelp.org/sites/default/files/selftherapy_portuguese.pdf.

GOLDFELD, Marcia. **Fonoaudiologia e ciências da linguagem - Fundamentos em fonoaudiologia: linguagem** - 2ªed. Guanabara Koogan. 2003, p. 20. Acesso em: 10/05/20019.

GOLDFELD, Marcia, **Fundamentos em fonoaudiologia: linguagem**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan;1998. p.53-68.

LIMONGI, Fernanda Papa-Terra. **Entrevista** publicada no portal UOL. Disponível em:

(<https://br.guiainfantil.com/materiais/saúde/fonoaudiologia/10-exercício-para-que-as-crianças-superem-a-gagueira/>).

_____. **Entrevista** dada ao Dr. Drauzio Varella publicada no site Registros de Médicos. Disponível em:

<https://www.registrodemedicos.com.br/dra-fernanda-papaterra-especialista-em-gagueira-em-sao-paulo/>. Acessado:08/08/2020

MEDINA, Vilma. **Como devem agir os pais diante da gagueira dos filhos**. (2016) Disponível em:

<[HTTPS://br.guiainfantil.com/materias/saude/linguagem/como-devem-agir-os-pais-diante-da-gagueira-dos-filhos/](https://br.guiainfantil.com/materias/saude/linguagem/como-devem-agir-os-pais-diante-da-gagueira-dos-filhos/)>. Acesso 14/04/2019.

ORLANDA, Taís Mendonça Tenório. **Metodologias utilizadas pelos professores do ensino regular para promover a aprendizagem dos alunos com deficiência**. (2013.p.6) Disponível em:

<https://docplayer.com.br/14495825-Metodologias-utilizadas-pelos-professores-do-ensino-regular-para-promover-a-aprendizagem-dos-alunos-com-deficiencia.html>. Acesso 14/04/2019.

PETRUSK, Larissa Santos da Silva. **Uma análise linguístico-discursiva de sujeitos que gaguejam participantes de terapia fonoaudiologia em grupo**. Dissertação de mestrado (Mestrado em Ciências da Linguagem). Recife: Universidade Católica de Pernambuco-UNICAP, 2013.

SILVA, Claudemir dos Santos. **A mudança de posição na formação discursiva em sujeitos com gagueira: uma análise discursiva**. Dissertação de mestrado. (Mestrado em Ciências da Linguagem). Universidade Católica de Pernambuco. (UNICAP) – PE, 2016.

THOMÉ, Célia Regina, **Estudo Comparativo entre a eficácia da terapia cognitiva processual com o programa de promoção da**

fluência e grupo terapêutico em fluência em adultos com gagueira: ensaio clínico randomizado. Tese (Doutorado) – Universidade Federal da Bahia. Instituto de Ciências da Saúde. Programa de Pós-Graduação em Processos Interativos dos Órgãos e Sistemas, Salvador, 2019.

WEISZ, Telma. **O diálogo entre o ensino e a aprendizagem.** São Paulo, Ática 2001, p. 29.

LITERATURA

COMPROMISSO E RESPONSABILIDADE SOCIAL: O ITINERÁRIO DA OBRA *NOSSOS OSSOS* DE MARCELINO FREIRE NA CRÍTICA BRASILEIRA

Rosembergh da Silva Alves¹

Débora Cavalcantes de Moura Clemente²

Introdução

O escritor pernambucano Marcelino Freire, após longa produção de contos, lançou em 2013 pela Editora Record, seu primeiro romance, *Nossos Ossos*, objeto de estudo deste artigo. *Nossos Ossos* conta a história de Heleno, um dramaturgo nascido, assim como Freire, em Sertânia, interior de Pernambuco, que, também a exemplo do autor, estabelece-se em Recife e, mais tarde, muda-se para São Paulo. Contudo, a ida do protagonista para a capital paulista é cercada de circunstâncias que não condizem com a sua vontade, mas de seu companheiro, Carlos; seguida do posterior abandono por Carlos logo quando chega à metrópole; e a necessidade de se restabelecer num lugar que não conhecia e longe de tudo o que amava.

¹ 1 Graduado em Letras – Faculdade Frassinetti do Recife – FAFIRE, Pós-graduado em Literatura Brasileira – FAFIRE, rosemberghalves@bol.com.br

² 2 Doutora em Letras – Universidade Federal da Paraíba – UFPB, Pesquisadora-docente na área de Letras, com ênfase na Literatura Brasileira e Língua Portuguesa, dcm22letras@gmail.com

A despeito desses acontecimentos, Heleno consegue se reerguer e alcança o sucesso na carreira teatral em São Paulo. Contudo, o abandono o conduz a buscar reconforto com os jovens michês da Estação da Luz, entre os quais encontra Cícero, por quem cria afeto, em virtude das semelhanças físicas do rapaz com Carlos e da origem também pernambucana. Heleno sofre novo abalo quando Cícero é assassinado, e a falta de alguém que reclamasse o corpo do jovem o faz ir em busca de contato com a família do michê, levando-o de volta a Pernambuco, a fim de possibilitar ao menos um sepultamento digno para o rapaz. É nesse cenário, que o protagonista passa a refletir sobre os acontecimentos que o levaram àquelas circunstâncias, e a sua capacidade de disfarçar a dor e o sofrimento.

Através dessa breve apresentação do que vem tratar a prosa longa de Marcelino Freire, e dentre os tantos elementos narratológicos que podem ser apresentados e discutidos pela crítica brasileira acerca de *Nossos Ossos*, esse artigo se justifica por abordar e divulgar temas pertinentes à análise de críticos brasileiros sobre a obra *corpus*, amparados em estudos e teóricos da literatura contemporânea.

Para compor o itinerário crítico do *corpus* desta revisão bibliográfica foram trazidos doze estudos à discussão: Bezerra (2014), a qual trata da contemporaneidade e do antigo no herói; Valente Junior (2014), que se propõe a detectar a situação da violência como elemento da contemporaneidade na narrativa de Freire; em consonância com Teles (2017), que analisa a banalização da violência na sociedade moderna.

Já Zandoná (2015), nos apresenta o romance como uma narrativa que transita pelas memórias e experiências do dramaturgo Heleno, o qual confina-se à margem num espaço invisibilizado. Em conformidade, Markendorf e Zandoná (2017) discorrem sobre o mote do amor perdido

que parece compor um *leitmotiv* (do alemão, motivo condutor) nesta obra de Freire, enfatizando o caráter de exclusão social vivido pelas personagens. Silva (2017) expõe *Nossos Ossos* como ponto de partida para um estudo das formas convencionais que estruturam alguns textos literários acerca da homossexualidade; Nascimento (2017) traz à discussão a ideia de que a morte pode representar a vida no texto literário a partir da elucidação de três elementos: representação, narrador e morte; Angeli e Machado (2017) apresentam o *corpus* como uma narrativa poética, ou seja, uma narrativa em prosa cuja ação e efeito remetem ao poema; e Ivo (2016) versa de forma generalizada sobre os elementos constituintes do primeiro romance de Freire.

Não menos importante, Soares e Lopes do Vale (2017) demonstram os espaços de violência e subalternidade em que as personagens travestis são caracterizadas nos romances contemporâneos, como forma de evidenciar essas obras e (re)pensar as diversas configurações dessas personagens no texto; exemplificando-se entre outros romances, *Nossos Ossos*. E Zilberman (2017), destaca a presença de Freire como finalista aos prêmios literários nacionais, e as indicações de *Nossos Ossos* nos concursos promovidos por entidades de fomento à literatura nacional contemporânea. Finalizando o trajeto da crítica, para a compreensão da obra e da escrita do autor, Nunes da Costa (2017) se propõe a refletir sobre as múltiplas faces de Freire, considerando tanto seus escritos, em especial aqueles que não foram publicados por grandes editoras, como outros projetos por ele desenvolvidos.

De acordo com estes pesquisadores, todas essas temáticas e abordagens estão inseridas na obra *Nossos Ossos*. De tal modo, amparando-se nesses críticos, a proposta desta revisão bibliográfica é de realizar uma breve descrição do

que esses autores trazem de dados e informações sobre o *corpus* escolhido e apresentar o percurso desta obra de Marcelino Freire, por meio da crítica brasileira atual. Com esse objetivo, identificar os principais temas tratados e discutidos pela crítica, em *Nossos Ossos*, elencados em ordem cronológica de publicação (2014 a 2017). Além de traçar um itinerário da obra através da leitura e exposição de doze estudos críticos, refletindo como Freire retrata com competência, compromisso e responsabilidade as temáticas sociais nesta narrativa.

2. Metodologia

O presente artigo é uma revisão de literatura realizada por pesquisa bibliográfica, que ocorre através da fundamentação teórica amparada em temas e assuntos verificados por críticos e pesquisadores na obra *corpus Nossos Ossos* (2013), de Marcelino Freire. Por meio da análise da literatura publicada entre os anos de 2014 e 2017 é traçado um levantamento teórico, que traz estruturação conceitual de revisão e dá sustentação ao desenvolvimento do artigo. A metodologia usada por pesquisa bibliográfica é baseada na análise da literatura já publicada em forma de livros, artigos e literatura cinzenta (teses, dissertações, monografias, trabalhos apresentados em congressos, eventos científicos, etc.). Deste modo, para dar suporte ao percurso do *corpus*, por meio da crítica brasileira atual foram trazidos doze estudos à discussão: Bezerra (2014), Valente Junior (2014), Zandoná (2015), Ivo (2016), Angeli e Machado (2017), Markendorf e Zandoná (2017), Nascimento (2017), Nunes da Costa (2017), Silva (2017), Soares e Lopes do Vale (2017), Teles (2017) e Zilberman (2017).

3. Itinerário crítico da obra *Nossos Ossos*

De acordo com os pesquisadores mencionados anteriormente, há no *corpus* um leque de temáticas e abordagens possíveis. Assim, apoiando-se nesses críticos, a proposta deste artigo é a de traçar o percurso da obra *Nossos Ossos* de Marcelino Freire através da crítica brasileira.

Iniciamos o itinerário crítico do *corpus* com Bezerra (2014), que busca apontar o caráter heroico de Heleno, introduzindo uma retrospectiva do gênero romanesco, levando-se em consideração a abordagem que atribui à epopeia a origem do romance, com a finalidade de fundamentar a relação que pode ser feita entre as obras contemporâneas e os clássicos da literatura. A pesquisadora assinala os componentes da narrativa que contribuem para uma leitura capaz de recuperar, em um texto contemporâneo, elementos épicos e antigos, como a viagem que Heleno planeja fazer ao interior de Pernambuco para, a princípio, sepultar o corpo de Cícero, a qual resgata a convicção do herói Ulisses de retornar ao lar na epopeia homérica. Posteriormente, são tecidas considerações a respeito da arte teatral a qual Heleno é dedicado e a influência dessa arte no seu cotidiano, que se manifesta enquanto modo de encarar a realidade e como artifício para lidar com os mais diversos problemas. Por fim, identifica-se em Heleno os aspectos que o classificam como herói da modernidade, ressaltando-se sua capacidade de superação das dificuldades impostas e sua relação com o submundo da cidade. Para tanto, utilizou-se como fundamentação teórica o conceito de herói moderno descrito por Walter Benjamin (2000), com base em sua investigação acerca da obra do poeta, teórico e crítico francês Charles Baudelaire.

Através desse estudo, Bezerra (2014) constatou que é pertinente uma leitura que retome elementos clássicos e

antigos, ao passo que também é rica a apreciação de fatores contemporâneos, visto que, entre outros aspectos, o protagonista pode ser reconhecido tanto por seu caráter de herói moderno quanto pela expressão de características que remontam à literatura e a tempos pretéritos.

Já Valente Junior (2014), levanta a problemática da violência na narrativa contemporânea de *Nossos Ossos* evidenciando o cenário cruel do espaço urbano como expressão e reflexo de um mundo sem afeto. Dessa perspectiva decorre a legitimação de narrativas responsáveis por trazer à tona fatos que lançam os excluídos do processo produtivo da máquina capitalista à margem da sociedade, eliminando-os.

Portanto, para o autor do artigo, a cidade ocupa uma posição definida em *Nossos Ossos*, quando Cícero, o garoto de programa assassinado deflagra em Heleno um sentido de humanização, a partir do envio de seu corpo à família, no sertão de Pernambuco. Do contrário, as gavetas do necrotério deveriam ser esvaziadas com um mês, sendo os mortos sem parentes incinerados pela prefeitura. Verifica-se com isso, que a ordem pública se apresenta implacável, ratificando seu descaso para com os excluídos, o que concorre para que se aprofunde o desamparo desses indivíduos marginalizados e condenados à exclusão social. Mesmo assim, a cidade grande continua atraindo levadas de nordestinos, que migram em busca de sonhos, uma vez que em São Paulo encontram-se as oportunidades que em Recife não poderiam ser oferecidas. De acordo com Valente Junior (2014), a obra, no plano narrativo, assume as marcas da violência contemporânea de modo a fazer com que a tragédia humana atue evidenciando o lugar dos seres em queda, no espaço improvável da cidade que os atrai. Demonstrando assim, que o fascínio por uma das maiores cidades do planeta se contrapõe ao que representa a

precariedade das condições no Nordeste, a partir da superação de barreiras por todos os que têm ambições.

Seguindo na mesma temática, Teles (2017) analisa e discute a recorrência da violência em nossa sociedade, procurando entender como a partir da modernidade ela parece ter se banalizado e como influencia a produção literária atual. O pesquisador procura amparo em aportes teóricos sobre a modernidade nos textos de Berman (2007), Bauman (1998) e Giddens (1991), além de trazer questionamentos em relação ao mal nas cidades e de como na obra, a partir das memórias do narrador, contrapõe-se cidade grande e sertão pernambucano. Teles (2017) tenta também identificar a relação entre *Nossos Ossos* e a literatura dos anos 30, e em seguida, analisa como esse tema tem fomentado a escrita de Freire. Em outro momento, o pesquisador trata da relação entre corpo, crime e literatura, apontando a relação entre o corpo do romance e os elementos da narrativa policial, e na sequência, aprofunda a discussão entre personagens que representam sujeitos ciborgues, traçando a relação entre corpo e máquina.

Conforme Teles (2017), justificar a banalização das práticas violentas e de seus retratos na sociedade atual é perceber de que forma esse fenômeno está intrincado entre tantas outras questões como a fragmentação do sujeito, os desmandos e contradições do Estado e as desigualdades sociais. Fazendo-nos perceber, portanto, que a violência acaba se tornando um grande tema propulsor da produção artística.

Zandoná (2015) traz à discussão o modo como as personagens (gays, garotos de programa, travestis, idosos, jovens) da obra de Freire vivem e transitam à margem da sociedade em espaços chamados de invisibilizados como: guetos, ruas, motéis e outros lugares entre as “zonas fantasmas” e os espaços de fluxos da cidade grande; que

segundo Bauman (2009) são espaços onde residem perigos, pesadelos, criminosos, violências. Para Miskolci (2009), esses indivíduos se transformam ao longo dos anos e (des)controem suas identidades, reinventam seus corpos e lidam com violências invisíveis. Markendorf e Zandoná (2017) reafirmam o caráter de exclusão social vivido pelos personagens de Freire, e a carência produzida pela falta ou ruptura com a instituição amorosa, algo que produz consequências acentuadas sobre as paixões humanas e a vida comunal, como pano de fundo para o mote do amor perdido, compondo-se um *leitmotiv* em toda a obra de Freire. Essa técnica, utilizada pelo autor, consiste no uso de um ou mais temas que se repetem sempre, relacionada a uma personagem ou a um assunto e que reaparece de modo constante na obra literária para expressar uma preocupação dominante. Esta marca na escrita do autor é basilar nas coletâneas de contos, especialmente na obra *Amar é crime*, lançada em 2011, projeto no qual merece destaque a narrativa breve *União Civil*, em que, pontos de contato se estabelecem com *Nossos Ossos*, antecipando elementos que foram desenvolvidos, mais tarde, na forma de romance ou prosa longa.

De acordo com Silva (2017), o romance em questão trata de uma história na qual a homossexualidade faz parte de sua moldura; que é importante tanto para a identificação dos personagens quanto para a própria trama. Além disso, a análise crítica enfatiza alguns aspectos cruciais dessa moldura através das formas adotadas pela narrativa, para contar uma história que se sustenta a partir de determinados saberes sobre a experiência homossexual. O crítico trata também da confissão como forma narrativa peculiar de estudos literários focalizados na temática LGBT, além da concentração dos/as intérpretes nos problemas da subjetividade e da representação de uma classe minoritária.

Nascimento (2017) sublinha que o *corpus* possui elementos artísticos, estéticos e literários, cujo diálogo se dá com a interposição do narrador Heleno e a trama desde sua vida em Pernambuco, a relação com sua família, seu primeiro amor até a mudança para São Paulo e seus encontros eróticos/afetivos. Conforme Benjamin (1987), a leitura da narrativa é apresentada por meio de um fio condutor da forma e do conteúdo do texto literário: a morte. Portanto, a análise do crítico compreende a morte ao mesmo tempo como narrador e temática em *Nossos Ossos*, além de outras questões abordadas como: o homoerotismo e a violência, marcas da escrita do autor.

Na perspectiva do texto literário, Angeli e Machado (2017) apresentam *Nossos Ossos* como uma mistura de narrativa e lírica, ressaltando que nas narrativas poéticas, o ‘eu lírico’, transformado em protagonista de uma narrativa, recria o mundo através de seu ponto de vista. Neste sentido, no modo lírico, o espaço não é concebido a partir de um mundo exterior, mas do universo interior do poeta, de sua visão tornada imagem, em que o mundo é reduzido a um aspecto lírico. As autoras levam-nos para outro caminho, à forma da mensagem. Contudo, Freire, por ter consciência de que não escreveu um romance “comum”, refere-se a *Nossos Ossos* como “prosa longa”, e afirma que não se trata de uma combinação entre narrativa e poesia, mas o que está entre as duas.

Enquanto Ivo (2016), nos apresenta um panorama geral do livro. O título do seu artigo já se mostra polêmico quando questiona: “*Nossos Ossos* é um romance que traz um quebra-cabeça ou um quebra-cabeça na forma de um romance?”. O artigo é iniciado com a fala de outro escritor pernambucano, Raimundo Carrero, e logo depois, aborda de forma sucinta obras anteriores de Marcelino Freire, através de uma breve biografia profissional. Em seguida, o crítico

nos relata como o autor reconhece sua obra, chamando-a de “prosa longa” em oposição à primeiro romance, denominando-a de uma história sobre a morte, temática verificada tanto no título quanto nas ilustrações da capa. Um outro ponto que merece destaque é a orelha do livro, a qual, diferente do que ocorre em muitas obras, traz a assinatura do próprio narrador-protagonista, Heleno de Gusmão, em depoimento a Paulo Lins, escritor brasileiro que ganhou fama com a publicação do livro *Cidade de Deus*, em 1997. Ainda nesse seu depoimento, Heleno se reconhece como um ser ficcional, inventado por Freire, fazendo-nos questionar sobre o fictício e um sujeito real. No que concerne à forma, em *Nossos Ossos* ecoam a economia e a concisão encontradas nos contos de Freire. O romance é composto por 34 breves capítulos (22 na “Parte Um” e 12 na “Parte Outro”) distribuídos em 120 páginas; e são frequentes também, as marcas da oralidade e a presença de personagens historicamente condenadas ao silêncio.

Segundo Ivo (2016), cabe ressaltar que esse romance se afasta também do modo clichê de finalizar histórias. Pois, assim como em uma peça de teatro, a tragédia do dramaturgo Heleno é finalizada não com um “Fim”, mas com um “Cai o pano”. Sendo assim, *Nossos Ossos* poderia ser mais uma peça escrita e, neste caso, encenada pelo protagonista, nos fornecendo elementos para as mais diversas leituras e interpretações sobre a forma e o conteúdo deste livro de Freire.

Soares e Lopes do Vale (2017) após mapeamento e análise dos dados (título da obra, autor (a), editora, personagens (protagonistas e secundárias) e ano de publicação) de 39 romances, publicados entre 2002 e 2016, observaram que em *Nossos Ossos* há uma personagem travesti, Estrela. No entanto, constataram, que a maioria das personagens travestis na narrativa contemporânea

brasileira ocupa o espaço de prostituição, da rua, da exclusão social, da prisão e do entre-lugar. Os pesquisadores evidenciaram também, a capacidade da literatura em mistificar e criar fronteiras entre esses espaços, construídas a partir de estereótipos, para o bem de narrativas com espaços “higienizados” e “comportados”. Complementando que, embora a literatura contemporânea brasileira esteja inteiramente ligada à multiplicidade de vozes e aos problemas sociais de nosso tempo, a personagem travesti ainda é representada como o “outro” nos discursos sociais.

Para dar destaque à obra e ressaltar a importância de Freire no cenário literário atual, Zilberman (2017) evidencia *Nossos Ossos* como um dos romances que recebeu o maior número de indicações em 2014 aos grandes prêmios literários nacionais (Jabuti, Passo Fundo Zaffari & Bourbon de Literatura, Portugal Telecom de Literatura, e São Paulo de Literatura), os quais representam instituições privadas, públicas e organizações não governamentais. A autora verificou quais obras apareceram com mais frequência na condição de finalistas a cada ano. Neste aspecto, os prêmios literários podem ser um excelente estímulo para o desenvolvimento de uma literatura nacional. Freire já havia ganhado o Prêmio Jabuti em 2006 na categoria “Melhor Livro de Contos”, com *Contos Negreiros*. E em 2014, recebeu o laurel de “Melhor Romance”, com *Nossos Ossos* no Prêmio Machado de Assis, da Biblioteca Nacional, que, desde 2008, confere o prêmio ao melhor romance. Ela, ainda pontua algumas características relativas aos romances contemporâneos vencedores desses prêmios literários nacionais, com ênfase para *Nossos Ossos*, como a ausência de contraponto das personagens e a redução da margem dos conflitos, em que o enredo seria deixado por conta dos vagares interiores e exteriores do protagonista. Portanto, supõe-se, que o romance figura e constitui a face mais visível e valorizada da

literatura brasileira contemporânea. E que examinar os premiados, colabora para se entender o que – em termos de autores e obras – é considerado mais representativo da produção atual.

Concluindo-se essa revisão bibliográfica, se faz necessário trazer à discussão Nunes da Costa (2017), que nos descreve Marcelino Freire e a sua composição literária procurando problematizar tanto seus escritos de menor repercussão, como também outros projetos por ele desenvolvidos a fim de repensar e intervir no cenário de produção e circulação da literatura.

4. Considerações finais

A motivação para pesquisar o escritor pernambucano e a obra *Nossos Ossos* deve-se, por um lado, a intensa mobilização do escritor no sentido de estimular novos espaços de produção e circulação da palavra literária. Mas, também tem o intuito de fomentar a outra face de Marcelino Freire, aquela que traz por finalidade contribuir para a produção de novas subjetividades a partir de encontros para além do espaço do livro, procurando mobilizar outros escritores, artistas e leitores em prol de uma cena literária mais democrática e diversa, seja ela, local, regional, nacional, ou até mesmo internacional.

Referências

- ANGELI, Jéssica Domingues; MACHADO, Guacira Marcondes. O poeta enrustido: narrativa e poesia em *Nossos ossos*, de Marcelino Freire. **Signótica**, Goiânia, v. 29, n. 1, p. 218-241, jan./jun. 2017.
- BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Trad. Mauro Gama e Cláudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

- BAUMAN, Zygmunt. **Confiança e medo na cidade**. Trad. Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- BENJAMIN, Walter. O narrador. In: **Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Editora Brasiliense. Trad. Sergio Paulo Rouanet. Volume I. 3ª Ed. 1987.
- BENJAMIN, Walter. A modernidade. In: BENJAMIN, Walter. **A modernidade e os modernos**. 2.ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, p. 7-36, 2000.
- BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar**. Trad. Carlos Felipe Moisés, Ana Maria L. Ioriatti. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- BEZERRA, Anna Lucena. **A contemporaneidade e o antigo no herói em *Nossos ossos*, de Marcelino Freire**. Monografia (licenciatura em Letras Português e Respectiva Literatura), Universidade de Brasília, Brasília-DF, 2014.
- FREIRE, Marcelino. **Nossos Ossos**. Rio de Janeiro: Record, 2013.
- GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. Trad. Raul Fiker. São Paulo: Editora UNESP, 1991.
- IVO, Tatiane Pereira de Santana. *Nossos ossos*, o quebra-cabeça ou primeiro romance de Marcelino Freire. **Revista Crioula USP**, nº 17, p. 1-4, junho de 2016.
- MARKENDORF, Marcio; ZANDONÁ, Jair. Duas margens esquerdas de um mesmo rio: uma leitura da poética marginal em *Nossos ossos*, de Marcelino Freire. **Cadernos de Estudos Culturais**, UFMS, p. 191-208, 2017.
- MISKOLCI, Richard. Violências Invisíveis. In: TORNQUIST, Carmen Susana; COELHO, Clair Castilhos; LAGO, Mara C. de S; LISBOA, Teresa K. (Orgs.). **Leituras de Resistência: Gênero, Violência e Poder**. Florianópolis: Editora Mulheres, Vol 1., p. 265-289, 2009.
- NASCIMENTO, Henrique. *Nossos ossos*: representação, narrador e morte. In: I Seminário Internacional de Estudos de Linguagens & XIX Semana de Letras. **Anais**, UFMS, p. 147, 20 a 22 de novembro de 2017.
- NUNES DA COSTA, Tatiana de Almeida. **Marcelino Freire em cena: o escritor entre a ação e a atuação**. Tese (doutorado em Literatura, Cultura e Contemporaneidade), Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro-RJ, 2017.
- SILVA, Leandro Soares da. A tradição da convenção: *Nossos ossos*, de Marcelino Freire. **Letras Escreve**, Macapá, v. 7, n. 4, 2º semestre, p117-144, 2017.
- SOARES, Luiz Henrique Moreira; LOPES DO VALE, Rosiney Aparecida. Ela é amapô de carne, osso e palavras: personagens travestis no

romance contemporâneo brasileiro. **Revista do Instituto de Políticas Públicas de Marília**, Marília, v.3, n.1, p. 79-96, Jan./Jun., 2017.

TELES, Euler Lopes. **Nossos ossos**: a violência em Marcelino Freire. Dissertação (mestrado em Letras), Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão-SE, 2017.

VALENTE JUNIOR, Valdemar. O cenário de uma tragédia. **Nonada: Letras em Revista**, vol. 2, núm. 23, p. 242-244, 2014.

ZANDONÁ, Jair. O dissonante rapto de Heleno. In: II Desfazendo gênero. **Anais**, Simpósio 49, Universidade Federal da Bahia, p. 1-4, 4 a 7 de setembro de 2015.

ZILBERMAN, Regina. O romance brasileiro contemporâneo conforme os prêmios literários (2010-2014). **Estudos de literatura brasileira contemporânea**, n. 50, p. 424-443, jan./abr. 2017.

APRENDIZAGEM

ATUAÇÃO DO NEUROPSICOPEDAGOGO E DO PSICOPEDAGOGO NO DESENVOLVIMENTO DAS CRIANÇAS COM DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM

Maria Clara Menezes de Oliveira¹

Michely Dayana Guedes Alves de Almeida²

Valderês da Conceição do Monte³

Introdução

As pesquisas da neurociência nos últimos anos têm investigado sobre o funcionamento do cérebro, e sua repercussão em relação à atenção, percepção e memória, no que concerne à aprendizagem dos indivíduos, em especial daqueles com algum transtorno, distúrbio ou dificuldade de aprendizagem. Revelando assim sua estreita ligação com a educação, quando se utiliza do cérebro para investigar o desenvolvimento da aprendizagem por meio de atenção, estimulação e percepção, mostrando, por exemplo, maneiras de identificar as crianças que não conseguem, aprender a ler.

Logo, a prática pedagógica escolar frente as dificuldades de aprendizagem dos alunos, precisa ir além das vivências dos conhecimentos científico/ciências, e considerar os conhecimentos produzidos pela neurociência sobre a forma de como o cérebro aprende. Demonstra-se, portanto, significativa e expressiva contribuição na melhoria do desenvolvimento e desempenho dos alunos. Por isto, a

escola precisa se apropriar, fazer uso destes conhecimentos, seguido de vários métodos, e ainda, de profissionais que possa utilizá-lo, que certamente promovera o desenvolvimento das competências e habilidades que os alunos necessitam.

Neste sentido, a neuropsicopedagogia e a psicopedagogia podem contribuir, por ser de um campo de conhecimento que lidam com as dificuldades de aprendizagem. A psicopedagogia trabalha com as dificuldades e a diversidade de fatores que contribuem para tal, podendo estes ser de origem orgânica, cognitiva, emocional, social ou pedagógica (PEDRO, 2018). As intervenções que faz na escola é sempre da ordem do conhecimento relacionado com o processo de aprendizagem, ou seja, atua nas funções pedagógicas, técnicas e aprimoramentos de ações didáticas em sala de aula auxiliando o professor.

A neuropsicopedagogia estuda o sistema nervoso e sua atuação no comportamento humano, tendo como enfoque a aprendizagem. Este profissional entende como o cérebro recebe, seleciona, transforma, memoriza, arquiva, processa e elabora as sensações captadas pelos diversos elementos sensoriais, para a partir desse entendimento, poder adaptar as metodologias e técnicas educacionais as pessoas e, em especial, aquelas com características cognitivas e emocionais diferenciadas (PEDRO, 2018). Daí ser imprescindível no âmbito escolar, pois além de entender como se dá a aprendizagem, tem conhecimento sobre o funcionamento do cérebro e suas capacidades para atuar diretamente na aprendizagem dos alunos.

Com base nesse entendimento o presente estudo objetiva investigar qual a atuação do neuropsicopedagogo e psicopedagogo na compreensão dos obstáculos e desafios enfrentados pelos alunos com dificuldades de aprendizagem.

2. Psicopedagogia e Neuropsicopedagogia

A psicopedagogia surgiu da união dos saberes de duas áreas, a psicologia e a pedagogia, trata do estudo e atuação em ambos os segmentos educação, saúde, sociedade e família”, utilizando os mais variados recursos e áreas dos saberes humanos para o melhor desenvolvimento no processo de aprendizagem e afins.

De acordo com o código de Ética da Associação Brasileira de Psicopedagogia (1991/1992):

- Artigo 1º a psicopedagogia é um campo de atuação em Saúde e Educação que lida com a aprendizagem humana; seus padrões normais e patológicos, considerando a influência do meio - família, escola e sociedade - no seu desenvolvimento, utilizando procedimentos próprios da psicopedagogia.
- Artigo 2º A Psicopedagogia é de natureza interdisciplinar. Utiliza recursos das várias áreas do conhecimento humano para a compreensão do ato de aprender, no sentido ontogenético e filogenético, valendo-se de métodos e técnicas próprios.
- Artigo 3º O trabalho psicopedagógico é de natureza clínica e institucional, de caráter preventivo e/ou remediativo.

Assim, o psicopedagogo possui a relevante característica de ensino e aprendizagem, mediante sua formação pode identificar, diagnosticar, intervir e até prevenir as possíveis dificuldades de aprendizagem que o aluno possa vir a ser cometido.

A psicopedagogia é uma área de estudo da neuropsicopedagogia que avalia, diagnóstica, estuda e interveio frente a aprendizagem humana e suas intercorrências considerando a compreensão do sujeito enquanto aprendiz,

dotado de complexidades, peculiaridades e inseguranças, sendo obrigado a tomar decisões avaliativas além ou aquém de sua realidade cognitiva.

A Neuropsicopedagogia surgiu como uma nova área do conhecimento e pesquisa na atuação interdisciplinar, adquirindo conhecimentos neurocientíficos e tendo seu foco nos processos de ensino aprendizagem, procurando obter informações de todas as ciências que possam contribuir para formar o entendimento mais detalhado da aprendizagem de cada indivíduo. Assim a neuropsicopedagogia reúne conhecimentos da neurociência, psicologia e pedagogia realiza um trabalho de prevenção, pois avalia e auxilia nos processos didáticos-metodológicos e na dinâmica institucional para que ocorra um melhor processo de ensino-aprendizagem.

A Neuropsicopedagogia é uma ciência que estuda a relação entre o funcionamento do sistema nervoso e a aprendizagem humana. Para isso, busca relacionar os estudos das neurociências com os conhecimentos da psicologia cognitiva e da pedagogia. Seu objetivo é promover a reintegração pessoal, social e educacional a partir da identificação, do diagnóstico, da reabilitação e da ação de dificuldades e distúrbios da aprendizagem.

Segundo Rubinstein (2007), a neuropsicopedagogia, está inserida no contexto em que se desenvolve o processo de aprendizagem; a leitura dos problemas que emergem da e na interação social voltada para o sujeito que aprende; busca compreender os fatores que intervêm nos problemas, discriminando o particular e o geral, o específico e o universal, na busca de alternativas de ação para uma mudança significativa nas posturas frente ao ensinar e ao aprender, pautada em uma essência específica e diferenciada da psicopedagogia.

Neste contexto, o neuropsicopedagogo institucional apresenta sua contribuição de saberes nas neurociências,

agregando as descobertas dos psicopedagogos, elaborações de pareceres e propostas de ações pedagógicas coletivamente, também de acordo com sua formação.

3. O Neuropsicopedagogo e o Psicopedagogo no processo de aprendizagem das crianças com dificuldades

O Neuropsicopedagogo é o profissional indicado para assessorar a escola a respeito de diversos aspectos do processo de ensino-aprendizagem e tem uma atuação preventiva. Já o psicopedagogo poderá contribuir no esclarecimento de dificuldades de aprendizagem que não têm como causa apenas deficiências do aluno, mas que são consequências de problemas escolares/familiares. Seu papel é analisar e assimilar os fatores que favorecem, intervêm ou prejudicam a qualidade da aprendizagem do aluno. Propõe e auxilia no desenvolvimento de projetos favoráveis às mudanças educacionais, visando evitar processos que conduzam às dificuldades da construção do conhecimento.

O Neuropsicopedagogo por deter um conhecimento mais amplo que o psicopedagogo contribuindo de forma decisiva no processo de aprendizagem. Ele sabe que, quem ensina, ensina a “alguém”. Portanto, o docente precisa ajustar o seu modo de ensinar, a melhor forma de como esse “sujeito” aprende. Pois as dificuldades de aprendizagem quase sempre se apresentam associadas a problemas comportamentais, emocionais e neuronais. Para identificá-las o neuropsicopedagogo faz um diagnóstico da situação para chegar ao problema. Após a análise do aluno o neuropsicopedagogo irá aplicar um projeto de intervenção junto com a equipe pedagógica para trabalhar/estimular o problema do aluno e assim chegar a um resultado satisfatório.

Para Hennemann (2012, p.6) a neuropsicopedagogia é um novo campo de conhecimento que através dos conhecimentos neurocientíficos, anexados aos conhecimentos da pedagogia e psicologia vem contribuindo para os processos de ensino-aprendizagem de indivíduos que apresentam dificuldades de aprendizagem.

Assim, entender os processos internos (neurofisiológicos) que estão envolvidos no desenvolvimento cognitivo, psíquico e social do sujeito, que caracterizam sua forma de aprendizagem, seus mecanismos e ações internas é determinante para os processos externos de intervenção pedagógica, psicológica e neuropsicopedagógica, que objetivam a reorganização e potencialização no processo de aprendizagem.

4. Metodologia

A abordagem da pesquisa é qualitativa descritiva. O instrumento de coleta de dados foi à entrevista semiestruturada. Os sujeitos foram quatro profissionais especialistas em neuropsicopedagogia (N1, N2, N3 e N4), e escolhidos por atuarem na área.

5. Resultados e Discussão

As entrevistas realizadas com os sujeitos acerca da concepção de Psicopedagogia e Neuropsicopedagogia revelaram que os entrevistados (N1 e N2) ainda não possuem conhecimento acerca destes campos profissionais, Psicopedagogia e Neuropsicopedagoia. Os entrevistados (N3 e N4) conceituam de forma parcial o que é psicopedagogia. Segundo Scoz (2007, p. 19), a psicopedagogia estuda o processo de aprendizagem e suas dificuldades, e numa ação

profissional deve englobar vários campos do conhecimento, integrando-os e sintetizando-os

Em relação a concepção Neuropsicopedagogia os entrevistados (N1, N3 e N4) demonstraram um nível alto de conhecimento, apesar do entrevistado (N2) desconhecer o que é neuropsicopedagogia. De acordo com Bossa (2000, p. 21) a Neuropsicopedagogia estuda a relação entre o funcionamento do sistema nervoso e a aprendizagem humana. É uma área de estudo que avalia, diagnostica, estuda e inter-venciona frente a aprendizagem humana e suas intercor-rências considerando a compreensão do sujeito enquanto aprendiz, dotado de complexidades, peculiaridades e seguranças, sendo obrigado a tomar decisões avaliativas além ou aquém de sua realidade cognitiva.

Em relação a atuação do neuropsicopedagogo e psico-pedagogo na compreensão dos obstáculos e desafios enfren-tados pelos alunos com dificuldades de aprendizagem, os entrevistados (N1, N2, N3, N4) revelam que contribuem de forma significativa, pois o neuropsicopedagogo compreende o funcionamento do sistema nervoso, e a integração das suas diversas funções (movimento, sensação, emoção, pensa-mento, etc.), assim, tem condições conceituais de intervir na melhoria das dificuldades de aprendizagem dos estudantes.

Já o psicopedagogo, segundo Pedro (2018, p. 33), poderá atuar a partir dos estudos sobre as características da aprendizagem humana, os processos de ensinagem e a origem das alterações na aprendizagem, promovendo a identificação, o diagnóstico, a reabilitação e a prevenção diante das dificuldades e dos distúrbios das aprendizagens. O neuropsicopedagogo, a partir dos conhecimentos que detém em neurociência, poderá elaborar pareceres de encaminhamentos para neurologistas, pediatras e psiquiatras, auxiliando-os na identificação diagnóstica, mediante o quadro de sintomas.

O neuropsicopedagogo é um profissional que está em constantes buscas de conhecimento acerca de transtornos, síndromes, patologias e distúrbios a qual o indivíduo possa estar relacionado para ter condições de identificar quais competências e habilidades que tais indivíduos possuem, e propor uma intervenção neuropsicopedagógica que com certeza se fara acompanhada junto aos familiares e a equipe pedagógica e demais profissionais que se fazem presentes na vida desses indivíduos.

Por entender a importância do cérebro no processo de aprendizagem, consideram-se, as contribuições da Neuropsicopedagogia para a formação de professores importante, com o objetivo de oferecer aos educadores um aprofundamento, para que se obtenham melhores resultados no processo de ensino-aprendizagem.

O profissional da neuropsicopedagogia auxilia na compreensão do cérebro e suas funções podendo utilizar o seu conhecimento na prática educativa conforme a necessidade que o aluno apresenta. Empregando técnicas que permitam a cada aluno aprender da maneira que é melhor para ele, aumentando sua motivação para o aprendizado, buscando assim, estruturar o ensino de modo que os indivíduos possam construir adequadamente os conhecimentos a partir de suas habilidades mentais.

Quanto a contribuição do neuropsicopedagogo na superação das dificuldades de aprendizagem dos alunos, os entrevistados (N2 e N3) consideram que o neuropsicopedagogo contribui “analisando o aluno através” de testes, exames cerebrais e elaborando hipóteses de acordo com a dificuldade do aluno, para assim poder intervir de forma objetiva e clara, de como trabalhar essa dificuldade. O profissional da neuropsicopedagogia é aquele que faz intervenções através de análises junto com a equipe

pedagógica para ajudar o aluno a conseguir superar suas dificuldades de aprendizagem.

A neuropsicopedagogia procura contribuir atuando nos obstáculos e desafios enfrentados pelos alunos com dificuldades de aprendizagem, entendendo/investigando os diversos fatores que influenciam e podem causar baixo desempenho no processo de ensino-aprendizagem. Trata-se de um estudo transdisciplinar e que propõem avaliações e intervenções que ajudem na superação das dificuldades deste processo. (TABOQUIM, 2009).

Essas dificuldades possuem diversas dimensões e origens, que se relacionam e influenciam mutuamente. Sendo elas: cognitivas, afetiva ou psíquica, social e biológica. Dessa forma, o neuropsicopedagogo irá propor intervenções específicas, considerando as causas isolados ou de forma associada, focando em desenvolver as formas de aprendizagem mais efetivas da pessoa que está sendo atendida, trabalhando assim sua autonomia e autoconfiança.

O entrevistado (N3) diz que em relação a forma de analisar a dificuldade de aprendizagem, há necessidade da participação de outros profissionais, de acordo com a situação, pois em alguns casos é necessário a intervenção de um psicólogo, psiquiatra e psicopedagogo.

Para Khan (2012) o neuropsicopedagogo tem total domínio e poder de diagnosticar o aluno através da neurociência e de intervir no problema que for diagnosticado. Podendo fazer uma intervenção multidisciplinar com profissionais da área de saúde como: psicólogo, psicopedagogo, psiquiatra dependendo do problema que o aluno apresentar.

O entrevistado (N1) fala sobre a reabilitação, a adequação de indivíduos com problemas neuronais, biológicos ou doenças/acidentes que tenha afetado alguma função do cérebro. Ele deixa bem claro que o papel do

neuropsicopedagogo é o de ajudar/inserir o indivíduo na sociedade ou no ambiente que vive e fazer com que esse indivíduo se aceite.

Portanto é de suma importância o neuropsicopedagogo ter este domínio, este conhecimento cerebral, para que possa diagnosticar a criança, chegar a uma conclusão e resolução de acordo com sua dificuldade de aprendizagem, podendo assim estabelecer métodos pedagógicos de como se trabalhar com esta criança.

6. Considerações Finais

Os resultados da pesquisa revelaram que para todos os entrevistados a atuação do Neuropsicopedagogia e do Psicopedagogo tem uma importante contribuição no desenvolvimento da aprendizagem dos alunos com dificuldades de aprendizagem, visto que a psicopedagogia estuda os processos e as dificuldades de aprendizagens, atuando no campo pedagógico através do psicológico. E a Neuropsicopedagogia é a ciência que estuda o cérebro, e atua de forma mais específica nos problemas relacionados ao cérebro.

O Neuropsicopedagogo tem um papel importante no processo de aprendizagem, pois possui um conhecimento estruturado sobre a função cerebral, entendendo como esse funciona, recebe, seleciona, transforma, memoriza, arquiva, processa e elabora todas as sensações captadas pelos estímulos externos (PEDRO, 2018). Possui um conhecimento mais amplo, que a psicopedagogia, pois abrange a área da neurociência, aprendizado, comportamento, emoções, também domina os elementos da psicopedagogia, sendo essencial para a elaboração, planejamento das estratégias e materiais didáticos a servirem de ferramentas para o processo de ensino-aprendizagem.

Assim, o neuropsicopedagogo atua analisando a criança através de testes, leitura de tomografias (exames) do cérebro. No intuito de saber quais áreas do cérebro devem ser estimulados, para poder dar um parecer preciso sobre a causa da dificuldade de aprendizagem da criança, utiliza-se das teorias pedagógicas, psicológicas e neurológica. A neurociência é quem dá o suporte teórico de como funciona o cérebro, já a psicologia dá um suporte de como intervir de forma significativa mais que não exponha e nem exclua a criança do meio em que vive, e a pedagogia junta as demais irá possibilitar meios de se trabalhar as dificuldades de aprendizagem.

Por fim, o trabalho do neuropsicopedagogo é fundamental no âmbito escolar, considerando que este profissional é responsável pelo conhecimento do indivíduo como um todo, para desenvolver um trabalho de acompanhamento pedagógico, cognitivo e emocional.

Referências

- Associação Brasileira de Psicopedagogia.** Dos Princípios: código de Ética. Disponível em:
https://www.abpp.com.br/documentos_referencias_codigo_etica.html.
 Acesso em: 08 de jun. 2019.
- BOSSA, Nadia A. **A psicopedagogia no Brasil: contribuições a partir da prática.** Porto Alegre, Artes Médicas, 2000.
- HENNEMANN, Ana L. **Neuropsicopedagogia Clínica: Relatório de Estágio.** Novo Hamburgo: CENSUPEG, 2012.
- KHAN, S. **Um mundo, uma escola: a educação reinventada.** [tradução George Schlesinger]. Rio de Janeiro: Editora Intrínseca, 2012.
- PEDRO, Waldir. **Guia prático de Neuroeducação: Neuropsicopedagogia, Neuropsicologia e Neurociência.** Rio de Janeiro: Wark, 2018
- RUBINSTEIN, Ariel. **Raciocínio instintivo e cognitivo: Um estudo dos tempos de respostas.** Publicado pela primeira vez: 21 de setembro de 2007 <https://doi.org/10.1111/j.1468-0297.2007.02081.x>

SCOZ, Beatriz. **Psicopedagogia e realidade escolar**: o problema escolar e de aprendizagem. 10 ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

TABOQUIM, Maria L. M. Avaliação Neuropsicológica nos Distúrbios de Aprendizagem. In: CIASCA Sylvia (Org.) **Distúrbio de aprendizagem: proposta de avaliação interdisciplinar**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009.

GENEALOGIA E MEMÓRIA

DE ALBUQUERQUE AO ENGENHO BARRA: TRAJETÓRIA DE UMA FAMÍLIA

Luiz Henrique de Albuquerque Bastos

Introdução

O presente artigo é de natureza genealógica, ele faz o mapeamento das ligações biológicas entre os indivíduos e gerações da família Albuquerque, desde a sua primeira utilização como sobrenome em Portugal, passando pela fundação da Capitania de Pernambuco, até a atualidade do ramo que fundou e se encontra, ainda, no Engenho Barra – Escada – PE. As figuras 1 e 2, por si só, definem e demonstram visualmente o objetivo do artigo que é o deslocamento da família no tempo e no espaço. Estando à esquerda o castelo da Lua, símbolo da Villa de Albuquerque na Espanha e a direita a segunda Casagrande do Engenho Barra.

Figura. 1 Castelo de Albuquerque



Fonte: foto do autor

Figura. 2 Engenho Barra



Fonte: foto do autor

Este trabalho teve por base a história oral, contada e repetida, incontáveis vezes por meus antepassados, seus parentes e amigos. Contavam-na: minha bisavó Amélia da Silveira Barros seus parentes e amigos. Fora narrada sob os tetos das Casas Grandes dos Engenhos: Barra, Firmeza, Cotegy, Conceição, Limoeiro Velho e Taquara, em Escada-PE, Cachoeirinha e Matapiruma, em Vitória de Santo Antão-PE, São João Novo, em Pombos-PE, Pindoba, em Maraial-PE, entre outras, e, fundamentada por velhos álbuns de fotografias, santinhos de morte, cartões postais, documentos manuscritos, além, de poucos livros e diários e seis viagens a Portugal, visitando os sítios onde viveram nossos ancestrais, desde Barcelos a Estremoz, dando uma passada em Albuquerque – Espanha - que dista 102 km da última cidade mencionada.

Entre os parentes que repetiram exaustivamente estas histórias nas visitas familiares estavam: Aureliano Cavalcanti de Queiroz Monteiro (Engenho Cotegy), Manuel Cavalcanti d'Albuquerque e Maria Luísa Cavalcanti de Albuquerque (Engenho Cachoeirinha), Cecília Alves de Amorim Salgado (Engenho Velho e Engenho da Guerra), Alfredo Correa de Oliveira e Alfredo Martins de Almeida (Engenho Conceição), Aureliano Cavalcanti de Albuquerque (Engenho Pindoba), Narcisa Cristina de Albuquerque Bastos (Engenho Barra), Caio e Sebastião do Rego Cavalcanti de Albuquerque (Usina Nossa Senhora do Carmo), entre outros. Comprovadas por documentos particulares, registros de nascimentos, batistérios, certidões de casamentos e nos livros que constam das referências bibliográficas.

Apesar de todos os recursos atuais, há escassez: de documentos, de registros oficiais e de crônicas de nosso passado, e, quando existem tais documentos há uma dificuldade de relacioná-los e sistematizá-los, principalmente,

quando descemos à história municipal e de nossas propriedades, a micro história, história dos anais.

Partindo das histórias contadas pelas pessoas acima citadas, elaborei um estudo da bibliografia disponível referente ao assunto, checando com os documentos que disponho com o objetivo de deixar para meus descendentes, familiares e amigos, estendendo aos interessados, uma história simples, amistosa, desta terra, desta propriedade chamada Engenho Barra, situada no município de Escada - PE, relacionando-a com as famílias que por aqui passaram, em especial com a família Albuquerque, com o estado de Pernambuco e porque não dizer com o mundo.

2. Albuquerque um sobrenome toponímico

Albuquerque é um município raiano da Espanha, situado na província de Badajoz, comunidade autônoma da Estremadura. Tem área atual de 725,1 km². Ele fica situado na fronteira entre Portugal e Espanha, conhecida por “A Raia”, é a linha que divide os territórios de Portugal e Espanha. É a fronteira mais antiga da Europa, com alguns limites estabelecidos desde o tempo do Condado Portucale e do Reino de Leão. De uma forma mais ampla, a raia é igualmente o espaço geográfico, de um e de outro lado da fronteira política, em que as populações partilham elementos históricos, linguísticos, culturais e econômicos.

O nobre Afonso Teles toma, em 1218, esta povoação que pertencia ao Califado Almóada. O senhorio de Albuquerque ofereceu aos seus senhores, os Teles, durante cerca de cento e cinquenta anos, as vantagens de uma importante posição estratégica que se revelou uma fonte de poder fundamental para que pudessem participar ativamente nas políticas dos reinos castelhano e português, de acordo com os seus interesses.

No final do século XIII, D. Dinis atrai para a sua corte o senhor de Albuquerque, descontente então com o monarca castelhano, e o recompensa, pois, tinha todo o interesse em mantê-lo no seu serviço. Assim, depois do mordomado-mor do reino, o senhor de Albuquerque recebe de D. Dinis, a 8 de maio de 1298, a vila de Barcelos em forma de condado, tornando-se o primeiro conde moderno em Portugal (Freire, 1996: 1.º vol., 106). João Afonso Teles, Senhor de Albuquerque, e o rei trataram de combinar casamento das duas únicas filhas do novo conde, que não tinha filhos varões: Teresa Martins e Violante, fruto do seu casamento com Teresa Sanches, filha de Sancho IV (Pizarro, 1995: 186). Teresa Martins desposou Afonso Sanches, filho ilegítimo de D. Dinis que este cumulava de benefícios a ponto de inspirar a inveja do herdeiro do reino, o infante D. Afonso (Pizarro, 1997: 1.º vol., 189-191). D. Violante, por sua vez, casará com Martim Gil, alferes-mor do reino.

3. Os Albuquerque em Portugal, ascendência dos pernambucanos

Segue a relação de descendentes de João Afonso de Albuquerque, do mais antigo até Jerônimo de Albuquerque, descendentes em linha direta:

1. João Afonso de Albuquerque – Primeiro a usar o sobrenome Albuquerque (Nascido em torno de 1310 – Falecido em 1354). - Filho de Afonso Sanches – (filho bastardo de D. Diniz – Rei de Portugal). **2. Fernando Afonso de Albuquerque** (n 1330 + 1387) – Filho de João Afonso de Albuquerque e Maria Rodrigues Barba. **3. Tereza de Albuquerque** (n. 1360) – Filha de Fernando Afonso de Albuquerque e Laura. **4. Isabel de Albuquerque** (n. 1380) – Filha de Tereza de Albuquerque e Vasco Martins da Cunha. **5. Leonor de Vaz de Albuquerque** (n. 1400) – Filha de

Isabel de Albuquerque e Gonçalo Vaz de Mello. (Foi casada com João Gonçalves Gomide – Senhor da Vila Verde de Tancos, escrivão da puridade de D. João I e de D. Duarte, sucedendo seu pai no cargo). João Gonçalves Gomide num acesso de cólera, assassinou a esposa e foi degolado em praça pública. Um dos efeitos da condenao foi riscar o sobrenome Gomide dos filhos do casal, que passaram a usar apenas o Albuquerque da mãe, “nome nobre e limpo”. **6. João de Albuquerque** (n. cerca de 1420) – Filho de Leonor de Vaz de Albuquerque e João Gonçalves Gomide. Apelidado o Azeite, foi Comendatrio de Pombeiro e Senhor de Esgueira. **7. Lopo de Albuquerque** – (n. 1440) – Filho de João de Albuquerque e Leonor Lopes de Leão - Comendador de Penamacor. Sabe-se, que foi o 1.º Conde de Penamacor, por carta datada de 24 de agosto de 1476 do rei D. Afonso V de Portugal, que lhe fez também mercê da dita vila de Penamacor e da de Abiul. Do seu casamento com D. Catarina de Noronha (sobrinha de Filipa Moniz, esposa de Cristóvão Colombo), Filha de D. Pedro de Noronha, Bispo de vora, e de Branca Dias Perestrelo, filha de Bartolomeu Perestrelo e de sua segunda mulher Branca Dias, teve seis filhos. De seu posterior casamento com Joana de Bulhões, por sua vez filha de Afonso Lopes de Bulhões, nasceram oito filhos, dos quais nos interessam especialmente: **8. Jerônimo de Albuquerque, colonizador**; e **8. Brites de Albuquerque, esposa do donatário de Pernambuco, Duarte Coelho, primeira governadora das Américas**. (GAYO; FELGUEIRAS, 1938, Tomo X, p. 159)

4. Chegada dos Albuquerque em Pernambuco

Segundo Oliveira Lima, a patilha do Brasil ficara resolvida em 1532, mas, só foi executada em 1534, depois do regresso ao reino de Martim Afonso de Souza. Foram

distribuídas a fidalgos ilustrados nos combates ou enricados nas traficâncias orientais. A Capitania de Pernambuco, que dispunha de sessenta léguas de litoral, incluindo parte do atual estado de Pernambuco e do vizinho estado de Alagoas, sem falar na posse exclusiva do Rio São Francisco, teve por donatário Duarte Coelho, neto do ilustre infante D. Pedro (Duque de Coimbra), distinguira-se nos serviços a mando de Vasco da Gama, a D. Francisco de Almeida e do grande Afonso de Albuquerque, a quem acompanhara na tomada de Málaga. Duarte Coelho desposara D. Brites de Albuquerque, filha de Lopo de Albuquerque.

Duarte Coelho partiu para Pernambuco no mesmo ano da doação (1534), levando além da esposa e do cunhado Jerônimo de Albuquerque, muitos gentis-homens de sua parentela, alguns fidalgos e bons colonos. A verdadeira colonização de Pernambuco fez-se por gente nobre e gente limpa.

Duarte Coelho faleceu em 1554, nesta época os dois filhos do donatário estudavam em Portugal, assumiu o governo da capitania a viúva D. Brites de Albuquerque, que enfrentou um período de grande agitação provocada pelos Caetés, motivados pela morte do donatário que tinha tido um forte braço no seu governo. Ela manteve-se no governo, auxiliada por seu irmão Jerônimo, até 1560, quando chegou o moço donatário seu filho Duarte de Albuquerque Coelho acompanhado pelo seu irmão Jorge e algumas famílias fidalgas. Brites de Albuquerque foi a primeira mulher a governar a América portuguesa.

Sobre Jerônimo de Albuquerque o mais proeminente membro da família no Brasil, não tecerei muitos comentários em razão da vasta bibliografia que trata sobre o mesmo. É considerado o Adão Pernambucano, tendo deixado mais de 22 filhos todos legitimados. Quando casou com Dona Fillipa de Mello, escoltavam-no onze filhos

naturais que tivera com a índia Muirã Ubi (Tabira) filha do cacique da tribo Tindara de etnia Tabajara Uirá Obi, batizada como Maria do Espírito Santo Arcoverde, que está na raiz das famílias que integravam a nobreza da terra e chegaram ao século XIX: Cavalcanti de Albuquerque, Albuquerque Maranhão e Albuquerque Arcoverde.

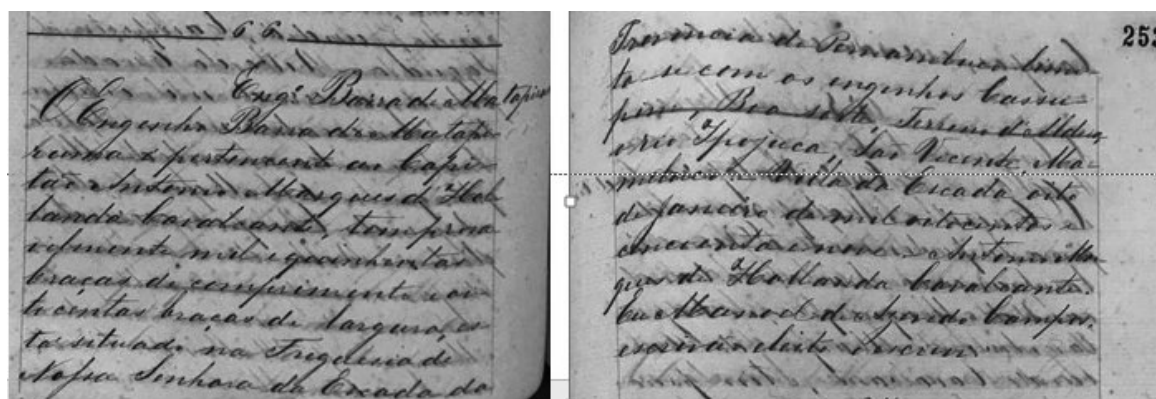
5. O Engenho Barra

Desde o descobrimento do Brasil até sua Independência, toda a posse sobre o território descoberto, pertencia ao Rei de Portugal a título de domínio original do Estado. Investido o Rei deste senhorio, em 1532, determinou a divisão administrativa do território em 15 capitanias. Embora houvesse sido o território, na primeira divisão administrativa do Brasil, dividido em 15 partes, foram apenas 12 os donatários, cujos quinhões foram delimitados e as prerrogativas inseridas nas respectivas Cartas de Sesmarias, começou a cindir-se o domínio original do Estado, iniciando o domínio privado sobre as terras. Da Independência até o ano de 1850, houve ocupação do solo pela tomada da posse sem qualquer título. O Registro Imobiliário no Brasil tem sua origem fixada pela Lei 601, de 18.09.1850 e seu Regulamento 1.318, de 30.01.1854, quando a posse passou a ser reconhecida perante o Vigário da Igreja Católica. Por isso, essa lei passou a ser conhecida por "Registro do Vigário" e se fazia na freguesia da situação do imóvel. Ainda, segundo transcrição literal do artigo 10 da referida lei, o "Governo" deveria prover "o modo prático de extremar o domínio público do particular

É decorrente deste dispositivo legal que consta do Livro de Registros da Freguesia de Nossa Senhora da Escada, fls. 252v e 253, arquivado no Arquivo Público

Estadual Jordão Emerenciano - APEJE, o seguinte registro de N° 66, datado de janeiro de 1859:

Figura. 3 – Livro de Registros da Freguesia de Nossa Senhora da Escada.



Fonte: Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano - APEJE. Registro de N° 66, datado de janeiro de 1859.

Com o registro acima nasceu oficialmente a propriedade Engenho Barra, apesar, de já ter existência de fato.

Da data de fundação do Engenho da Barra de Matapiruma (nome dado na época ao riacho que desagua no rio Ipojuca, hoje chamado Patachoca) enquanto fábrica de açúcar não há registro, apenas informações passadas pela história oral.

A propriedade original segundo o registro teria 580 hectares, chegando a nossos dias com 249 hectares, apesar das propriedades vizinhas terem mantido os mesmos nomes: Engenho Cassupim, Engenho Boa Sorte, terreno da aldeia indígena, rio Ipojuca, Engenho São Vicente e Engenho Mameluco. Apenas o aldeamento foi substituído pelo Sítio da Ponte Velha, que já faz parte da zona urbana do município de Escada e o Engenho Patachoca (desmembrado do Engenho Barra), estando entre o Engenho Barra e o Engenho Mameluco. A questão de limites merece ser tratada em um

livro à parte. Minha mãe contava sobre os conflitos existentes desde a época do seu tio-bisavô o Barão de Suassuna. Cada novo proprietário da então Usina Mameluco, ao tomar posse de suas terras tentava avançar sobre as terras da Barra, propriedade situada entre as terras da usina e o rio Ipojuca. Várias vezes a ouvi dizendo, ironicamente, aos invasores que iria preparar uma jangada, pois, só iria sobrar-lhe o rio para morar. Foram muitas ações na justiça e fora dela. Hoje o imóvel está registrado no Cartório de Imóveis de Escada sob o número 666.

6. Proprietários do Engenho Barra

O primeiro senhor do Engenho Barra após o registro de acordo com a Lei das Terras foi **Antônio Marques de Holanda Cavalcanti**. Ele nasceu no Engenho Diamante, a 31 de dezembro de 1827, filho de João Marques Correia da Costa e da sua terceira esposa Paula Francisca Cavalcanti de Albuquerque. Faleceu no Engenho Mameluco, a 19 de junho de 1887, tendo sido sepultado, a seu pedido, junto a uma mangueira, no mesmo Engenho.

Sobre Paula Francisca Cavalcanti de Albuquerque, mãe do Coronel Antônio Marques de Holanda Cavalcanti sabe-se que era filha de Antônio de Holanda Cavalcanti de Albuquerque e Maria Manuela de Melo, senhores do Engenho Marrecas, comarca de Porto Calvo, hoje Maragogi – AL. Paula Francisca era irmã de Maria Rita de Albuquerque Mello que foi casada com o Capitão Mor Francisco de Paula Cavalcanti de Albuquerque, conhecido como Coronel Suassuna, pai dos viscondes de Suassuna, de Albuquerque, de Camaragibe e do barão da Muribeca. Casou-se com o sr. João Marques Correia da Costa aos 41 anos em 22 de fevereiro de 1827, tendo um único filho. Faleceu em 24 de setembro de 1867 com 82 anos de idade. Tive acesso ao registro de dois engenhos

pertencentes à Paula Francisca conjuntamente com seu filho – Matapiruma de Cima e Taquara.

Do livro, Os Utinga, consta da página 62, como declaração de Antônio Marques, que seu pai era dono dos engenhos: Limoeirinho, Diamante, Jundiá, Campestre e Taquara e que o mesmo faleceu em seis de maio de 1841 e foi sepultado na capela do Engenho Dois Braços de Baixo.

Antônio Marques casou-se com Pânfila da Silveira Lins, em 16 de setembro de 1844. Ela era filha de Henrique Marques Lins, que veio a ser o Barão e Visconde de Utinga.

Encontramos aí mais um Albuquerque na linhagem da família do Engenho Barra, na página 15 do livro dos Utinga, consta que o Visconde de Utinga, havia registrado em um manuscrito “Livrinho importante para minha casa”, que o ascendente mais remoto do seu conhecimento era o bisavô materno: Martinho da Rocha Melo e Albuquerque, casado com Leonor Ângela de Albuquerque, com dois filhos – Fernão Fragoso de Albuquerque e Ana Maria Lins de Albuquerque. Ana Maria Lins de Albuquerque casou-se com João Rodrigues Pereira de Melo e teve três filhos: Antônio de Albuquerque Maranhão; Martinho de Rocha Melo e Ana Rosa Lins. Ana Rosa Lins casou-se José Filipe Marques e foram os pais de Henrique Marques Lins. (AULER; GUILHERME, 1963, p.15)

O casal Antônio Marques de Holanda Cavalcanti e Pânfila da Silveira Lins teve dez filhos, tendo dois falecidos ainda crianças, pela ordem: Antônio (falecido logo após o nascimento), Paula, Olímpia, Deolina, Antônio (Falecido com aproximadamente dois anos), Panfila, Arcanja, Otília, Henrique (Barão de Suassuna) e Teudelina.

Sucedeu seu pai, Antônio Marques de Holanda Cavalcanti, como proprietária do Engenho Barra **Otília Lins de Holanda Cavalcanti**. Contara minha tia avó Luísa que o Engenho Barra fez parte do dote de Otília por ocasião de seu

casamento. Otília nasceu no dia cinco de outubro de 1853, no Engenho Taquara, foi batizada no dia seis de janeiro de 1854, no oratório do Engenho Matapiruma, pelo Pe. Vicente de Farias Gurjão, sendo seus padrinhos o Dr. Francisco de Caldas Lins e sua irmã Carolina Lins. Casou-se no dia dois de julho de 1873, com o primo legítimo de sua mãe Aureliano de Barros e Silva (filho do Barão de Pirangy). O casal teve cinco filhos: Maria Amélia, Ana, Aureliano, Panfila e José. Maria Amélia faleceu solteira aos 29 anos. José faleceu após 12 dias de nascido.

Sucedeu sua mãe, Otília Cavalcanti de Barros (Lins de Holanda Cavalcanti), seu filho o **Coronel Aureliano Cavalcanti de Barros**, nascido no Engenho Barra em nove de outubro de 1877. Casou-se em 28 de junho com Amélia de Barros Velloso da Silveira, filha de seu primo legítimo Francisco de Barros Velloso da Silveira (ambos netos do Barão de Pirangy. Aureliano era bisneto do Visconde de Utinga e sobrinho do Barão de Suassuna). Foi prefeito do município de Escada por duas vezes. Faleceu em vinte e quatro de dezembro de 1931. O casal Aureliano e Amélia teve cinco filhos: Amélia, Maria Amélia, José e as gêmeas: Helena e Maria Luísa.

É através das filhas de Aureliano que outros Albuquerque chegam ao Engenho Barra vindos de ramos distintos:

1. **Antônio do Rego Cavalcanti de Albuquerque**, que mudou o nome após o casamento para Antônio Lins de Albuquerque (algo inédito, pelo menos na família) que se casou em primeiras núpcias com Helena e após a viuvez precoce com a cunhada Maria Amélia. Filho de Feliciano do Rego Cavalcanti de Albuquerque e Gertrudes Accioly Lins Wanderley, conforme registro de nascimento abaixo, nasceu em 10/06/1892, primeiro filho do casal. Foram seus avós maternos o Coronel Sebastião Antônio Accioly Lins

Wanderley, conhecido como Tãozinho do Camaragibe ou Tãozinho Cadete e Dona Gertrudes Thereza da Rocha Lins Wanderley, Senhores do Engenho Camaragibe - Rio Formoso - PE. Seus Avós Paternos eram o Capitão Manuel do Rego Cavalcanti de Albuquerque e Dona Rosa Izabel Henriques Hardman, Senhores à época no Engenho Boca da Mata – Rio Formoso – PE. Na ocasião do casamento, 19/06/1891, ele tinha 24 anos e ela 15 anos, o casamento se deu na capela do Engenho Camaragibe. Com o engenho que tinha e o dote recebido meu avô chegou a possuir oito engenhos e, depois, virou usineiro. Foi dono da Usina Nossa Senhora do Carmo, que na época chamava-se Santa Panfila. Curiosamente, foi fundada por um tio bisavô de minha mãe e teve seu nome escolhido em homenagem a sua trisavó Panfila. Conforme consta da história da Usina, Bisneto de Joaquim Francisco do Rego Cavalcanti de Albuquerque (1803 a 1873) Nascido em Olinda – PE. Casado com Rosa de Jesus Bezerra Cavalcanti de Albuquerque. Irmão de Luzia Cavalcanti de Albuquerque Lacerda. Trineto de Francisco do Rego Cavalcanti de Albuquerque.

2. Manuel Cavalcanti d'Albuquerque (Senhor do Engenho Cachoeirinha) era filho de Vitor Cavalcanti d'Albuquerque e Maria Freire (Senhores do Engenho Cachoeirinha). Vitor Cavalcanti d'Albuquerque era filho de Manuel Cavalcanti de Albuquerque e Henriqueta da Silveira Lins (filha do Visconde de Utinga, irmã de Panfila bisavó de Tia Luísa). O casal Manuel e Henriqueta também foi Senhor do Engenho Cachoeirinha, que fez parte do dote de Henriqueta por seu casamento.

Manuel Cavalcanti de Albuquerque e seu irmão Ambrósio Machado da Cunha Cavalcanti casaram-se com duas irmãs, Henriqueta e Antônia (filhas do Visconde de Utinga) e entre os bens dotais estavam os engenhos Cachoeirinha e Arandú de Baixo dos quais foram senhores.

Ambrósio foi senhor também do engenho Gaipió. Filhos de Maj. Manoel Cavalcanti de Albuquerque e Ana Rosa Cunha Cavalcanti de Albuquerque Senhores do engenho Castanha Grande em Alagoas. Cujos ascendentes até Antônio Cavalcanti de Albuquerque e Isabel de Góes. Filho de Felipe Cavalcanti e Catarina de Albuquerque. Catarina de Albuquerque Filha de Jerônimo de Albuquerque, o Torto e Maria do Espírito Santo (Índia Tabira, tabajara filha do cacique Muirá- Ubi (Arco Verde) podem ser consultados no site (<https://www.geni.com/family-tree/>).

Após a morte de seu esposo em 24 de dezembro de 1931, assumiu a titularidade do Engenho Barra **Amélia da Silveira Barros** (de Barros Velloso da Silveira) nascida em 25 de outubro de 1879. Era filha de Francisco de Barros Velloso da Silveira e Narciza de Barros Velloso da Silveira (Velloso de Carvalho). Neta de João de Barros e Silva e de Maria Honória Velloso da Silveira (filha) e de Maria Velloso de Carvalho ...Bisneta dos casais Coronel José Pedro Velloso da Silveira (Senhor do Engenho Lajes) e de Maria Honória Velloso da Silveira¹e do casal Claudino Velloso Freire e Narciza Velloso Freire (Velloso da Silveira) e Francisco Antônio de Barros e Silva (Barão de Pirangy) e Ana Velloso da Silveira. A endogamia estava presente neste clã, Amélia era filha de um primo legítimo de seu esposo. Ao analisarmos, os bisavós, observamos que nos três casais citados aparecem três irmãos: José Pedro Velloso da Silveira, Narcisa Velloso da Silveira e Ana Velloso da Silveira, filhos do casal José e Maria Velloso da Silveira. Faleceu no dia 26 de julho de 1963.

Narcisa Cristina de Albuquerque Bastos (Barros Lins de Albuquerque) nasceu no Engenho Barra em 16 de outubro de 1932 e faleceu no Recife, apesar de ainda moradora e Senhora do Engenho Barra, em 31 de março de 2019.

Era filha do casal Antônio Lins de Albuquerque e de Helena Barros Lins de Albuquerque (Cavalcanti de Barros). Neta dos casais: Feliciano do Rego Cavalcanti de Albuquerque e Gertrudes Teresa Lins de Albuquerque (de Accioly Lins Wanderley), e, **Aureliano Cavalcanti de Barros e Amélia da Silveira Barros**.

Casou-se com Laércio Freire Bastos em 15 de novembro de 1957. Laércio natural de Palmares era filho de Pedro de Accioly Pereira Bastos e Luiza Freire Bastos. Neto dos casais: Sebastião de Accioly Pereira Bastos e Irinéa de Accioly Bastos (de Accioly Lins) - Senhores dos Engenhos: Capricho, Campo Flor e Bela Rosa nos municípios de Palmares e Água Preta – e de Júlio Augusto da Silva Freire e Joana de Gouveia Velloso Freire (Velloso da Cruz Gouveia) – Senhores dos Engenhos Curupaity e Potosy em Água Preta, estes últimos, eram primos de Amélia da Silveira Barros bisavó de. Narcisa. Narcisa herdou uma parte do Engenho Barra e Laércio seu esposo comprou as outras partes.

7. Considerações finais

Está entranhada na cultura ocidental a velha religião romana do culto aos antepassados, onde o chefe da família era o sacerdote e cada lar um templo, podemos assim dizer.

Vários reflexos da velha cultura ainda se fazem notar, disfarçada ela está no dia de finados, por exemplo.

Outro detalhe a considerar é a forma de dominação portuguesa aqui no Brasil que nos manteve na escuridão literária por mais de três séculos após o descobrimento, fomentando desta forma o analfabetismo e reduzindo nossa história escrita a uns poucos manuscritos chamados pelos chefes de família: “Livrinho importante para minha casa” ou coisa parecida.

A orfandade da Metrópole, o medo do esquecimento e a necessidade de autoafirmação, também, contribuíram para que nos chegasse de forma oral, contada e repetida inúmeras vezes pelos mais velhos, o nosso passado.

Por tudo isto meu pai sempre dizia, que não adiantaria todo o conhecimento do mundo se o indivíduo não conhecesse a si mesmo. Resumia parte da velha questão filosófica: “De onde vim? Para onde vou?”. Sua influência me fez atento a todos os assuntos pertinentes a nossa origem, de forma que decidi deixar escritas as histórias que ouvi, sendo este artigo parte delas.

Espero que ele sirva de estímulo para que outras pessoas escrevam suas histórias e juntando os fuxicos, costuremos a colcha de retalhos que é nossa real bandeira.

Referências

- AULER, Guilherme. OS UTINGA – filhos, netos e bisnetos do senhor do engenho Matapiruma. Recife: Museu do Açúcar - IAA, 1963.
- CUNHA, Mafalda Soares da Cunha; VILAR, Hermínia Vasconcelos. **Centros periféricos de poder na Europa do Sul, séculos XII-XVIII**: 1ª ed. Évora: Edições Colibri, 2013.
- LIMA, Manuel de Oliveira. **Pernambuco, seu desenvolvimento histórico**. 2ª ed. Recife: CEPE, 1975.
- GAYO, Manuel José da Costa Felgueiras. Nobiliário das famílias de Portugal, Carvalhos de Basto. 1ª ed. Braga, 1938.
- Geni - A MyHeritage Company** - Informações genealógicas e história familiar de Albuquerque. **Disponível em:**
<https://www.geni.com/genealogy-resources>.

O EMPREENDEDORISMO DE MADRE IVA

Ricardo Jorge Silveira Gomes¹

Introdução

A cidade do Cabo de Santo Agostinho, Região Metropolitana do Recife, tem um marcante perfil religioso. Ainda no século XVI, o pequeno povoado nasceu à sombra da proteção de Santo Antônio, mais especificamente, a partir da inauguração de uma pequena capela a ele dedicada, na segunda metade desse mesmo século. No dizer popular, conforme registrou Kouryh (2016, p. 309), “o Cabo é de Santo Agostinho, o padroeiro é Santo Antônio, o santo de maior devoção é São Sebastião, e, no dia 20 de janeiro, quem puxa a procissão é o andor de São Benedito”, embora hoje a cidade tenha uma crescente população evangélica. De acordo com Gomes, considerando os dados do Censo 2010, publicados pelo *Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística* (IBGE), aponta que

Seguindo a tendência nacional, no município do Cabo de Santo Agostinho, os católicos apostólicos romanos representam 51%, enquanto os evangélicos (de Missão, Igreja Evangélica Luterana, Igreja Evangélica Presbi-

¹ Doutorando e Mestre em Ciências da Religião pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP) e Especialista em Metodologia do Ensino pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). Licenciado em História pela Faculdade de Formação de Professores da Zona da Mata Sul (FAMASUL). Membro Efetivo da Academia Cabense de Letras – ACL.

teriana) representam 49% da população do município (GOMES, 2018, p. 48).

Essa cidade sempre testemunhou a vida de pessoas religiosas, as quais, cada uma de seu modo e no seu tempo, deixaram marcas na história cabense tanto no seu desenvolvimento socioeconômico, quanto político. Entre essas figuras, duas se destacam, ambas ligadas à Igreja Católica: o padre Antônio de Melo Costa, mais conhecido como padre Melo, que, pároco do município, durante o período pós Golpe Militar de 1964, ocupou-se também dos trabalhadores rurais; e Madre Iva, uma mulher corajosa cujo empreendedorismo resultou, como veremos, na consolidação de grandes obras sociais, entre elas o Abrigo São Francisco de Assis e a escola Laurinda Bezerra Amazonas, além de uma creche e da Banda Marcial Infantil Santa Clara.

Mas, quem, afinal, foi Madre Iva e o que a impulsionou a tal empreendedorismo? É o que apresentaremos no presente artigo por meio de uma revisão bibliográfica dos estudos situados na interface entre a mística e as obras sociais de Madre Iva, no Município de Cabo de Santo Agostinho – PE. Tendo como objetivo analisar a experiência mística de uma mulher que decidiu servir a Deus, destacamos os diversos fatores que influenciaram sua opção pela vida eclesial, bem como as agruras da vocação de uma freira.

2. Madre Iva: retratos de uma história

A história de Iva Bezerra de Araújo começou em 18 de julho de 1917, quando nasceu na cidade de Bonito – Agreste Central de Pernambuco, filha de Pedro Bezerra Amazonas e Laurinda Josefa Bezerra. Como tantas crianças de sua época, aos sete anos fez a Primeira Comunhão, data extremamente

importante para uma família católica. Consiste em, após uma preparação catequética específica, a criança receber, pela primeira vez, geralmente de forma festiva, o Sacramento da Eucaristia, que compõe, com o Batismo e a Crisma, os três sacramentos da iniciação cristã dentro do catolicismo que, segundo o Catecismo da Igreja Católica (CIC), “são os sinais e os instrumentos pelos quais o Espírito Santo derrama a graça de Cristo, que é a Cabeça, na Igreja que é o seu corpo” (CIC n. 774).

Em Bonito, a Igreja Matriz é dedicada a Nossa Senhora da Conceição e sua construção data de 1812. No pátio, em frente à matriz, está o busto de padre Chicó, antigo pároco da cidade, que cuidou da formação catequética da menina Iva e presidiu a missa de sua Primeira Comunhão, na Igreja de São Sebastião.

Em plena adolescência, aos 14 anos, a família deixou o Agreste Central e migrou para a Zona da Mata Sul, sempre em Pernambuco. Instalou-se na cidade do Cabo de Santo Agostinho. Era o ano de 1931. Não é possível precisar a data, porém, sabe-se que ela, ainda na adolescência, começou a trabalhar no Serviço de Comunicação, provavelmente no sistema de telégrafo, visto que a Companhia Telefônica do Cabo, a primeiro do gênero no município, somente teve início em 1961 (FELIPE, 1962, p. 188-189). Aqui já podemos vislumbrar o quanto Iva estava para além do seu tempo: desempenhou uma função – a de telefonista (telegrafista?) – à época restrita aos homens, numa cidade do interior pernambucano marcada pelo resquício do patriarcado característico da sociedade açucareira que, mesmo em franca decadência, ainda mantinha a ilusão da superioridade: a síndrome dos senhores de engenho.

Espírito de luta e coragem, não temia as ameaças feitas pela equipe de soldados que guarneciam o posto telefônico² e lhe exigiam cuidados com as linhas cruzadas, pois se acontecesse, seria ela a responsável. [...]. Iva é notada pelo seu discernimento e mais tarde melhoram a sua posição funcional e financeira³.

Paralelamente, para manter sua religiosidade, além da assídua participação nas cerimônias da Igreja, procurou Maria José Cassimiro, então presidente do Apostolado da Oração (hoje Rede Mundial de Oração do Papa), cuja definição encontramos em seus atuais estatutos: “Um serviço eclesial da Santa Sé que o Sumo Pontífice confia ao cuidado da Companhia de Jesus”⁴, os jesuítas. Também se engajou na Legião de Maria, “uma associação de leigos católicos, sob a proteção e intercessão de Nossa Senhora e com aprovação da Igreja, que pela oração e pelo trabalho apostólico ativo, destina-se à evangelização e à santificação dos homens”⁵. A partir desses contatos, Iva iniciou seu apostolado no Cabo de Santo Agostinho, indo ao encontro das pessoas mais necessitadas.

² Aqui a referência a um “posto telefônico”. Todavia, como explicamos anteriormente, a telefonia chegou ao Cabo em 1961, o que nos leva à compreensão de que seria um posto de comunicação via telégrafo.

³ **Instrumento de Deus.** Texto sobre Madre Iva, publicado no site do Abrigo São Francisco, a maior instituição criada por ela. **Disponível em:** <http://www.abrigosaofrancisco.com.br/um-instrumento-na-mao-de-deus>. Acesso em: 20 maio 2020.

⁴ Estatutos Rede Mundial de Oração do Papa. **Disponível em:** http://aomej.org.br/wp-content/uploads/2018/07/Estatuto_AO_140x210mm-OK.pdf. Acesso em: 19 maio 2020.

⁵ Definição encontrada no site oficial da Legião de Maria. **Disponível em:** <https://www.legiaodemaria.org.br/o-que-e-a-legiao-de-maria>. Acesso em: 20 maio 2020.

Aos 22 anos, em 1939, contraiu matrimônio com Paulino Cardoso de Araújo, conterrâneo seu. Desse casamento, dois filhos: José Laviano e Ary. A vida seguia seu curso com normalidade. Ficou viúva muito cedo. Dedicou-se ainda mais a seus pobres e doentes.

3. A experiência mística de Madre Iva

É possível mensurar uma experiência mística e enquadrá-la como privilégio de poucos? Leonardo Boff (2014, p. 49-72) nos convida a uma compreensão abrangente sobre o tema que perpassa pelos sentidos antropológico-existencial, cristão, sociopolítico e da militância. Tudo parte do “mistério”, termo do qual a palavra mística é adjetivo. Boff lembra que, no senso comum, a palavra “mistério” nos transporta para algo que “as capacidades da razão” não conseguem mais conceituar. É como se estivéssemos diante do racionalmente inexplicável. “A pessoa é levada a experimentar [...] uma revelação ou uma iluminação conservada por um grupo determinado” (BETTO; BOFF, 2014, p. 49).

Nessa direção, a mística judaico-cristã se explica a partir do mistério de Deus na história do povo que experimenta a presença desse mesmo Deus no seu cotidiano. É Ele que o liberta da escravidão do Egito, que o acompanha pelo deserto, que oferece o maná e que o introduz na “terra prometida”. O Novo Testamento potencializa essa presença de Deus na história: humaniza-se através de Jesus de Nazaré. Ao mesmo tempo, essa presença tangível de Deus entre os seus “implica um compromisso de transformação pessoal e social, presente na utopia pregada por Jesus, do Reino de Deus, que começa a realizar-se na justiça para os pobres e, a partir daí, para todos e para toda a criação” (BETTO; BOFF, 2014, p. 61).

Assim foi a experiência de Madre Iva: uma transformação pessoal que se concretizou no cuidado com idosos e crianças, delineando a face social de sua obra.

Por consequência de sua radical dedicação aos pobres e doentes, ainda como consequência de seu vínculo com o Apostolado da Oração e da Legião de Maria, colocou a própria saúde física em segundo plano. Adoeceu gravemente. Submeteu-se a sete cirurgias sem resultados positivos. Passou longos sete anos acamada. Chegara o momento em que a ciência médica já não podia fazer mais nada a não ser alertar a família.

Médicos diversos não encontraram solução para o seu caso. Em setembro de 1958, chamaram sua família e diagnosticaram poliomielite e nefrite agudas entre outros males. [...]. Uma junta composta de seis médicos deu o caso como irremediável. “E agora, doutor?” Perguntou a família. “Vou dar-lhe alta, não tem solução!” Aquela criatura sofrida [...] chega em casa, numa ambulância, auxiliada por uma enfermeira. Quadro triste! Esgotados os recursos médicos... sua família não se deu por vencida. O Dr. Domingos Cruz, examina-a, vê o diagnóstico. Chama alguém em particular e diz: “Não adianta prolongar esta vida, ela está sofrendo muito, já está do outro lado... É irreversível, melhor desligar o soro, não há condições de sobrevivência”. O clima era desesperador e tensa a expectativa tanto da família como de vizinhos e amigos. [...]. Ela lutava pela vida, só com a fé. Era tão crítica a situação que, quando o sino da Matriz repicava, corriam e perguntavam a sua mãe: “Iva morreu?” Ela respondia: “Ainda não”⁶.

Enquanto a medicina dava o caso por encerrado, uma outra perspectiva rondava a vida daquela mulher. Iva teve

⁶ **Desengano.** Relato sobre o início da experiência mística de Madre Iva. Disponível em: <http://www.abrigosaofrancisco.com.br/desengano>. Acesso em: 20 maio 2020.

um sonho com São Francisco de Assis. Não sabia de nada sobre a vida desse santo. Mas era ele, sim, quem apareceu em seu sonho. Antes, porém, como acontecia todos os dias, recebeu a visita do padre Roberto e, com ele, Jesus Eucaristia. Soube-se depois que era o momento mais precioso para Iva. Naquele dia, em especial, o chão de seu quarto, ali, na rua da Matriz, n. 103, no centro da cidade, estava repleto de pétalas de rosas, assim preparado por sua mãe, dona Laurinda, mais conhecia por dona Laura.

Nesse ambiente, Iva adormeceu. No seu sonho, viu uma luz azulada iluminando um monte distante, ao som de uma música classificada como celestial. Em certo momento, São Francisco apareceu e lhe disse: “Iva, por amor a Jesus Crucificado, vou te curar, minha filha. Levanta-te e anda. Constrói a minha Igreja e o abrigo para os meus velhinhos. Vive da cuia. Pega-a”⁷. Um sonho curativo, isto é, o milagre através do sonho, ou outra forma de êxtase? O fato é que Iva experienciou a cura milagrosa.

Impulsionada pela voz musical que continuava a envolvê-la, sentou-se na cama, encerrando ali os sete anos de paralisia. Reunindo todas as forças, levanta-se, pega com dificuldade um robe pendurado num cabide atrás da porta, veste-o. Sentindo-se entre o sonho e a realidade, carregando Jesus no coração, impulsionada por Francisco, com a sensação de leveza e irreabilidade, anda por sobre as pétalas de rosas, vai até a cozinha atrás de um pirãozinho de bacalhau. É desnecessário falar da agriçoce surpresa com que sua mãe, D. Laura, que conversava com Cecita, a recebeu. Só poderia ser a visita da saúde à querida filha –

⁷ **O sonho profético.** Texto que narra o sonho de Madre Iva teve com São Francisco de Assis. Disponível em:

<http://www.abrigosaofrancisco.com.br/o-sonho-profetioco>. Acesso em: 20 maio 2020.

pensava. Não obstante, era milagre mesmo. Iva estava curada.⁸

A notícia se espalhou pela cidade. Acontecera ali, no Cabo de Santo Agostinho, um milagre de São Francisco, Iva estava curada! Talvez, agora, poderemos acrescentar ao dizer popular registrado por Kouryh o qual mencionamos no início desse artigo: “O Cabo é de Santo Agostinho, o padroeiro é Santo Antônio, o santo de maior devoção é São Sebastião, e, no dia 20 de janeiro, quem puxa a procissão é o andor de São Benedito”, mas o milagre mais tangível foi realizado por São Francisco. Assim começou sua devoção ao Santo de Assis e conquistou o coração de muitas outras pessoas.

Guardou o sonho como um tesouro apenas revelado a seu confessor e diretor espiritual, o Cônego João Eduardo Tavares. Depois de escutá-la atentamente, compreendendo ali um desígnio de Deus para aquela jovem senhora, atestou o milagre e a encorajou a seguir o sonho: “Cumpra sua missão, mas sem fanatismo”, teria dito o Cônego. A cuia, compreendeu depois, seria a forma simbólica de como ela conseguiria construir a Igreja e o Abrigo São Francisco, isto é, sair pela cidade pedindo a um e a outro uma contribuição para a realização da missão que lhe havia sido confiada.

Lendo a vida dos santos e místicos, não é estranho que eles percebam sinais de confirmação daquilo que experimentaram do “mistério” de Deus. Com Iva não foi diferente. Quatro dias depois de sua cura, recebeu a visita de Maria José Sussuarana, também integrante do Apostolado da Oração, que lhe confidenciou uma preocupação: Maria José

⁸ **O sonho profético.** Texto disponível em:

<http://www.abrigosaoofrancisco.com.br/o-sonho-profetioco>. Acesso em: 20 maio 2020.

Cassimiro, amiga comum e que havia recebido Iva no Apostolado da Oração, estava doente e precisava tomar uma medicação injetável, mas não encontrara ninguém para aplicar a injeção. Iva se dispôs para surpresa de todos e espanto da senhora doente que, como os demais, sabia de seu estado de saúde, mas não tinha ainda conhecimento de sua cura miraculosa. Quis saber tudo. Iva, porém, reconhecendo que ainda estava debilitada, assegurou à amiga que o próprio Jesus falaria em seu nome.

Como forma de agradecimento, depois de recuperada, Maria Cassimiro quis presentear a amiga Iva. Comprou, no comércio local, um quadro de São Francisco carregando Jesus Crucificado. Recebendo o presente, Iva viu naquele quadro uma verdadeira relíquia e a confirmação de seu sonho. Era exatamente como havia sonhado. Compartilhou, então, com a amiga sua experiência.

A casa da rua da Matriz, 103, tornou-se o ponto de difusão da devoção a São Francisco de Assis. Em 04 de outubro de 1959 fez, ali, a primeira festa para o santo.

Nessa festa, já com grande participação, os devotos levaram flores e até banda de Música. A um canto da sala, um altar belíssimo. Entre as flores alguns pássaros e pombos doados, por este ser o santo que mais amou a natureza. Os pássaros permaneceram no altar o dia inteiro. Os cantos, a música, os aplausos, não conseguiram afastá-los dali, parecia ser o seu lugar próprio, enquanto isto, o padre Jaime, sorridente, pergunta-lhe: “Você colocou os pássaros no altar?”⁹

⁹ **Cumpra sua missão.** Texto onde encontramos a narrativa da primeira festa dedicada a São Francisco de Assis, ainda na casa de Iva, na rua da Matriz, 103, no centro da cidade do Cabo de Santo Agostinho. Disponível em: <http://www.abrigosaofrancisco.com.br/cumpra-sua-missao>. Acesso em: 20 maio 2020.

Chegara, pois, o momento de tomar a “cuia” entre as mãos e começar a realizar aquilo que lhe foi solicitado: o abrigo para os velhinhos e uma Igreja para São Francisco. Chegara o momento da face social da experiência mística de Iva que, por consequência lógica, tornou-se franciscana consagrada.

4. A concretude do místico sonho: as obras sociais de Madre Iva

Dois foram os primeiros atos concretos da franciscana Iva, sempre a partir da “cuia” que, para ela, transformou-se no símbolo da generosidade inerente às pessoas e, em particular, aos habitantes do Cabo de Santo Agostinho. Experimentou, cotidianamente, a concretude das promessas: “Buscai, em primeiro lugar, seu Reino e sua justiça, e todas essas coisas vos serão acrescentadas” (Mateus 6,33). Ou ainda: “Pedi e vos será dado; buscai e achareis; batei e vos será aberto” (Mateus 7, 7). Iva buscou o Reino na sua relação pessoal com Deus e com os mais necessitados. Pediu, simbolicamente, com a “cuia” entre as mãos. O acréscimo chegou, as portas se abriram, as dificuldades foram superadas. Eis que, em 04 de outubro de 1961, dia da festa do Santo de Assis, a cidade celebrou a fundação do Abrigo São Francisco, em um terreno doado por Heloisa Cardoso – o Monte Alverne. Lembram-se do sonho? – A luz azulada iluminava um monte. Nove anos depois, em 1970, foi reconhecido como uma instituição de utilidade pública pela Lei Municipal nº 93.712.

Seguindo seu sonho, dois anos depois da fundação do Abrigo, sempre no dia de São Francisco, portanto, em dia 04 de outubro de 1963, foi inaugurada a Igreja de São Francisco de Assis. Durante a missa, Iva agradeceu a todos os colaboradores. No site oficial do Abrigo, encontramos alguns

desses agradecimentos nominais¹⁰. Vejamos o que está registrado: aos doutores Fernando e João, ambos da Indústria Sinval, pelo altar de mármore; Luiz Roque que, “a exemplo dos Magos do Oriente”, trouxera-lhe, sem hesitar, o valioso cálice; José Luna, pelo sacrário cujo interior torna-se a tenda de Jesus Eucarístico; o ostensório doado por Helena, que possibilitará “a todos contemplarem o Senhor da Vida, no Santíssimo Sacramento”. Dirigindo-se a Cândido Elias, afirmou: “Não ficarás sem experimentar a minha benção”. Aquela âmbula oferecida por ele serve para guardar e proteger o Corpo de Jesus, “aparentemente tão frágil”. Na conclusão do texto que relata os agradecimentos de Iva, encontramos:

Abençoo esta multidão que forma o meu povo – Povo de Deus, o qual trabalhou incansavelmente para que, hoje, a primeira missa fosse celebrada. Abençôo a todos vocês que continuarão, no próximo ano, a luta em nome do amor, à procura da luz.

Paralelo a essas ações concretas, Iva foi em busca dos filhos de São Francisco, na Igreja da Penha, no Recife. Com o apoio de Frei Jorge Bertuccelli, frade franciscano capuchinho, Iva fundou uma fraternidade da Ordem Franciscana. Pouco a pouco, perceberam a necessidade de ter uma fraternidade estável. Institucionalizou-se, então, a Fraternidade Terciária Regular: Franciscanas do Imaculado Coração de Maria, com a missão de “ajudar os idosos abandonados, restituindo-lhe a dignidade, vivendo nos

¹⁰ **Primeira Missa – 1963.** Historicização da primeira missa celebrada na Igreja de São Francisco, edificada pelos esforços de Madre Iva e seus colaboradores. Disponível em:

<http://www.abrigosaofrancisco.com.br/primeira-missa-1963>. Acesso em: 20 maio 2020.

princípios do Pai São Francisco de Assis de servir e amar o irmão que sofre” (ARAÚJO, 2017, p. 19). Nasceu a Madre Iva.

Seguindo seu empreendedorismo, voltou o olhar também para as crianças. De acordo com Araújo (2017, p. 19), em 13 de março de 1976, entregou à comunidade cabense a Escola Laurinda Bezerra Amazonas, uma homenagem à sua mãe. A Escola é vizinha ao Abrigo.

A largueza de coração de Madre Iva a levou ao encontro de famílias inteiras desamparadas, à margem da sociedade, na base da pirâmide socioeconômica. Araújo faz referência a esse envolvimento e seus desdobramentos.

Pela intervenção da Madre Iva, em meados dos anos sessenta surgiu a “Vila Madre Iva”. Trata-se de um assentamento com famílias carentes que precisavam de um teto e do apoio de todos. A Madre Iva levantou a bandeira, falou com o proprietário do terreno, sr. Airton Cardoso, e conseguiu a permanência autorizada das quase 200 famílias no local até os dias de hoje. A Vila se fortaleceu com a Criação da Associação dos Moradores da Vila Madre Iva [...]. A ligação do Abrigo São Francisco de Assis com a Vila ainda permanece com as visitas das irmãs [...] levando, sempre que possível, donativos e promovendo a educação cristã às crianças. Ainda em vida, Madre Iva pediu aos benfeitores do Abrigo para que construíssem uma creche dentro da Vila para mais de cem crianças (ARAÚJO, 2017, p. 20).

A credibilidade de Madre Iva na comunidade cabense foi processual e crescente, extrapolando, inclusive, os limites religiosos. Um dos fatos que atestam tal credibilidade tem relação com outro milagre. Tião, como era mais conhecido o sr. Sebastião Interaminense, depois de muitas orações na capela do Abrigo, alcançou o milagre tão desejado. Como resultado da graça alcançada, construiu uma escola infantil – hoje Escola Municipal Maria Eulina de Freitas Rolim (nome

em homenagem a sua avó), e a confiou aos cuidados de Madre Iva. No site da referida Escola encontramos a narrativa dessa história:

Em 1989 chegou ao Abrigo São Francisco o benfeitor Tião, muito preocupado, para conversar com a saudosa Madre Iva [...] sobre o estado de saúde da sua vovó, Maria Eulina de Freitas Rolim, e de sua filha, Tainá Interaminense. Na Capela Maria dos Anjos¹¹, os dois se prostraram em oração e com muita fé pediram a Deus, por intercessão de São Francisco, a cura das duas enfermas. Dias depois Tião voltou feliz [...]. Como gratidão resolveu se doar a um projeto que favorecesse muitas crianças, construindo, assim, a nossa Escola¹².

Na cidade que acolheu a adolescente Iva, existem, ainda, duas escolas municipais e uma estadual com o seu nome.

5. Últimas palavras de Madre Iva

A sua última mensagem¹³ é, praticamente, um testamento. Lembrou, antes de tudo, o sentido da morte para o cristão.

No Desafio da morte, o céu sorriu para mim. Vou partir para um mundo melhor, os sinos da eternidade vão anunciar que tenho que partir, o dia e a hora só Deus sabe, ninguém é de ninguém, é decreto Divino, parto FELIZ.

¹¹ A Capela Maria dos Anjos fica dentro do Abrigo São Francisco de Assis.

¹² **História da Escola Municipal Eulina de Freitas Rolim.** Texto disponível em: <http://escolamariaeulina.blogspot.com/p/historia.html>. Acesso em: 20 maio 2020.

¹³ **Iva.** Texto sobre os últimos pedidos feitos por Madre Iva. Disponível em: <http://www.abrigosaofrancisco.com.br/pagina-exemplo>. Acesso em: 20 maio 2020.

Relatou que, na construção do Abrigo, reservou o seu lugar:

Só tenho a afirmar que no começo do Abrigo me preocupei logo em cavar meu túmulo, já me sentia morta para o mundo, mandei cavar a cova na sala dos milagres, onde será meu túmulo, onde meu corpo vai descansar em paz. Não mereço enterro na Igreja, façam acima do meu túmulo um altarzinho para celebrar a santa Missa, na pequena capela coloquem São Francisco de braços abertos, simbolizando que eu continuo abençoando o povo de Deus, pois apenas um véu nos separa. O quadro que representa o sinal de São Francisco em minha vida, portador desta história com Deus e o crucifixo da Porciúncula [...], coloquem no altar. Façam tudo combinado com Padre Albérico. Se não fui obediente em vida quero ser depois da morte.

Pediu, por fim, que a levassem à sua casa, na rua da Matriz, onde começou sua experiência mística, sonhou com São Francisco e experimentou a ação milagrosa do santo que se tornaria, a partir de então, seu protetor.

Madre Iva faleceu em 2 de novembro de 1998, aos 81 anos. No dia seguinte, a missa de corpo presente foi campal, em frente à Igreja do Abrigo de São Francisco de Assis. A pedido seu, nenhuma flor foi colocada no ataúde. Ela havia dito: “Não preciso de flores no caixão. Cada um de vocês serão as flores que seguem comigo no coração” (ARAÚJO, 2014, p. 63). Calcula-se que mais de cinco mil pessoas estiveram presentes. Assim, os cabenses despediram-se da Madre Iva que continua no coração de sua gente.

6. Considerações finais

Às vezes, pensamos que as experiências místicas são abstratas, imateriais, que estão e permanecem no nível dos

êxtases ou dos transe, como quisermos qualificar. Irmã Iva nos mostra que não, tanto quanto nos apontou Boff, ou seja, a verdadeira experiência mística “implica um compromisso de transformação pessoal e social”. E aqui está a mística vivida por Madre Iva: a partir de uma experiência pessoal do “mistério” de Deus, mantendo-se fiel, transformou o abstrato, o intangível, em algo concreto em prol daquelas pessoas mais vulneráveis.

Com sua vida, Madre Iva integrou ao panteão de santos do Cabo de Santo Agostinho, São Francisco de Assis, aquele que teve a coragem de despir-se de toda a riqueza para viver na pobreza absoluta e, com essa postura, reintroduzir a igreja católica no cerne da mensagem de Jesus: o amor a Deus e ao próximo. Eis, também, o grande legado de Madre Iva.

Referências

- ARAÚJO, Cyllene. **Madre Iva, o Anjo Branco de Pernambuco**. Recife. Ed. do Autor. 2017.
- BETTO, Frei; BOFF, Leonardo. **Mística e espiritualidade** 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.
- BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Tradução do texto em língua portuguesa diretamente dos originais. Tradução das introduções e notas de *Le Bible de Jérusalem*, edição de 1998, publicada sob a direção da “École biblique de Jérusalem”. Edição em língua francesa.ed. ver. ampl. São Paulo: Paulus, 2002.
- FELIPE, Israel. **História do Cabo**. Recife: Arquivo Público; Imprensa Oficial. 1962.
- GOMES, Ricardo Jorge Silveira. **Ele é crente, pode confiar!** Igrejas Pentecostais e as eleições cabenses de 2004. Recife: Bagaço, 2018.
- IGREJA CATÓLICA. **Catecismo da Igreja Católica**: Edição Típica Vaticana. São Paulo: Loyola, 2000.

KOURYH, Jussara Rocha. **História do Cabo de Santo Agostinho**. Recife: Bagaço, 2016.

LOPES, Dom Magnus Henrique. OFMCap. **Prefácio**. *In*: ARAÚJO, Cylene. **Madre Iva, o Anjo Branco de Pernambuco**. Recife. Ed. do Autor. 2017.

JUVENTUDES

PROTAGONISMO JOVEM E COLETIVOS DE JUVENTUDE E MEIO AMBIENTE EM PERNAMBUCO

Tarcísio Augusto Alves da Silva¹

Eduardo Jorge do Nascimento²

Introdução

A problemática ambiental tem alcançado um lugar de destaque nos debates atinentes ao presente e ao futuro da humanidade e sobre o tipo de relação que as sociedades humanas mantêm com a natureza e o meio ambiente. Por conseguinte, a questão ambiental contemporânea coloca em pauta a busca de alternativas à racionalidade de desenvolvimento hegemônica, centrada na dominação dos homens e da natureza (LEFF, 2006).

Por outro lado, para Krischke (2000), cresce cotidianamente a importância dos jovens nos questionamentos dos valores sociais unilateralmente estabelecidos. Pois, ainda que por caminhos pouco ortodoxos e uma linguagem provocativa, os discursos proferidos por essa juventude discutem a necessidade de se pensar novos valores de mundo, que nas entrelinhas revelam o sentimento de inconformidade com a realidade estabelecida.

¹ Doutor em Sociologia, professor associado do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal Rural de Pernambuco.

² Bacharel em Ciências Sociais – Universidade Federal Rural de Pernambuco.

Em resposta a situação de baixa representatividade juvenil, no que diz respeito à tomada de decisões públicas, na experiência brasileira a preocupação ambiental tem se transformado em mote de reivindicação que parece ter tomado forma de engajamento para alguns segmentos da juventude nacional. Nesse sentido, a revalorização da natureza tem se mostrado particularmente atrativa para o engajamento juvenil nas questões ambientais (CARVALHO, 2004).

Isto se percebe, por exemplo, com os Coletivos Jovens de Meio Ambiente (CJs) que foram criados no ano de 2003, durante um processo de mobilização em prol da Educação Ambiental no Brasil, culminando na realização da I Conferência Nacional Infanto-Juvenil pelo Meio Ambiente (CNIJMA), em meio ao contexto da Conferência Nacional de Meio Ambiente (CNMA).

Por Coletivo Jovem de Meio Ambiente, se entende os espaços autônomos e informais de prática socioambiental, compostos por jovens em média de 15 a 29 anos de idade, nos quais indivíduos e grupos interagem, a respeito de mudança de valores, crítica social e educação ambiental (MMA, 2005).

Como se propõem, os CJs tendem a emprestar legitimidade às ações juvenis através do empoderamento participativo, visto que o discurso formal não atinge o público jovem com eficiência e parcela significativa deles, permanece tradicionalmente afastadas dos espaços de tomada de decisões nos locais onde moram (CARVALHO, 2004).

É assim que a questão ambiental tem conferido novo significado à atuação política de alguns segmentos da juventude brasileira, fazendo com que se articulem motivados pela proteção do meio ambiente (CARVALHO, 2004).

Feita essa exposição, o presente artigo procura responder a seguinte pergunta: Como os jovens, partícipes do Coletivo Jovem de Meio ambiente de Pernambuco, se percebem enquanto protagonistas dos processos e experiências vividos na gestão desse coletivo?

Portanto, entender os mecanismos que compõe a articulação social dessa juventude ambientalista apontou para caminhos os quais permitem delimitar novas estratégias e programas de apoio à autonomia dos Coletivos Jovens de Meio Ambiente e, numa perspectiva mais ampla, apoiar ações que desenvolvam o efetivo desenvolvimento socioambiental.

Nesse artigo nosso objetivo é apresentar a trajetória de jovens partícipes do Coletivo Jovem de Meio ambiente de Pernambuco enquanto protagonistas dos processos e experiências vividos na gestão desse grupo.

Do ponto de vista metodológico, a técnica de coleta de dados utilizada foi a entrevista semiestruturada fazendo uso de um roteiro composto por 09 (nove) perguntas. Foram entrevistados 08 (oito) jovens de 15 a 29 anos, responsáveis pela gerência e elaboração das ações do coletivo de jovens. Assim, os sujeitos da pesquisa foram os participantes do Coletivo Jovem de Meio ambiente de Pernambuco, localizado e atuante na região Metropolitana do Recife.

2. A problemática ambiental e a ação dos coletivos jovens de meio ambiente

Com a centralidade da questão ambiental, a partir da crise ecológica atual, diversos são os movimentos sociais que incorporam em suas pautas a busca por alternativas à racionalidade do desenvolvimento hegemônico centrado na dominação dos homens e da natureza. Nesse sentido, Beck (2010) analisa que, se há uma palavra que resume a época

em que vivemos, sem dúvida esta é o substantivo crise, o potencial destrutivo das novas tecnologias, os efeitos degradantes em larga escala da globalização e as implicações do atual modelo econômico predatório são alguns dos questionamentos fundamentais para se compreender a relação desarmônica centrada na dicotomia sociedade de um lado e meio ambiente do outro.

Logo, diante dessa nova configuração social, a preocupação com o futuro do planeta começa a ganhar destaque na agenda pública, e questões como o aquecimento global, os deslocamentos compulsórios, a escassez de água, a crise mundial de alimentos, o potencial atômico de destruição em massa, a mundialização da economia, a concentração de renda e a distribuição desigual dos impactos socioambientais ganham importância crescente na pauta de reivindicações dos novos movimentos sociais.

Conforme Gonçalves (2006), é nesse contexto de empoderamento social que a problemática ambiental tem alcançado um lugar de destaque nos espaços de discussão pública sobre o presente e o futuro da humanidade e do tipo de relação que as sociedades humanas mantêm hoje com seu meio ambiente.

Para Beck (2010), na arena política esse momento representa uma crise de representatividade. A ineficiência legislativa, a corrupção generalizada e a globalização de riscos ecológicos, abrem o precedente para a realização de profundas mudanças sociais, nas quais, os segmentos das juventudes, conforme explica Carvalho (2004) reivindicam maior participação social.

Ainda, para Carvalho (2004), o jovem, ao participar de processos coletivos de transformação social, consequentemente, estará transformando a sua comunidade e a si próprio. Sob esta consideração, a discussão sobre os temas de cidadania e meio ambiente torna-se cada vez mais

pertinente quando aliada à educação ambiental enquanto perspectiva para compreensão da atual conjuntura socioambiental, sobre um olhar crítico.

Com efeito, a participação juvenil no âmbito dos CJs, também aponta para a subjacente aceitação da polifonia gerada por múltiplos discursos e interesses muitas vezes divergentes, seja na direção do consenso, ou do dissenso de ideias. Contudo, é o esforço maior pelo estabelecimento do equilíbrio através do respeito democrático, da luta por equidade social e a busca por uma sociedade sustentável que constitui a política participativa dos Coletivos Jovens de Meio Ambiente (ROCHA, 2006).

Em meio ao caos social instalado em pleno século XXI de crise ecológica, os caminhos dos movimentos sociais, por vezes, se cruzam debatendo as necessidades coletivas a partir do olhar das minorias, dos grupos excluídos, inclusive, por meio da participação da juventude no processo de ressignificação social (KRISCHKE, 2000).

Conforme Demo (1993), a participação enquanto instrumento do exercício da cidadania, se refere à apropriação pelos indivíduos do direito de construção democrática do seu próprio destino. Dessa maneira, a busca por espaço na vida pública, inerente ao cidadão excluído, o orienta pela necessidade de participação, motivando-o rumo à mudança da realidade de exclusão estabelecida.

3. Eis um novo ator social: os jovens ambientalistas

No contexto atual, observa-se o surgimento de uma nova percepção de juventude que se consolida nos movimentos sociais de afirmação e que tem buscado ressignificar suas raízes em diálogo com o papel e a identidade de uma juventude de libertação. Dessa forma,

esta juventude busca autoafirmação enquanto juventude em vias de assumir seu papel político na sociedade.

Segundo Abramo (1997), aqueles que se autocaracterizam jovens, refazem sua identidade em diálogo com novos modelos de sociedade, de maneira a possibilitar, o olhar crítico sobre o futuro próximo e a diminuição da barreira ao empoderamento juvenil. E assim, essa juventude se permite muito mais, errando e acertando na prática cotidiana, de forma que, a reflexão sobre si e sobre seu papel de protagonista no seu ambiente seja concretizado à luz do olhar jovem.

Para Carvalho (2004), a expressão clara desse novo jovem que se constitui é o embate entre a individualidade e o grupo, ou seja, o jovem enquanto ator social pertencente historicamente a uma condição de coadjuvante se encontra hoje em condições de aspirar concretamente, por desenvolvimento social e autonomia.

Percebe-se, que essa nova juventude é orientada por outros referenciais que não mais aqueles advindos estritamente da tradição geracional, e que ganham espaço, descobrindo o mundo dos conflitos e das oportunidades em sociedade. E nesse sentido, “As diferentes construções do que significa ser jovem, para esses indivíduos, variam nos espaços por onde transitam, e de acordo com as posições sociais que ocupam” (CASTRO, 2005, p. 32).

Ainda para Castro (2005), há diferentes percepções para se compreender a categoria juventude na contemporaneidade, logo a juventude enquanto categoria de pensamento constitui-se no embate entre a legitimação de sua autonomia e o desenvolvimento do seu papel político. Nesse contexto, o debate que permeia a constituição dessa nova juventude referenda também, o empoderamento político entre o indivíduo e sua comunidade, na medida em

que se percebe a categoria para além da relação superficial de transição geracional.

Assim, os jovens também tendem a formar grupos informais, independentes, fugindo de instituições controladoras e de sua burocratização massiva. Isto posto, através dessa forma de articulação, esta juventude, enfrenta o mundo sem o risco de frustrações e pressões exercidas por essas instituições, influenciando a formação de outros grupos, na melhora da autoestima, no sentimento de pertencimento, na vida emocional e social dos jovens. (GROPPO, 2000).

Seguindo o argumento de Pais (1990), trata-se de entender o discurso proferido pelos jovens, através da compreensão do processo de construção de suas interações, a partir dos seus próprios grupos culturais produtores de signos e significados que se particularizam, não pela condição de transição em si, mas pelo processo de negociação circundado pelas relações de poder. Logo, almeja-se conhecer o jovem a partir de suas experiências e como estes constroem suas relações tendo em vista um projeto de futuro pensando por e para jovens.

Está claro que novos padrões de juventude estão se constituindo, e o jovem cada vez mais vem se reinventando. Dessa forma, transformações a cerca de novos padrões de vida e intervenção no meio ambiente constituem as novas aspirações dessa recente juventude (CARVALHO, 2004).

É perceptível neste debate que, o engajamento da juventude ambientalista, ou da juventude preocupada com as questões socioambientais, a exemplo da juventude de Coletivos Jovens de Meio Ambiente, adequa-se na atualidade a possibilidade de crescimento tanto do jovem enquanto cidadão, como de sua sociedade. Assim este jovem atuante busca novas informações, presta atenção às mudanças constantes em seu meio ambiente, acessa os canais de

comunicação e informação para trocar ideias a respeito da temática envolvida e aprende desde cedo a exercitar a sua cidadania e a praticar a justiça socioambiental.

4. Coletivo de jovens de meio ambiente de Pernambuco, história e motivações

Conforme analisam Silva e Paulo (2012), as questões socioambientais pernambucana são consequências, principalmente, do acelerado e desordenado processo de urbanização, aliado as práticas de grandes setores da indústria, como é o caso de Suape, por exemplo. Sobre isso, a educação ambiental vem se destacando através dos movimentos sociais em Pernambuco como um instrumento fundamental de mobilização e participação da sociedade, sobretudo da categoria juvenil, em ações que visam à tomada de consciência das causas e consequências dos problemas ambientais, bem como das possibilidades de solução.

Norteado por este pensamento, na área ambiental, a mobilização juvenil, por meio da participação em organizações de combate à degradação ambiental é histórica. Esse envolvimento, entretanto, começa a ocorrer com força no âmbito de um movimento próprio de juventude, no ano de 2003, em meio aos processos de Conferências Nacionais de Meio Ambiente, desenvolvidas pelos Ministérios de Meio Ambiente (MMA) em parceria com o Ministério da Educação (MEC), possibilitando as bases para se criar depois o Coletivo Jovem de Meio Ambiente (CJ), viabilizado com o intuito de mobilizar as juventudes em prol da questão ambiental. Ao analisar de maneira geral os motivos que possibilitaram o surgimento dos CJs, Verônica, jovem participante do CJ- PE, explica que: “O CJ-PE surgiu a partir da mobilização em torno da construção da I Conferência

Infanto-Juvenil pelo Meio Ambiente realizado pelo Ministério da Educação com foco na educação ambiental. “

Do mesmo modo, explicando o contexto de formação do CJ- PE, Sinval jovem participante do coletivo, relata:

O CJ-PE surgiu a 11 anos, partindo dos jovens facilitadores da I Conferência Nacional Infanto Juvenil Pelo Meio Ambiente, na qual depois de tal participação os facilitadores viram que tinham interesses comuns e queriam lutar pelas causas sociais, fundando assim esse grupo.

Nota-se, que inicialmente essa ação teve o objetivo principal de integrar os variados movimentos jovens no processo de elaboração da primeira Conferência Infanto-Juvenil pelo Meio Ambiente (CNIJMA) realizada em 2003, garantindo efetivamente a participação das juventudes em decisões concernentes às políticas públicas relativas ao meio ambiente. Já para Horácio, também jovem participante do CJ-PE, o coletivo:

Surgiu da ação de jovens pernambucanos que sentiram a necessidade de atuação, neste caso voltado ao ramo ambiental. Este grupo acabou ganhando destaque por já existir em outros estados. Daí veio as participações em grandes eventos, onde eu os conheci.

Dessa forma, foi a partir também da repercussão alcançada, por alguns dos jovens nas escolas, movimentos sociais, ONGs, entre outros espaços, que em suma articulavam a organização da primeira CNIJMA, através do Conselho Jovem de Meio Ambiente em Pernambuco, que tinha exclusivamente a proposta de articulação da conferência, e posteriormente se tornaria o CJ viabilizado para o empoderamento social juvenil.

E foi assim com o CJ – Pernambuco, desde que foi proposto, vem tentando se afirmar no estado como um

coletivo de jovens atuantes, posto, o papel de multiplicador encarado por sua juventude, mesmo que por hora o coletivo se encontre desarticulado. Explicando este fato, quando indagado sobre se ele se sentia um participante atuante na gestão do coletivo, Horácio esclarece:

Fui delegado em uma conferência estadual e nacional onde o CJ-PE atuava, pelo meu desempenho no grupo. Na gestão do CJ – PE são mobilizados planos de ações para as atividades do Coletivo, planos estes nos quais cada membro tende a atuar seja na idealização ou aplicação do projeto. Cordialmente mesmo com o Coletivo desestabilizado, os jovens membros atuam em suas regiões com ações particulares, que envolvem grupos menores de que todo o resto do CJ. É dessa forma que eu me sinto participante, as relações e os contatos que são adquiridos no CJ permitem que vários projetos saiam do papel mesmo que o grupo esteja desorganizado em seu todo. Baseamos muito na ideia de que pequenas ações podem mudar o mundo.

Neste sentido, conforme Demo (1993) as motivações para à participação encontra justificativa a partir da compreensão do cidadão como provocador de mudanças, como nesse caso constitui-se a juventude do CJ, carregando o potencial político de se impor. No entanto, devido a desarticulação do CJ-PE, esse grupo de jovem buscou então sensibilizar outros jovens de maneira esparsa e com atuação mais específica nas escolas da região metropolitana do Recife. Com esse feito, explica Verônica que:

Até pouco tempo as atividades tinham amplitude em nível de escolas da região metropolitana, nossas atividades são através de seminários, reuniões, exposições, entre outros, normalmente focando em temas que dizem respeito às juventudes e suas relações com o meio ambiente como um todo.

Mas de toda forma, como esclarece Horácio, ainda a principal atividade desenvolvida pelo CJ – PE, mesmo que de maneira pontual, quando delas se aproximam, é:

A facilitação da Conferência Estadual Infanto Juvenil pelo Meio Ambiente, a facilitação na Conferência Nacional Infanto Juvenil pelo Meio Ambiente e também com extrema importância temos apoiado as atividades dos delegados das conferências em suas localidades.

Assim, o CJ de Pernambuco, tenta desde sua formação em 2003, resistir como grupo de ação, se reestruturando, continuamente como Conselho Jovem de Meio Ambiente, até se constituir de fato como Coletivo Jovem de Meio Ambiente, entre períodos de estabilidade e desarticulações.

E assim, a juventude participante de CJs, se aproxima do que explica Carvalho (2004), quando estabelece que o jovem ambientalista de hoje para além de se constituir como sujeito social portador de direitos coletivos, tem também buscado configurado como sujeito ecológico. Nesse sentido, esta parcela da juventude, enxerga o CJ como um canal catalizador que os conferem maiores proporções em suas ações, e que mesmo quando desarticulado ainda carrega o potencial de soma, podendo ser rearticulado mais a frente com o esforço coletivo.

5. Considerações finais

Procuramos apresentar a experiência de organização dos jovens participantes de Coletivos Jovens de Meio Ambiente em Pernambuco, imprescindível para orientar novas propostas de políticas públicas adequadas à situação de desorientação que se encontram esses coletivos na atualidade. Sendo assim, acreditamos que o espaço do CJ é um local de protagonismo tornando-se um lugar de

oportunidades, desenvolvimento de responsabilidades, autonomia, consciência crítica, e deliberação propositiva juvenil.

De fato, o protagonismo juvenil no espaço do CJ se mostra um dos caminhos viáveis para o fortalecimento do jovem atuante de coletivos de juventude e meio ambiente pernambucano, mesmo que na prática atual este protagonismo esteja reduzido ou a atuações individualizadas, ou a intervenções pontuais em curtos espaços de tempo.

Dessa forma, os CJs estudados, ao passo que conseguem se reestruturar, ofertaram de novo, a possibilidade de uma cidadania ética e responsável, uma vez que neles se desenvolve o exercício da participação democrática, da formação da identidade coletiva e do auto reconhecimento dos jovens, enquanto sujeitos autônomos para tomar decisões, que é o cerne do protagonismo em si.

Reconhecer o protagonismo juvenil como prática social é uma forma de compreender que através da participação da juventude pernambucana é possível gerar mudanças na realidade social. Nesse sentido, defendemos a possibilidade de construção de novos Coletivos Jovens de Meio Ambiente em Pernambuco, sustentado por indivíduos multiplicadores, comprometidos com a educação participativa e com o processo de democratização do espaço público em geral.

Referências

- ABRAMO, Helena. Wendel. Consideração sobre a tematização social da juventude no Brasil. **Revista brasileira de educação**. ANPED. Nº5 e Nº 6. 1997.
- BECK, Ulrich. **Sociedade de Risco - Rumo a uma outra modernidade**. São Paulo: Editora 34, 2010.

BRASIL, Órgão Gestor da Política Nacional de Educação Ambiental. **Juventude, cidadania e meio ambiente: subsídios para elaboração de políticas públicas.** / Órgão Gestor da Política Nacional de Educação Ambiental; Ministério do Meio Ambiente; Ministério da Educação. – Brasília: Unesco, 2006.

CARVALHO, Isabel Cristina. Ambientalismo e juventude: o sujeito ecológico e o horizonte da ação política contemporânea In: NOVAES, Regina e VANNUCHI, Paulo (orgs). Juventude e Sociedade Trabalho, educação, cultura e participação. **Fundação Perseu Abramo e Instituto da Cidadania, São Paulo, 2004. Disponível em:** <http://www.cpd1.ufmt.br/gpea/pub/icarvalho_ambientalismo%20juventude.pdf>. Acesso em: 05 Jan. 2015.

CASTRO, Elisa. Guaraná. de. **Entre ficar e sair: uma etnografia da construção social da categoria jovem rural.** Tese (Doutorado) UFRJ/PPGAS/ Programa de Pós-graduação em Antropologia Social. Rio de Janeiro: UFRJ/PPGAS, 2005.

DEMO, Pedro. **Participação é conquista: noções de política social participativa.** São Paulo: Cortez, 1993.

GONÇALVES, Carlos Walter Porto. **Os (des)caminhos do meio ambiente.** 14.ed. São Paulo: Contexto, 2006.

GROPPO, Luis. Antônio. **Juventude: ensaio sobre sociologia e história das juventudes modernas.** Rio de Janeiro: Difel, 2000.

KRISCHKE, José. Paulo. “Ecologia, juventude e cultura política.” In. Ecologia, Juventude e cultura política: a cultura da juventude, a democratização e a ecologia nos países do Cone Sul/ **Paulo J. Krischke, organizador. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2000.**

LEFF, Enrique. Racionalidade ambiental – a reapropriação social da natureza. **Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.**

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Formando Com-vida, Comissão de Meio Ambiente e Qualidade de Vida na Escola: construindo Agenda 21 na escola / **Ministério da Educação, Ministério do Meio Ambiente. - 2. ed., rev. e ampl. – Brasília: MEC, Coordenação Geral de Educação Ambiental, 2007. Disponível em:**

<http://www.mma.gov.br/estruturas/agenda21/_arquivos/com_vida.pdf> Acessado em 05/01/2015.

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. Coletivos Jovens de Meio Ambiente: Manual Orientador. BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. Diretoria de Educação Ambiental. Ministério da Educação.

Coordenação-Geral de Educação Ambiental. 2005. Disponível em: <

http://www.mma.gov.br/estruturas/educamb/_arquivos/cjs_manor.pdf> Acessado em 05/01/2015.

PAIS, José Machado. **A construção sociológica da juventude: alguns contributos**. *Análise Social*, v. 25, p. 139-165. 1990. Disponível em: <<http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223033657F3sBS8rp1Yj72MI3.pdf>> Acessado em 05/01/2015.

ROCHA, Angélica. “Desafios e perspectivas para as organizações juvenis.” In. Brasil. Órgão Gestor da Política Nacional de Educação Ambiental. **Juventude, cidadania e meio ambiente: subsídios para elaboração de políticas públicas**. / Órgão Gestor da Política Nacional de Educação Ambiental; Ministério do Meio Ambiente; Ministério da Educação. – Brasília: Unesco, 2006.

Disponível em: <http://www.mma.gov.br/estruturas/educamb/_arquivos/Juventude.pdf> Acessado em 05/01/2015.

SILVA, Tarcísio. Augusto. Alves. PAULO, Maria. Assunção. Lima. de. **Novas dinâmicas territoriais e a emergência de conflitos socioambientais em Pernambuco (Brasil)**. *Encuentro Territorios em movimento*. Centro Latinoamericano para el desarrollo rural. Quito, Ecuador: RIMISP, 2012. Disponível em: <<http://www.rimisp.org/wp-content/uploads/2013/03/162.pdf>> Acessado em 05/01/2015.

MÚSICA

MOVIMENTO FEMINISTA: O QUE SABEMOS?

Sandra Helena Rios de Araújo*

O movimento feminista provoca, à primeira vista, inquietações díspares. Por um lado, causa estranheza ou até repulsa, sobretudo em vista dos fatos noticiados nos grandes meios de comunicação que, via de regra, divulgam apenas atos extremistas esporádicos, como aqueles protestos em que mulheres se despem em vias públicas para chamar atenção às causas que estão defendendo naquele específico momento. Esse radicalismo, como tantos outros, é encarado com muita resistência.

Por outro lado, o desconhecimento sobre o movimento feminista em sua essência é mais comum do que podemos imaginar. Quase sempre é vinculado apenas à legalização do aborto e à liberdade sexual, comumente associada à “libertinagem”, carregando em si um enorme fardo negativo

* Doutora em Ciências da Religião pela Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP. Mestra em Ensino da Saúde pela Universidade Federal de Alagoas – UFAL. Especialização em Ginecologia-Obstetrícia, Genitoscopia, Clínica Médica e Educação Médica. Graduada em Medicina pela Fundação Universitária de Ciências da Saúde de Alagoas Governador Lamenha Filho (1990). Atualmente, professora assistente do Curso de Medicina da Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas – UNCISAL e professora adjunta do Centro Universitário Tiradentes – UNIT. E-mail: sandrahraraujo@gmail.com.

como se quisesse destruir valores morais que a sociedade preestabeleceu (e preestabelece) como normas e padrões fora dos quais tudo é considerado ilegítimo, ilícito, proibido, quase aberração como são enquadradas as questões em torno da orientação sexual dos indivíduos.

O mais estarrecedor é a constatação de tomadas de posições desprovidas de um conhecimento mais profundo fazendo-se valer, na maioria das vezes, de sentenças condenatórias baseadas no “ouvir dizer” ou de uma justificativa religiosa assumida como verdade absoluta que não permite, minimamente, tentar entender as situações sob o prisma das ciências, inclusive da ciência médica, e/ou das Humanidades. Assim, como pontua Carla Garcia,

o feminismo, ao longo de sua história, foi alvo de campanhas que fizeram com que a população de modo geral acreditasse que [...] era um inimigo a combater e não que, segundo a época e a realidade de cada país, existiram e coexistiram muitos tipos de feminismo com um nexo comum: lutar pelo reconhecimento de direitos e oportunidades para as mulheres e, com isso, pela igualdade de todos os seres humanos (GARCIA, 2015, p. 11-12).

O movimento feminista, portanto, tem uma pauta rica, extensa, diversificada e desconhecida que trouxe para o universo feminino – e, por conseguinte, para a sociedade na sua totalidade –, conquistas que sequer lhe atribuímos. Percorreremos essa história, através de uma revisão bibliográfica, amparada em autoras como Ivone Gebara, Simone de Beauvoir, Carla Garcia e Elisebeth Fiorenza, mesmo se de modo sucinto, evidenciando os enfrentamentos a quatro conceitos construídos – androcentrismo, patriarcado, sexismo e gênero – como contributo para uma maior compreensão das lutas das mulheres por reconhecimento e respeito de sua singular e coletiva dignidade.

2. Desafiando conceitos

Antes de abordarmos diretamente os conceitos mencionados, é importante frisar que o feminismo, como tal, pode ser definido como a coletiva tomada da consciência das mulheres de si mesmas e do seu entorno, o que comporta, necessariamente, a compreensão da forma como são tratadas e do papel que desempenham na sociedade, sem abrir mão daquelas responsabilidades que assumem dentro de suas casas.

Não é difícil perceber que encontramos as mulheres entre dois mundos: aquele que o senso comum atribui como seu porque determinado pela sociedade na qual está inserida – o mundo privado, o mundo dentro das “quatro paredes” do lar, onde lhe compete, entre outras coisas, o cuidado com o marido ou companheiro (quando o tem), a educação dos filhos, o zelo com a casa entre outras tarefas; e aquele que o mesmo senso comum, até bem pouco tempo, determinava quase de exclusiva pertença do homem – o mundo público, aquele da porta da casa para fora, para a rua, onde tudo era permitido, de onde provinham (e provém) todas as determinações.

A compreensão desses dois universos é determinante para percebermos o quão rígidas são as diretrizes para os comportamentos sociais e familiares. Nessa percepção notamos que, curiosamente, as diretrizes são estipuladas no mundo público, mesmo quando determinam comportamentos e atribuições do mundo privado. Assim, esse mundo público, domínio do homem, prescreve diretrizes, tornando-as socialmente aceitas, e exigindo obediência inclusive quando dizem respeito ao mundo das “quatro paredes” do lar. No pensamento de Diane Lamoureux,

a distinção entre o domínio público e o domínio privado é ao mesmo tempo fundamental e muito antiga [...]. Certamente, os contornos do privado e do público variam de acordo com a época, mas ainda assim podem-se verificar algumas constantes: o governo é sempre da competência do público, enquanto o doméstico faz inevitavelmente parte do privado (LAMOUREUX, 2009, p. 208-209).

Descortina-se, dessa forma, uma sociedade que construiu sua história a partir do homem. Nesse sentido, Simone de Beauvoir (2016a, p. 186) afirma que “toda a história das mulheres foi feita pelos homens [...], eles [...] criaram valores, costumes, religiões; nunca as mulheres lhes disputaram esse império”.

O feminismo, pois, se insere nessa sociedade construída a partir do homem e ousou – o que continua fazendo – pensar a vida, em todas as suas nuances, a partir do próprio olhar, isto é, a partir do olhar feminino, a partir da mulher, suas experiências e sua percepção da vida. É outra visão e outra leitura de mundo que tira o homem do centro, não para substituí-lo, mas para que o olhar seja múltiplo e contemple, também, aquele da mulher. Coloca, portanto, o ser humano, na sua totalidade, homem e mulher, no centro do conhecimento e da história.

Em sintonia com as preposições de Beauvoir, Ivone Gebara aponta o quanto é excludente um conhecimento que se respalda apenas sob um ponto de vista e o quanto é dantesca sua pretensão à universalidade. Afirma Gebara:

Um conhecimento que despreza a contribuição das mulheres não é apenas um conhecimento limitado e parcial, mas um conhecimento que mantém um caráter de exclusão. Sua pretensão à universalidade já revela seus limites. Podemos afirmar que, a nível concreto das análises feministas, é um conhecimento que não é atento à dimensão ética de justiça, de igualdade e de respeito da

pluralidade dos seres e de suas experiências (GEBARA, 2000, p. 117).

Podemos, então, compreender que o movimento feminista busca, por uma questão “ética de justiça, de igualdade e de respeito”, levar em consideração a importância do universo feminino e o quanto este pode ser um contributo para a paulatina consolidação de uma sociedade mais justa, mais igualitária, mais respeitosa à diversidade característica do ser humano.

Com esse mínimo e indispensável entendimento, busquemos os enfrentamentos àqueles conceitos acima elencados.

3. Androcentrismo

Elisabeth Fiorenza, de uma maneira clara e objetiva, define o androcentrismo como a literal “centração no homem”. E o que isso quer dizer? Ela mesma explica: é “um sistema que entende macho/masculino/homem/varão como a norma e mulheres como secundárias, periféricas” (FIORENZA, 2009, p. 132). Significa que o homem é considerado a medida de todas as coisas. Tal centralidade acarreta inúmeros prejuízos, entre eles, está o fato de considerar as experiências dos homens como comuns a todos os seres humanos. Como afirma Simone de Beauvoir,

a humanidade é masculina, e o homem define a mulher não em si, mas relativamente a ele; ela não é considerada um ser autônomo. [...]. Ela não é senão o que o homem decide que seja [...]. A mulher determina-se e diferencia-se em relação ao homem, e não este em relação a ela; a fêmea é o inessencial perante o essencial. O homem é o Sujeito, o Absoluto; ela é o Outro (BEAUVOIR, 2016a, p. 12-13).

Apresentamos, aqui, um recorte que tem interface direta com essa “definição” da mulher pelo homem e em relação a ele mesmo: a concepção da criação do “sexo belo”, ainda na Grécia Antiga, atualmente repaginada pela excessiva e incessante busca do corpo perfeito com a proliferação do mercado das academias. Tal concepção está intrínseca no direcionamento da existência da mulher. Para quem o corpo perfeito? Alguém responderá: “Para mim mesma”; outra: “Para meu homem”. O que nos importa aqui? Acompanharmos o quanto, no percurso histórico, o “sexo belo” também foi determinado onde ele deveria ser vivido e a serviço de quem deveria estar. Senão, vejamos o que nos diz Ivone Gebara:

Junto ao “sexo belo” se desenvolveram também as imagens da mulher idealizada, da “rainha do lar”, a mulher louvada pelo sacrifício ao esposo e à família. E, como não poderia deixar de ser, as imagens das mulheres fatais, aquelas que se opõem às mulheres de família, as dos prazeres, as amantes, as concubinas, as “queridas”, as prostitutas, aquelas que servem e cobram pelos seus serviços porque sabem ser para os outros (GEBARA, 2017, p. 18).

Aqui, a autora apresenta duas faces: a primeira, aquela referente ao ser “dona de casa” que, dentro do mundo privado, representava seu *status quo*, como se isso bastasse para garantir sua posição de respeito na sociedade. Porém, este “ser dona de casa” estava impregnado daquela mesma cultura determinada pelo homem e definia o comportamento da mulher respeitada. Ali não cabia a vaidade exagerada, o cuidado com o corpo, o esmero da aparência. Eram aspectos supérfluos, não condizentes com a mulher recatada que a ocupação daquele cargo de “senhora do lar” exigia.

Nossa dignidade de mulheres aparecia subordinada à masculina. Os nossos senhores sempre foram defensores de uma pretendida honra. Nós tínhamos que ser virgens para não desonrá-los; tínhamos que negar o prazer dos nossos corpos para sermos dignas da maternidade; tínhamos que ser puras para eles e para o seu Deus (GEBARA, 2017, p. 34).

A segunda face, o mundo externo, público, do homem. Nele, as mulheres de seus prazeres. Ali estava o “sexo belo”, a estética cuidadosamente bem tratada, os adereços, as vaidades. Elas podiam porque pertenciam ao mundo público, portanto, eram mundanas e, paradoxalmente, estavam, tanto quanto as donas do lar, à serviço dos homens. As pagas eram diferentes: àquelas da casa, a manutenção das necessidades básicas para a sobrevivência; àquelas do mundo, a manutenção da luxúria. Tudo tinha seu preço. Tudo era permitido ao homem porque nele, nada grudava e sua honra não ficaria manchada pelo fato de ter amantes, concubinas. Era, ao contrário, a certificação de sua masculinidade.

Assim, pois, o homem no centro; as mulheres a seu dispor.

4. Patriarcado

Existe diferenciação entre o androcentrismo e o patriarcado? Para Elisabeth Fiorenza, sim. Enquanto no androcentrismo o homem é o centro linguístico-ideológico do mundo, é o ser pensante capaz, inclusive, de definir a mulher, no patriarcado ele “constrói relações estruturais e institucionais de dominação” (FIORENZA, 2009, p. 133). Essas relações que remontam ao início da agricultura, com o aparecimento do “dono da terra”, ao surgimento da propriedade privada – o que incluiu a mulher –, estão

impregnadas pelas relações de poder que permeiam, até hoje, os espaços públicos e privados, as ruas, os guetos, as famílias, as empresas, as igrejas, as instituições, o exercício das profissões, e assim por diante.

É interessante poder estabelecer uma correlação do patriarcado com a sociologia da dominação apresentada por Max Weber. Em uma de suas definições, Weber apresenta a dominação com uma tal clareza que nos permite fazer uma analogia com a definição de patriarcado. Para ele,

por “dominação” compreenderemos, então, [...] em que uma vontade manifesta (“mandado”) do “dominador” ou dos “dominadores” quer influenciar as ações de outras pessoas (do “dominado”), e de fato as influencia de tal modo que estas ações, num grau socialmente relevante, se realizam como se os dominados tivessem feito do próprio conteúdo do mandado a máxima de suas ações (“obediência”) (WEBER, 2004, p. 191).

Portanto, o poder patriarcal (dominação) está diretamente ligado à submissão ao senhor (dominador) e, ao mesmo tempo, à consciência (ou a falta dela) dos subordinados. “Na medida em que seu poder não está limitado pela tradição ou por poderes concorrentes, ele o exerce de forma ilimitada e arbitrária, e sobretudo: sem compromisso com regras” (LEMOS, 2013, p. 202). A autora Carolina Lemos destaca que, a partir da supervalorização das atividades masculinas em detrimento daquelas exercidas pelas mulheres, a supremacia masculina se legitimou no percurso da história.

Eis, pois, o patriarcado: prática política associada ao processo de dominação do homem sobre a mulher em todos os aspectos da vida: familiar, social, econômica, empresarial, trabalhista, religiosa. É importante ressaltar que o patriarcado, mesmo consequente de uma antiga construção, ainda

perdura em pleno século XXI. O mundo está permeado de culturas em que as mulheres permanecem submissas aos homens, como, por exemplo, na Arábia Saudita, no Irã, Marrocos, Nepal, na República Dominicana do Congo, entre outros países. Além disso, naqueles outros países que se apresentam como possuidores de uma cultura de respeito às mulheres, como o Brasil, o patriarcado se traveste e assume outras nuances nos dois mundos, público e privado.

5. Sexismo

A respeito do sexismo, o terceiro conceito-chave das questões fundantes do movimento feminista, Ivone Gebara é direta: “dominação de um sexo sobre outro” (2017, p. 61). Para Carla Garcia,

o sexismo se define como o conjunto de todos e cada um dos métodos empregados no seio do patriarcado para manter em situação de inferioridade, subordinação e exploração o sexo dominado: o feminino. O sexismo abarca todos os âmbitos da vida e das relações humanas. Ou seja, não se trata de costumes, piadas ou manifestações do poderio masculino em um momento determinado, mas de uma ideologia que defende a subordinação das mulheres e todos os métodos utilizados para que essa desigualdade se perpetue (GARCIA, 2015, p. 18-19).

As piores consequências do sexismo são, sem dúvida, as ações violentas contra as mulheres. De acordo com o Conselho Nacional de Justiça,¹ esse tipo de violência é definida como

¹ Conselho Nacional de Justiça. Formas de violência contra a mulher. Disponível em: <http://www.cnj.jus.br/programas-e-acoas/lei-maria-da-penha/formas-de-violencia>. Acesso: 25 fev. 2019.

qualquer conduta – ação ou omissão – de discriminação, agressão ou coerção, ocasionada pelo simples fato de a vítima ser mulher e que cause dano, morte, constrangimento, limitação, sofrimento físico, sexual, moral, psicológico, social, político ou econômico ou perda patrimonial. Essa violência pode acontecer tanto em espaços públicos como privados.

Na relação dos tipos de violência estão aquelas “de gênero” – quando a agressão acontece pelo simples fato de a vítima ser mulher; a “doméstica” ou “intrafamiliar”, quando ocorre dentro do âmbito familiar (mundo privado).

6. Gênero

Aqui está o calcanhar de Aquiles! No momento atual, são tantas as informações, desinformações e contrainformações que, para a maioria das pessoas, é um assunto que não merece sequer ser mencionado. Além disso, gerou-se um terrível mal-estar, sobretudo em relação às diretrizes educacionais, como se as propostas de governos anteriores fossem direcionadas a desconhecer o feminino e o masculino e, a partir desse ponto, incentivar crianças e adolescentes à homossexualidade e à bissexualidade, por exemplo. Qual o desafio que queremos propor aqui? Primeiro, extrairmos de dentro de nós qualquer preconceito uma vez que este, literalmente, significa uma ideia pré-concebida sobre algo ou alguém que não conhecemos profundamente, ou sequer conhecemos. Depois, assimilarmos alguns pontos das teorias propostas por especialistas sobre o assunto a fim de alargarmos a mente e o coração em relação àquilo que se apresenta diferente de nós.

Antes de mais nada, é imprescindível fazermos uma distinção entre o que é biológico e o que é cultural. A biologia é nosso estágio natural, ou seja, se nossa formação for

perfeita, somos fêmea ou macho, em outras palavras, mulher ou homem. Dependendo do tempo histórico e da cultura em que estivermos inseridas, os papéis de um e de outro sexo são diferentes. O que acontece no senso comum? O fator biológico é o determinante em todos os aspectos, inclusive naquele da supremacia do homem sobre a mulher que abordamos nos três conceitos anteriores.

Sem ignorar o biológico, o movimento feminista considera, também, o aspecto cultural, lembrando o que constatou Simone de Beauvoir (2016a, p. 186): “toda a história das mulheres foi feita pelos homens [...], eles [...] criaram valores, costumes, religiões; nunca as mulheres lhes disputaram esse império”. Valores e costumes que serviram (e servem) para garantir e perpetuar a primazia masculina.

Com essa brevíssima contextualização, podemos apreender as colocações de Carla Garcia, para quem, em relação a gênero, o movimento feminista

parte da ideia de que o feminino e o masculino não são fatos naturais ou biológicos, mas sim construções culturais. Por gênero entendem-se todas as normas, obrigações, comportamentos, pensamentos, capacidades e até mesmo o caráter que se exigiu que as mulheres tivessem por serem biologicamente mulheres. Gênero não é sinônimo de sexo. Quando falamos de sexo estamos nos referindo à biologia – as diferenças entre os corpos – e ao falar de gênero, as normas e condutas determinadas para homens e mulheres em função do sexo (GARCIA, 2015, p. 19-20).

Ivone Gebara aprofunda a questão. Para ela, os dois gêneros, masculino e feminino, foram marcados, a princípio, por uma “divisão social do trabalho” (2017, p. 63). Nela estava muito bem definido aquilo que competia a uma e a outro, impedindo, inclusive, a troca de tarefas. Se assim acontecesse, a transgressão se estabelecia com atribuídas

consequências morais: a mulher perdia sua feminilidade, e o homem, sua masculinidade.

É nesse contexto que se compreende a famosa e inquietante afirmação de Simone de Beauvoir: “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. [...] Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade” (BEAUVOIR, 2016b, p. 12). Para ela, é o conjunto da civilização que qualifica o feminino.

Justificando essa sua afirmação, Beauvoir se respalda no processo de desenvolvimento da criança e o quanto os sentimentos e percepções são comuns a ambos os sexos. Começa a partir da constatação de que é a partir do corpo que o ser humano compreende o mundo, mais especificamente através dos olhos e das mãos, e não dos órgãos genitais. Acentua a igualdade dos dramas naturais provocados pelo parto e pelo desmame, dos interesses e prazeres, entre os quais coloca a sucção como a fonte inicial das sensações mais agradáveis. Seguindo seu argumento, lembra a fase anal e a exploração do próprio corpo revestida de curiosidade e indiferença, encontrando no clitóris e no pênis o mesmo incerto prazer.

Na medida em que já se objetiva sua sensibilidade, voltam-se para a mãe: é a carne feminina, suave, lisa, elástica que suscita desejos sexuais e esses desejos são preensivos; é de uma maneira agressiva que a menina, como o menino, beija a mãe, acaricia-a, apalpa-a; têm o mesmo ciúme se nasce outra criança; manifestam-no da mesma maneira: cólera, emburramento, distúrbios urinários; recorrem aos mesmos ardis para captar o amor dos adultos (BEAUVOIR, 2016b, p. 12).

Beauvoir conclui essa sua reflexão incluindo a ação de outrem que, munido daquelas determinações impostas pela

cultura, vai guiando comportamentos, delineando estilos de vida.

Até os doze anos a menina é tão robusta quanto os irmãos e manifesta as mesmas capacidades intelectuais; não há terreno em que lhe seja proibido rivalizar com eles. Se, bem antes da puberdade e, às vezes, mesmo desde a primeira infância, ela já se apresenta como sexualmente especificada, não é porque misteriosos instintos a destinem imediatamente à passividade, ao coquetismo, à maternidade: é porque a intervenção de outrem na vida da criança é quase original e desde seus primeiros anos sua vocação lhe é imperiosamente insuflada (BEAUVOIR, 2016b, p. 12-13).

Assim, como afirma Perrot (2009, p. 111), gênero “designa as relações dos sexos construídas pela cultura e pela História”.

A história do movimento feminista é basicamente a história da construção do embate a esses conceitos-chave, considerando a época e o contexto de cada uma das ações desenvolvidas, das questões colocadas em pauta, dos avanços, retrocessos, lutas, conquistas, fracassos, consequências.

7. Considerações finais

Gostaríamos de concluir esse nosso breve, porém, denso texto sobre o que sabemos a respeito do movimento feminista com uma citação de Carla Garcia que nos instiga a continuarmos nossas reflexões a respeito do mundo quando o olhar é outro e mira um horizonte diferente daquele que as sociedades e as culturas determinaram para a humanidade. Vejamos o que nos diz Garcia:

Quando são os olhos de uma mulher que olham para a história, esta não se parece nada com a oficial. Quando são os olhos de uma mulher que estudam a antropologia, as culturas mudam de sentido e de cor. Quando são os olhos de uma mulher que refazem as contas, a economia deixa de ser uma ciência exata e se assemelha a uma política de interesses. Quando são os olhos de uma mulher que rezam, a fé não se converte em véus ou mordanças. Quando as mulheres são as protagonistas, o mundo, o que cremos conhecer, é outro (GARCIA, 2015, p. 110).

Precisamos dizer mais?! Apenas desejarmos a coragem de olhar a vida e as pessoas com os nossos próprios olhos.

Referências

- BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**: fatos e mitos. 3. ed. São Paulo: Nova Fronteira, 2016a.
- BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**: a experiência vivida. 3. ed. São Paulo: Nova Fronteira, 2016b.
- FIORENZA, Elisabeth Schüssler. **Caminhos da sabedoria**. São Bernardo do Campo, SP: Nhanduti, 2009.
- GARCIA, Carla Cristina. **Breve história do feminismo**. São Paulo: Claridade, 2015.
- GEBARA, Ivone. **Rompendo o silêncio**: uma fenomenologia feminista do mal. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.
- GEBARA, Ivone. **Filosofia feminista**: uma brevíssima introdução. São Paulo: Edições Terceira Via, 2017.
- LAMOUREUX, Diane. **Público/privado**. In: HIDRATA, Helena *et al.* **Dicionário Crítico do Feminismo**. São Paulo: Editora UNESP, 2009. p. 208-213.
- LE MOS, Carolina Teles. Religião e patriarcado: elementos estruturantes das concepções e das relações de gênero. V. 11, n. 2, 2013. **Caminhos – Revista de Ciências da Religião**, Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Goiânia: PUC, 2013.
- DOI: <http://dx.doi.org/10.18224/cam.v11i2.2795>.

PERROT, Michelle. **História (sexuação da)**. *In*: HIDRATA, Helena *et al.* **Dicionário Crítico do Feminismo**. São Paulo: Editora UNESP, 2009. p. 111-116.

WEBER, Max. **Economia e sociedade**. V. 2. Brasília: Editora Universidade de Brasília; São Paulo: Imprensa Oficial de São Paulo, 2004.

SAÚDE

O USO DA MÚSICA PARA IDOSOS COMO RECURSO NA TERAPIA OCUPACIONAL

Dandara Nirvana Oliveira da Silva¹

Introdução

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2013), a população idosa brasileira vem apontando mudanças na estrutura da pirâmide etária do Brasil. Desde a década de 1970, o país vem vivenciando um baixo índice de natalidade devido a introdução das mulheres no mercado de trabalho, além do avanço da saúde e da melhoria na qualidade de vida que surte o efeito do aumento da expectativa de vida no Brasil. Muitas pessoas estão vivendo cada vez mais, visto que, segundo estudos, a vitalidade continuará em crescimento, e a expectativa é de que o Brasil seja um país com mais idosos do que jovens até 2055 (SANTOS e SANTOS, 2015).

Com base no estudo citado acima, o aumento de idosos deve levar a sociedade a buscar introduzir atividades cotidianas que são comuns à população adulta, visando programas e ações adaptadas a este grupo etário, considerando que os idosos têm seus papéis ocupacionais modificados quando se aposentam ou são acometidos por

¹ Terapeuta Holística e estudante de Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

alguma doença, impedindo-lhes de continuar trabalhando. Esta mudança, faz com que muitos idosos sofram com crises de identidade, por perderem seu papel ocupacional de trabalhador (CASSIANO, SERELLI, TORQUETII e CÂNDIDO, 2010).

Viver no ócio, é um grande problema para qualquer indivíduo, quando não há expectativa de futuro ou por estar em dependência física ou emocional com a família. Nesse sentido, a aposentadoria, a viuvez e o afastamento social, são fatores que fazem muitos idosos sofrerem depressão, ansiedade, medos e angústias, além de ficarem à espera da morte (SANTOS e SANTOS, 2015).

Esse é um contexto propício para atuação do terapeuta ocupacional, uma vez que ele é um profissional da área da saúde, que busca contribuir para o bem-estar social da população, incluindo a população idosa, com recursos terapêuticos que visem a adaptação da rotina desse grupo, para que assim, seja retomada a qualidade de vida física, cognitiva, emocional e social. Muitos são os recursos utilizados com o objetivo de auxiliar o idoso durante seu processo de reabilitação, desde a dança sênior, a modelagem e o uso da música; visando sempre a ressignificação da vida para os idosos (SANTOS e SANTOS, 2015).

A música é um recurso usado pela terapia ocupacional que proporciona as mais diversas emoções ao idoso, promovendo reflexão, autoconhecimento e estímulo ao convívio social. Usando esta forma de recurso é possível oferecer um tratamento diferente ao idoso, trazendo conforto emocional, memórias afetivas, relaxamento e entretenimento para o mesmo (SEKI e GALHEIGO, 2010).

O presente texto tem por objetivo discutir como a música pode ser utilizada com idosos como recurso terapêutico pelo profissional de terapia ocupacional, fim de proporcionar qualidade de vida social e emocional para

pacientes que sofrem de solidão e angústias causadas pela falta de engajamento ocupacional.

2. Metodologia

Os dados aqui apresentados foram subsidiados por meio de uma Pesquisa Exploratória. De acordo com Gil (2008), a pesquisa exploratória tem a finalidade de desenvolver, modificar e esclarecer ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos, tendo como objetivo proporcionar uma visão geral sobre o fato.

O uso da música como recurso para terapia ocupacional tem sido pouco explorado, tornando-se difícil o acesso às informações mais precisas sobre o tema, justificando assim a aplicação metodológica da pesquisa exploratória. Segundo Gil (2008), a pesquisa exploratória envolve o levantamento bibliográfico, documental, entrevistas não padronizadas e estudos de casos. Porém, nesse trabalho foi utilizado apenas o levantamento bibliográfico.

O levantamento bibliográfico é a principal ferramenta utilizada para estudos exploratórios, com a vantagem de permitir ao investigador uma cobertura mais ampla do que aquela que poderia ser pesquisada diretamente (GIL, 2008).

A base de dados da pesquisa bibliográfica foi acessada mediante a busca de artigos nas plataformas do Google Acadêmico² e Scielo³, por meio do uso de descritores 'terapia ocupacional', 'música', 'idoso'. O estudo compreendeu o período entre 2002 a 2019, sendo apenas considerados

² É um sistema do Google que oferece ferramentas específicas para que pesquisadores busquem e encontrem literatura acadêmica. Disponível em: <https://bit.ly/33WHUrb>

³ É uma biblioteca eletrônica que abrange uma coleção selecionada de periódicos científicos brasileiros. Disponível em: <https://www.scielo.br/?lng=pt>

artigos em português, com critérios de exclusão os artigos que não contemplavam com o objetivo proposto. Por fim, foi realizada uma leitura interpretativa dos textos selecionados, fazendo anotações de análise dos dados coletados.

3. Resultados

O envelhecimento é citado na literatura como um processo de mudança, no qual, cada pessoa vai aceitar o envelhecimento de diferentes formas devido a sua história de vida. Uma das áreas que mais são afetadas durante o processo de envelhecimento é a cognição, que é bastante ligada com a memória. Um dos recursos que pode ser utilizado pelo terapeuta ocupacional, para reduzir os impactos desse processo sobre a pessoa idosa, é a música. Sua utilização (cantar, ouvir, tocar um instrumento ou completar frases de uma música) pode auxiliar na autonomia, estimular o autocuidado e trazer desta forma um envelhecimento com uma melhor qualidade de vida (ROSSETTO, 2008).

E com isso, o uso adequado deste recurso se apresentou como um recurso facilitador de estimulação a memória de forma bastante satisfatória, sendo uma possibilidade de terapia não convencional que é utilizada por profissionais da saúde (GOMES e AMARAL, 2012).

Ademais, a música como recurso terapêutico na população idosa é capaz de amenizar sofrimentos que o envelhecimento trás com o tempo, perante a reaproximação com grupos sociais, estabelecendo laços afetivos entre paciente, grupo e terapeuta, buscando não focalizar nos sentimentos ruins que o idoso traz consigo. Além disso, a música tem função de relaxamento, bem-estar e diminuição do estresse, causados muitas vezes pela depressão e por conta desses efeitos, muitos sintomas de ansiedade e depressão podem desaparecer, devido as intervenções com

aspectos emocionais, físicos, sociais e cognitivos, retomando desta forma a vontade de viver (GOMES e AMARAL, 2012).

Além de trazer distrações, o recurso musical pode ser uma forma de descobrir novos talentos por meio de atividades propostas na intervenção, porém, antes de usar este recurso, o terapeuta ocupacional deve estar atento se seu cliente está interessado neste tipo de atividade, porque caso ele não esteja, o que era para ser um momento de relaxamento, pode se tornar estressante (SEKI e GALHEIGO, 2010).

Assim, este recurso terapêutico estimula os idosos a sentirem prazer em cantar, tocar, improvisar, criar e recriar, trazendo o resgate da identidade que muitas vezes é perdida durante o envelhecimento, por meio de estimulação na memória nas redescobertas de canções que fizeram parte de sua vida, marcando cada momento, sendo este único (GOMES e AMARAL, 2012).

De acordo com Rosseto (2008), a terapia ocupacional utiliza a música como um meio de atingir objetivos terapêuticos propostos, como os pacientes idosos se encontram bastante excluídos da sociedade devido a sua perda do papel ocupacional, o terapeuta ocupacional busca fazer a reabilitação social deste por meio de grupos dinâmicos com a música. Assim, de acordo com o autor, o objetivo principal é manter o idoso ativo para a contribuição da promoção de um envelhecimento ativo com qualidade de vida.

Ainda segundo o autor, uma das propostas que a terapia ocupacional utiliza com a música é a escolha de repertórios musicais construídos por grupos de idosos que visam a preferência individual de cada um, no qual, cada paciente trazia CDs e músicas relacionadas com suas vivências pessoais (ROSSETTO, 2008).

Quando a música é utilizada como forma de recurso terapêutico, o terapeuta ocupacional busca trazer músicas e atividades do interesse do seu cliente, sendo este repertório musical acolhido pelo grupo para fazer um resgate da história do idoso (ROSSETTO, 2008).

Relatos de experiência comprovam a mudança de pacientes que antes eram tímidos e reclusos diante de um grupo, mas que por meio de dinâmicas tornaram-se mais sociáveis. Essas atividades propostas estimulam criatividade, expressão corporal, memória, atenção e a coordenação do idoso, fazendo com que eles acompanhassem o ritmo musical por meio de palmas ou que recriassem este ritmo com o próprio corpo ou com objetos (CARDOSO, FREITAS e TIRADO, 2002).

Numas das experiências apresentadas por Cardoso, Freitas e Tirado (2002), um grupo terapêutico era deixado de forma livre pelos terapeutas de modo que os próprios pacientes tomassem a iniciativa de cantar, tocar e mesmo aqueles que não sabiam fazer tais coisas, tinham a opção de confeccionar capas de CDs do grupo musical, sendo uma oficina que mantém todos os idosos participativos, incluindo cada um. E com o desenvolver do tempo, os idosos que tinham vergonha foram tornando-se mais sociáveis.

Segundo Rosseto (2008) existem quatro tipos de experiências musicais, a saber: improvisação, recriação, audição e composição, cada uma possuindo suas particularidades, no entanto, no grupo terapêutico para idosos, foi usado apenas os métodos de audição e recriação musical. Dessa forma, o método de audição consiste em estímulos à memória, lembrando o idoso de seu passado e na recriação, foi possível voltar ao passado e focar no presente para fortalecer a identidade perdida do paciente.

Assim, de acordo com a literatura, o uso da música como recurso terapêutico para idosos se mostra bastante

benéfico aos pacientes, os quais com os resultados apresentados, os clientes tornaram-se mais produtivos, descobrindo novas habilidades e retomando a interação social. No entanto, vale lembrar que este tipo de recurso deve ser algo que satisfaça o indivíduo, para que ele consiga ter motivação a fazer algo novo e que não o afaste ainda mais do meio social, ou seja, para que o recurso funcione, precisa ser uma atividade prazerosa, respeitando os gostos e preferências dos pacientes.

4. Considerações finais

O presente trabalho teve por objetivo discutir como a música pode ser utilizada como recurso terapêutico para idosos pelo profissional de terapia ocupacional, a fim de proporcionar qualidade de vida social e emocional para pacientes que sofrem de solidão e angústias causadas pela falta de engajamento ocupacional.

De acordo com a pesquisa realizada sobre o uso da música como intervenção terapêutica, foi identificado que tais intervenções promoveram a qualidade de vida do idoso, especialmente, os que sofrem com crises de identidade, ansiedade, depressão, assim como o seu retorno para a vida social, antes afetada por formas de adoecimento provocadas pelo processo de envelhecimento.

Sendo assim, o uso da música faz o resgate das memórias antigas e, principalmente, reinserção do idoso ao contexto social, já que o terapeuta ocupacional busca fazer grupos terapêuticos para sua intervenção. Nos dados apresentados se observa que os idosos mais tímidos conseguiram se socializar com as pessoas ao seu redor, ao se realizar a estimulação à expressão corporal, uso da memória e atividades grupais em que eles deveriam conversar sobre as músicas escolhidas pelo repertório.

Portanto, se faz necessário o uso deste recurso terapêutico por ele mostrar-se benéfico aos pacientes, sendo um tratamento complementar que, aliado com outras intervenções trará mais qualidade de vida ao idoso.

Referências

- BRETAS, Valéria. **Quem são e como vivem os idosos do Brasil**. In: **Revista Exame. Brasil**. Disponível em: <https://exame.abril.com.br/brasil/quem-sao-e-como-vivem-os-idosos-do-brasil/> Acesso: 17 out. 2019.
- CARDOSO, A. P.; FREITAS, L. C. TIRADO, M. G. A. Oficina de som e movimento: um espaço de intervenção terapêutica ocupacional. **Rev. Ter. Ocup.** Univ. São Paulo, v. 13, n. 2, p. 51-5, maio/ago. 2002. Disponível em: <http://www.periodicos.usp.br/rto/article/view/13896/15714>. Acesso em: 21 out. 2019
- CASSIANO, J.; SERELLI, L.; TORQUETTI, A.; FONSECA, K.; CÂNDIDO, S. Dança sênior: um recurso na intervenção terapêutica ocupacional junto a idosos hígidos. **Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano**, v. 6, n. 2, 23 out. 2010.
- GOMES, L; AMARAL, J.B . Os efeitos da utilização da música para os idosos: revisão sistemática. **Revista Enfermagem Contemporânea**, Salvador, dez. 2012; 1(1): 103-117. Disponível em: <http://www.bahiana.edu.br/revistas>. Acesso em: 21 out 2019.
- IBGE: **Projeção da População das Unidades da Federação por sexo e idade: 2000-2030**, revisão 2013. Disponível em: [http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/582356-o-envelhecimento-populacional-segundo-as-novas-projecoes-do-ibge#targetText=O%20n%C3%BAmero%20de%20idosos%20vai,\(60%20anos%20e%20mais\).&targetText=No%20ano%20de%202055%2C%20as,\(60%20anos%20e%20mais\).](http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/582356-o-envelhecimento-populacional-segundo-as-novas-projecoes-do-ibge#targetText=O%20n%C3%BAmero%20de%20idosos%20vai,(60%20anos%20e%20mais).&targetText=No%20ano%20de%202055%2C%20as,(60%20anos%20e%20mais).) Acesso em: 17 out. 2019
- IBGE: **Projeção da População (revisão 2018)**, Rio de Janeiro, 25/07/2018. Disponível em: [http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/582356-o-envelhecimento-populacional-segundo-as-novas-projecoes-do-ibge#targetText=O%20n%C3%BAmero%20de%20idosos%20vai,\(60%20anos%20e%20mais\).&targetText=No%20ano%20de%202055%2C%20as,\(60%20anos%20e%20mais\)..](http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/582356-o-envelhecimento-populacional-segundo-as-novas-projecoes-do-ibge#targetText=O%20n%C3%BAmero%20de%20idosos%20vai,(60%20anos%20e%20mais).&targetText=No%20ano%20de%202055%2C%20as,(60%20anos%20e%20mais)..) Acesso em: 17 out. 2019.

ROSSETO, T. C. F. S. **Interface entre a musicoterapia e a terapia ocupacional na estimulação da memória em grupos terapêuticos.**

Disponível em:

http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/premio2008/tania_rosseto.pdf. Acesso em: 22 out 2

SEKI, Natalie Hidemi e GALHEIGO, Sandra Maria . **O uso da música nos cuidados paliativos: humanizando o cuidado e facilitando o adeus .**

Interface (Botucatu) [online]. 2010, vol.14, n.33, pp.273-

284. ISSN 1414-3283. Disponível em:

[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-32832010000200004&script=sci_abstract&tlng=pt)

[32832010000200004&script=sci_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-32832010000200004&script=sci_abstract&tlng=pt). Acesso em: 25 out. 2019

SANTOS, Claudia Aline Valente; SANTOS, Jair Lício Ferreira. O

desempenho de papéis ocupacionais de idosos sem e com sintomas

depressivos em acompanhamento geriátrico. **Rev. bras. geriatr.**

gerontol., Rio de Janeiro , v. 18, n. 2, p. 273-283, jun. 2015. Disponível

em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-98232015000200273&lng=pt&nrm=iso)

[98232015000200273&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-98232015000200273&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 17 out. 2019.

MODELAGEM COMO RECURSO TERAPÊUTICO OCUPACIONAL NA SAÚDE MENTAL

Maria Grazielle Alves de Araújo¹

Introdução

A Terapia Ocupacional é uma profissão da área da saúde, que favorece o bem-estar através da ocupação, utilizando-se de atividades que visam o autocuidado, alimentação, higiene, vestuário, locomoção, dentre outras. Melhorando ou favorecendo a integração do indivíduo em múltiplos contextos, rotinas e hábitos. Mesmo sendo predominantemente da área da saúde, a Terapia ocupacional se expande para área social promovendo, prevenindo, tratando e reabilitando os mais diversos públicos de pessoas, por meio de laborações de recursos terapêuticos inseridos nessas atividades, ampliando a autonomia e a participação do indivíduo (AOTA 2015; BOMBARDA et al., 2018).

Com seus diversos meios e possibilidades de atuação na saúde, a Terapia Ocupacional no sofrimento psíquico tem ações na reabilitação psicossocial, afetiva, emocional, no desempenho ocupacional e em diversos aspectos que contribuem para saúde mental do indivíduo, onde se utiliza

Graduanda em Terapia Ocupacional na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

de diferentes atividades para a intervenção a esse tipo de público, no qual a modelagem pode ser utilizada como recurso (RIBEIRO; MACHADO, 2008).

Porém, pessoas com transtornos psiquiátricos nem sempre foram assistidas de forma humana. No início do século XX o cenário psiquiátrico brasileiro estava traçado por métodos de tortura que eram impostos aos indivíduos que, na maioria das vezes, viviam confinados em hospitais psiquiátricos, um ambiente desumano, marcado pelos maus tratos. No decorrer desse mesmo século a luta antimanicomial foi ganhando espaço, tendo como pioneira a médica alagoana Nise da Silveira. A mesma defendia um olhar humanista, que estreitava relações entre médicos e pacientes. Além de criticar, Nise da Silveira transformou o setor de Terapia Ocupacional da unidade num ateliê de pintura e modelagem para os pacientes ali internados, interagindo de forma direta com esquizofrênicos por meio das artes (CAVALCANTI, 2017).

Obtendo uma reorganização psíquica, o ato de modelar tornou-se uma estratégia terapêutica que, por meio das representações de figuras palpáveis pôde-se enxergar o inconsciente de cada indivíduo, que por muito tempo foi ignorado, quebrando paradigmas e mostrando sua eficácia enquanto recurso terapêutico, contribuindo ainda na interação social por meio de grupos e oficinas terapêuticas (CAVALCANTI et al., 2003).

Desta forma, a pesquisa que subsidiou os dados para este artigo objetivou identificar a maneira como a modelagem pode ser usada como recurso terapêutico ocupacional.

2. Metodologia

Foi realizada uma revisão bibliográfica em língua portuguesa e sem limitação de tempo nas bases de dados Scielo e Google Acadêmico. Foram utilizados os descritores: Arte; Modelagem; Saúde Mental e Terapia Ocupacional, sendo selecionados 7 (sete) artigos. A seleção dos artigos foi executada a partir da leitura dos resumos dos principais resultados, observando quais contribuiriam com o tema.

3. Resultados

O terapeuta ocupacional tem a responsabilidade de auxiliar para que o cotidiano grupal, juntamente com as experiências individuais sejam cada vez mais intuitivas, livres e despertem nos sujeitos sua criatividade. Estes profissionais são pontes de acesso ao processo de renovação, devendo ser mediadores que criam e possibilitam oportunidades, assim facilitando a aproximação com a realidade social dessas pessoas. (RIBEIRO, MACHADO, 2008)

A modelagem usada como recurso terapêutico predispõe na vida de cada paciente diversos benefícios como, auto representação diante do contexto onde o mesmo está inserido, melhoria na sua reabilitação psicossocial, que busca o desenvolvimento funcional do indivíduo, garantindo uma maior qualidade de vida, visto que esta é uma área totalmente afetada e fragilizada na rotina de vida diária dos sujeitos que estão em sofrimento psíquico, pois através dos resultados pode-se discutir cada situação vivenciada a fim de atenuar ou resolver conflitos. Expondo seus sentimentos através das oficinas, é possível a aproximação do terapeuta ocupacional no contexto familiar, visando a interação social e melhorando a adesão ao tratamento medicamentoso e até

uma possível redução no tempo de internação (MONTREZOR, 2013).

A modelagem contribui diretamente nesse processo terapêutico, sendo fonte de criatividade para esses indivíduos. Segundo Piauhy e Rubim (2004, p.1):

A argila é um ótimo recurso para pessoas com dificuldades de enfrentar a realidade, de trabalhar ao nível do concreto. Amassar o barro é revitalizante porque estimula a pele, contrai e relaxa a musculatura. No momento que a pessoa cria um objeto, dando forma dando vida a uma imagem interna, pode sentir-se parte do mundo. Isso funciona como um agente de motivação para a vida. A flexibilidade, a maleabilidade e a plasticidade do barro adaptam as necessidades mais variadas. Facilita a manifestação ativa dos processos internos primários (PIAUHY e RUBIM, 2004, p. 1).

Uma vez propiciando a possibilidade do sujeito se expressar diante de diversos contextos e de suas condições internas em relação a inseguranças, traumas, anseios, medo, desejos e dentro outros sentimentos que afligem o mesmo naquele momento (MONTREZOR, 2013), dado que através da argila torna-se possível criar reflexões e discutir situações vivenciadas, pois durante a intervenção o indivíduo pode se mostrar de diferentes formas, seja calmo ou agressivo, dependendo do que será abordado (CAVALCANTI, et al., 2003).

Deste modo, o ato de modelar contribui diretamente na intervenção sendo uma opção de tratamento não medicamentoso, que visa o olhar individualizado, priorizando a especificidade de cada sujeito, humanizando o tratamento e sendo uma opção benéfica. Contribuindo ainda, na reestruturação do ambiente familiar que por muitas vezes sofre com esse processo, facilitando também as redes de amizade

e até mesmo de trabalho do qual pessoas com transtornos psíquicos pertencem (MONTREZOR, 2013).

Além do visual, existe um fator extremamente importante presente na modelagem, que é o de tocar, amassar e poder descarregar sentimentos em algo moldável e que ao fim da atividade terá forma, textura, peso e cor. A atividade com modelagem também caracteriza o estado que o indivíduo se apresenta no momento, caso ele esteja estressado e agitado, isso poderá ser reflexo nos movimentos e formas que ele utilizará para trabalhar com a modelagem (CAVALCANTI, et al., 2003).

A arte de modelar como recurso é um meio alternativo, que desperta a comunicação não verbal. No olhar de quem analisa as interpretações podem ser as mais variadas, contudo, apenas o indivíduo pode revelar o verdadeiro significado. Como recurso terapêutico ocupacional o resultado não será analisado quanto sua perfeição, mas sim uma articulação e expressão da experiência de vida daquele indivíduo, tudo que ele não consegue expor por meios de palavras se torna possível, por meio da arte. Como diz Castro e Silva (2002, p.6):

O acompanhamento de pessoas atendidas em Terapia Ocupacional na realização das atividades artísticas demonstra que é fato observável a melhora da disposição e da saúde dos indivíduos quando vivenciam tais processos. No decorrer desses anos de trabalho e investigação, ficou-me claro que a atividade artística que se desenvolve com base na livre-expressão têm sua finalidade terapêutica e representa um momento específico no acompanhamento de pessoas. Ela permite conhecer situações vividas e as habilidades do sujeito e, em alguns momentos, é o único instrumento possível para dar vazão à determinados conteúdos expressivos que não podem ser verbalizados (CASTRO e SILVA, 2002, p.6).

Porém, entre tantos benefícios, faz-se necessário estar atento a atividade com um recurso terapêutico tão específico quanto a modelagem, é preciso que a mesma seja elaborada com bastante rigor, pois diversos fatores presentes na modelagem podem desagradar e fazem com que o indivíduo não queira se envolver de forma eficaz no que será proposto, como texturas de consistências muito moles ou muito duras dificultam os atos de amassar, espremer, furar, enrolar.

O cheiro também é outro fator pode se tornar desagradável, visto que alguns tipos de argila e massa de modelar possuem um odor forte. Além disso, alguns indivíduos também podem apresentar alergias. Outros fatores como preferências pessoais e o estado de saúde podem ajudar ou atrapalhar a atividade (CAVALCANTI *et. al*, 2003).

4. Considerações finais

A Terapia Ocupacional exerce um papel importante trazendo atividades como a modelagem para o mundo dos indivíduos que sofrem de transtornos psíquicos, fazendo com que eles tenham uma integração consigo mesmo e com os demais ao seu redor, facilitando olhares mais amplos, por intermédio dos recursos terapêuticos utilizados, o qual são fontes de criatividade. Portanto, o processo terapêutico facilitado pela implementação da modelagem de forma individualizada, resulta na representação da realidade, tornando-se um caminho para realização de conteúdos auto expressivos, auxiliando o indivíduo a expressar seus sentimentos, se entregando ao modelar, criando formas e tracejados que exteriorizam e torna concreto tudo aquilo que por muitos foi ignorado.

Referências

- AOTA. AMERICAN OCCUPATIONAL THERAPY ASSOCIATION, A. Estrutura da pratica da Terapia Ocupacional: domínio & processo – 3ª ed. Traduzida. **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**, v.26, n. esp, p. 1-49, 24 abr. 2015.
- BOMBARDA T.B, MOREIRA M.S, DAHDAH D.F, MARCOLINO T.Q, JOAQUIM R.H.V.T. A prática de registro da Terapia Ocupacional: reflexões sobre os fundamentos técnicos-legais da resolução COFFITO-415. Ver **Ter Ocup Univ São Paulo**. 2018 jan/abr.
- CASTRO, E. D.; SILVA, D. M. Habitando os campos da arte e da terapia ocupacional: percur-sos teóricos e reflexões. **Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo**, v. 13, n. 1, p. 1-8, jan./abr. 2002.
- CAVALCANTI, A M. T.; LOUREIRO, C.; SANTOS, E.; AMENDOEIRA, M. C. R.;CAVALCANTI, M. T. Pode a arte ser terapêutica? Reflexões a partir do trabalho desenvolvido com pacientes da “terceira idade” no ateliê da vida do Instituto de Psiquiatria da UFRJ – IPUB. **Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo**, v. 14, n. 3, p. 118-22, set./dez. 2003.
- CAVALCANTI, M. A.; CAVALCANTI, E. C. T.; VIEIRA, H. Imagens do inconsciente: alianças entre arte e terapia. **Revista Valore**, v. 2, n. 2, p. 259-271, 2017.
- MONTREZOR J.B. A Terapia Ocupacional na prática de grupos e oficinas terapêuticas com pacientes de saúde mental. **Cad, Ter. Ocup. UFSCar, São Carlos**, v.21, n.3, 2013.
- PIAUHY, C.; RUBIM, F. Terra, para o chão firmeza, para a mãe carícia. O entrelaçamento entre o grouding e a argila no processo terapêutico. In: **Congresso Brasileiro e Encontro Paranaense de Psicoterapias Corporais**. Anais. Centro Reichiano, 2004.
- RIBEIRO, M. C.; MACHADO, A. L. A Terapia Ocupacional e as novas formas do cuidar em saúde mental. **Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo**, v. 19, n. 2, p. 72-75, maio/ago. 2008.

O AMBIENTE AQUÁTICO COMO RECURSO TERAPEUTICO OCUPACIONAL PARA CRIANÇAS COM SÍNDROME DE DOWN

Maria Eduarda da Silva Mello¹

Introdução

A síndrome de Down é uma cromossomopatia definida pela trissomia do cromossomo 21, sendo uma das principais causas de deficiência intelectual na população. Esse cromossomo adicional determina alterações físicas e atraso no desenvolvimento (BRASIL, 2013). Esse quadro gera um fenótipo que torna fácil a identificação de indivíduos acometidos com esta síndrome, algumas características são hipotonia muscular, frouxidão ligamentar, alterações cardíacas, protusão de língua (SOUZA et al., 2015). Ocorrem também atrasos nos marcos motores básicos como marcha com base alargada, rotação externa de quadril, assim como o sentar e alcance manual são alterados também. Existe uma deficiência sensorial que altera o controle postural, fazendo com que eles demorem mais tempo para que consigam endireitar a coluna, e a coordenação e aprendizagem motoras também são influenciadas por esta deficiência (MATIAS et al., 2017).

¹ Discente do curso de Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, Recife, PE, Brasil.

A água é usada como um recurso terapêutico desde os tempos da Grécia Antiga onde Hipócrates tratou de vários tipos de doenças, como espasmos musculares e paralisia com imersão em água quente e fria. No século XVI, um médico chamado Sigmund Hahn defendeu esta teoria e disseminou este conhecimento por toda Europa. O ambiente aquático se apresenta como incentivador de estimulador sensorial e motor por apresentar diversas propriedades que colaboram com esse fator, como a pressão hidrostática, empuxo, turbulência e temperatura (CUNHA; CAROMANO, 2003). Atrelado a isso, o ambiente aquático se liga ao lazer e recreação facilitando a realização de atividades propostas, como principal objetivo levar às crianças a melhora da qualidade de vida e a independência ao realizar as suas atividades (SIMIONI; GOMES; CASTRO, 2017).

A Terapia Ocupacional tem como um de seus pilares, atuar construindo uma relação de confiança entre o terapeuta, seu paciente e as atividades propostas. Com as crianças com Síndrome de Down, o terapeuta busca estimular o desenvolvimento das habilidades de desempenho, que são aquelas demonstradas pelo paciente e são características essenciais para a participação ocupacional como coordenação motora fina e grossa, a percepção e força muscular (AMERICAN OCCUPATIONAL THERAPY ASSOCIATION, 2015). A Terapia Ocupacional aquática consegue desenvolver uma melhor relação física e psicológica, fazendo conquistas que não seriam possíveis em um ambiente convencional, já que a água consegue ser mais descontraída por lembrar momentos de lazer. Então, o terapeuta ocupacional faz uso de recursos adaptados para o ambiente aquático, dentre eles materiais necessários para treino de Atividades de Vida Diária (AVD) e Atividades Instrumentais de Vida Diária (AIVD), a busca de objetos que estimulem com tamanhos e texturas diferentes a

sensibilidade tátil da criança (SIMIONI; GOMES; CASTRO, 2017).

Este texto possui como objetivo descrever o uso do ambiente aquático como recurso terapêutico ocupacional para crianças com Síndrome de Down.

2. Metodologia

O presente estudo foi realizado por meio de uma revisão bibliográfica, realizada pelas seguintes bases de dados: Google Acadêmico e nos periódicos da Capes. Para a busca das informações foram aplicados os seguintes critérios de inclusão: artigos a partir de 2010, delimitando apenas a língua portuguesa e sendo utilizados os descritores: ambiente aquático, natação, síndrome de Down e Terapia Ocupacional. A partir desta etapa foram selecionados sete artigos que mostrassem uma relação com o tema proposto. Após a leitura dos artigos foi excluído um, que não se encaixava na temática do estudo, sendo utilizados seis artigos para o estudo.

3. Resultados e discussão

Em uma criança com síndrome de Down existem características como frouxidão ligamentar e hipotonia muscular que geram atrasos nos marcos do desenvolvimento motor, já que interferem na coordenação motora, equilíbrio, estabilização articular, além de que os movimentos da função motora grossa são atingidos tardiamente (SOUZA et al., 2015). Esse desenvolvimento não é fruto apenas de uma condição genética, mas também dos fatores ambientais em que o indivíduo está inserido, já que ambientes estimuladores geram uma melhor evolução

durante o desenvolvimento, enquanto ambientes super-protetores podem agravar o atraso (SILVA et al., 2017).

No estudo realizado por Souza et al. (2015), a partir da aplicação do Inventário de Avaliação PEDI, com crianças com síndrome de Down entre 7 anos e 6 meses e 15 anos foi possível perceber o atraso nas atividades funcionais de autocuidado como uso do banheiro, vestir e controle do esfíncter, já que ou realizavam com ajuda dos pais ou de maneira lenta. Neste estudo também foi possível perceber que a socialização é uma das áreas mais prejudicadas, principalmente pelo déficit intelectual e dificuldade de comunicação que o quadro da Síndrome de Down apresenta.

Algumas crianças podem estranhar o ambiente aquático inicialmente. Além de ser um ambiente novo, existem sensações que elas podem ainda não ter vivenciado ao entrar em contato com a água (PORTO; IBIAPINA, 2010), além de que pode surgir medo por estar longe de seu cuidador (SIMIONI; GOMES; CASTRO, 2017). Para atenuar essa parte inicial, o atendimento pode ser realizado inicialmente junto ao cuidador e gradativamente ir criando independência até que consiga realizar as atividades sem a ajuda dele (LUIZ; MACEDO, 2003).

Ao juntar a Terapia Ocupacional com o ambiente aquático podem surgir diversos tipos de estratégias para que possa ser desenvolvidas intervenções de uma maneira mais lúdicas, deixando as atividades mais agradáveis para o paciente. Algumas dessas atividades podem ser direcionadas ao esquema corporal, por exemplo, “faz-de-conta”, onde a criança usa um brinquedo dentro da água ou atividades de imitação de gestos onde a criança percebe não só parte de seu corpo dentro da água como o do outro (PORTO; IBIAPINA, 2010).

Este recurso também pode trabalhar a propriocepção através de tapete tátil, cama elástica e plataforma. Para a

estimulação cognitiva pode ser utilizado o jogo de encaixe de formas geométricas, colocar e tirar bolas de um balde se movendo pela piscina e o encaixe de argolas. E no aspecto motor podem ser utilizados vários deslocamentos pela piscina em diversos decúbitos, bolas de diferentes tamanhos e cores, goleira, cesta de basquete (SIMIONI; GOMES; CASTRO, 2017).

Através dessas atividades, o terapeuta ocupacional trabalha diversos aspectos do desenvolvimento como controle postural, concentração, coordenação motora fina e grossa, equilíbrio estático e dinâmico, além de trabalhar a cognição e força muscular. A propriocepção também é melhorada com melhor movimentação, trocas posturais e de decúbitos e relaxamento muscular (MATIAS et al., 2017, SIMIONI; GOMES; CASTRO, 2017). Com esses aspectos é possível perceber um avanço principalmente na realização de Atividades de Vida Diária (AVDs) como se vestir, escovar os dentes e alimentação. Outros aspectos como o brincar, já que é uma das ocupações que podem ser trabalhadas no ambiente aquático (SIMIONI; GOMES; CASTRO, 2017).

4. Considerações finais

O uso do ambiente aquático como recurso terapêutico ocupacional para crianças com Síndrome de Down tem como finalidade colaborar para que haja um avanço no desenvolvimento motor e cognitivo. A água possui características próprias que facilitam a realização da terapia como a temperatura, o empuxo e por ser associada ao lazer, fazendo com que a criança se sinta mais confortável. Através de atividades realizadas nesse ambiente, como atividades de imitação gestual, jogo de encaixe e jogos com bola, por exemplo, o terapeuta consegue que a criança trabalhe controle postural, cognição e propriocepção. Logo, é possível

notar como através de atividades mais lúdicas, o terapeuta ocupacional consegue que esta criança avance tanto no brincar como em habilidades do desempenho e Atividades de Vida Diárias.

Referências

- AMERICAN OCCUPATIONAL THERAPY ASSOCIATION, A. Estrutura da prática da Terapia Ocupacional: domínio & processo - 3ª ed. traduzida. **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**, v. 26, n. esp, p. 1-49, 24 abr. 2015. Disponível em:<<http://www.revistas.usp.br/rto/article/view/97496>>. Acessado em: 11 mai. 2020.
- BRASIL. Diretrizes de atenção à pessoa com Síndrome de Down. Brasília, 2013. Disponível em:<http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/diretrizes_atencao_pessoa_sindrome_down.pdf>. Acessado em: 21 mar. 2020.
- CUNHA, M.; CAROMANO, F. Efeitos fisiológicos da imersão e sua relação com a privação sensorial e o relaxamento em hidroterapia. **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**, v. 14, n. 2, p. 95-103, ago. 2003. Disponível em:<<http://www.revistas.usp.br/rto/article/view/13922>>. Acessado em: 22 mar. 2020.
- LUIZ, C. C. A.; MACEDO, M. D. C. D. Natação e atividades aquáticas para populações especiais: uma experiência em terapia ocupacional. **Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar**, v. 11, n.2, p. 124 – 127, 2003. Disponível em: <<http://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/199>>. Acessado em: 20 mar. 2020.
- MATIAS, L. M.; ANTUNES, L.; FERNANDES, M. M.; RIBAS, D. I. R. Efeitos dos exercícios psicomotores em ambiente aquático no equilíbrio de crianças com Síndrome de Down. **Cadernos da Escola de Saúde**, v. 1, n. 15, p. 52-63, 14 mar. 2017. Disponível em:<<https://portaldeperiodicos.unibrasil.com.br/index.php/cadernossade/article/view/2454>>. Acessado em: 20 mar. 2020.
- PORTO, C. M. V.; IBIAPINA, S. R. Ambiente aquático como cenário terapêutico ocupacional para o desenvolvimento do esquema corporal em síndrome de Down. **Revista Brasileira em Promoção da Saúde**, v.

23, n. 4, p. 389-394, dez. 2010. Disponível em:
<<https://periodicos.unifor.br/RBPS/article/view/2042>>. Acessado em:
20 mar. 2020.

SILVA, M. N. S.; SANTOS, K. M. B.; ANDRADE, L. M.; ZANONA, A. F.
Avaliação funcional do desenvolvimento psicomotor e ambiente
familiar de crianças com síndrome de Down. **Rev. Interinst. Bras. Ter.
Ocup.**, v. 1, n. 2, p. 186-201. 2017. Disponível
em:<<https://revistas.ufrj.br/index.php/ribto/article/view/4818/pdf>>.
Acessado em 20 mar. 2020.

SIMIONI, L.; GOMES, M. G. J. P. B.; CASTRO, C. P. A terapia ocupacional
aquática no tratamento de adolescente com síndrome de Down e
autismo associados. **Congresso de Pesquisa e Extensão da Faculdade
da Serra Gaúcha**, v. 5, n. 5, p. 561- 575, 27 out. 2017. Disponível em:
<<http://ojs.fsg.br/index.php/pesquisaextensao/article/view/2877>>.
Acessado em: 20 mar. 2020.

SOUZA, A. B.; BLASCOVI-ASSIS, S. M.; REZENDE, L. K.; CYMROT, R.
Caracterização do desempenho funcional de indivíduos com síndrome
de Down. **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São
Paulo**, v. 26, n. 1, p. 102-108, 24 abr. 2015. Disponível em:
<<http://www.revistas.usp.br/rto/article/view/62266>>. Acessado em:
20 mar. 2020.

O AUTOUIDADO COMO RECURSO TERAPÊUTICO OCUPACIONAL PARA MELHORA DA AUTOESTIMA DE MULHERES MASTECTOMIZADAS

Maria Eduarda da Silva Mello¹

Introdução

O câncer de mama é a neoplasia maligna mais incidente em mulheres. Por fatores como falta de conhecimento sobre a doença, dificuldade ao acesso ao diagnóstico e ao tratamento leva a estágios mais avançados da doença. A mastectomia se apresenta como uma das alternativas para o tratamento (BRASIL, 2019). Atualmente o tratamento mais eficiente para a neoplasia mamária é a mastectomia que consiste numa cirurgia de retirada total da mama afetada, se apresentando como um procedimento invasivo que afeta a vida da mulher e sua saúde (GAZOLA *et al.*, 2017).

Em um estudo de Silva, Albuquerque e Leite (2010), foi apontado que as mulheres temem a cirurgia de retirada da mama, por ser invasiva, agressiva e afetar a saúde mental das mulheres que passam por esse procedimento. Social e culturalmente é possível observar os padrões estéticos que são impostos às mulheres e de como isso pode afetar o modo de como elas vêem o seu próprio corpo, por exemplo, as

¹ Discente do curso de Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, Recife, PE, Brasil.

mamas passam por uma ressignificação sendo vistas como um símbolo de feminilidade e de sensualidade (MONIZ; FERNANDES; OLIVEIRA, 2011).

Por acreditar que a mama é um fator essencial ao exercício de sua sexualidade, muitas mulheres acabam por criar desafeição por si mesma, por sentirem que estão incompletas, gerando uma dificuldade em voltar a sua vida sexual após a mastectomia (GAZOLA *et al.*, 2017).

No estudo feito por Silva *et al.* (2010) é percebido que após a cirurgia da retirada da mama, existe um estranhamento do próprio corpo ao se observar despida gerando uma distorção da sua autoimagem e deixam de realizar atividades como se olhar no espelho além de um sentimento de vergonha do próprio corpo e como as pessoas ao seu redor lhe enxergam.

O autocuidado é definido como as atividades de vida diária realizadas pelo indivíduo em manutenção da vida, da saúde e do bem-estar (CASTANHARO; WOLFF, 2014), que poder ser prejudicado quando uma mulher passa pela cirurgia de retirada do seio, já que elas passam por dificuldades pela a retirada de uma parte importante de seu corpo, que interferem nos aspectos emocionais, físicos e sociais (BRITO; MARCELINO, 2014; SILVA, 2010).

A Terapia Ocupacional busca fazer a sua intervenção buscando entender as necessidades e significados que a atividade possui para a cliente, proporcionando a ela dar um novo rumo à sua história a partir de uma nova perspectiva (PENGO, 2013). Portanto, os terapeutas ocupacionais que atuam nesse contexto do câncer de mama buscam promover uma melhora na qualidade de vida ocupacional, levando a um aumento da autoestima do cliente (SCANDIUZZI; SILVA, 2008). Essa autoestima pode ser restabelecida através de práticas de autocuidado que o terapeuta ocupacional traz para a sua intervenção com essa mulher.

Este tem por objetivo descrever o uso de atividades de autocuidado como recurso no atendimento da Terapia Ocupacional às mulheres mastectomizadas.

2. Metodologia

O método de pesquisa utilizado foi revisão bibliográfica, realizada por meio da consulta nas seguintes bases de dados: Google acadêmico e Scielo. Para a busca não foi definido período, apenas artigos em língua portuguesa e textos nacionais utilizando-se os descritores: autocuidado, estética, beleza, terapia ocupacional, mastectomia, câncer de mama e automaquiagem.

Através dos critérios de inclusão foram selecionados 8 artigos que mostrassem uma relação entre a Terapia Ocupacional, o autocuidado e mastectomia. Depois foi feita a leitura dos títulos dos artigos, seguido da leitura dos resumos excluindo os que não se encaixavam no tema do trabalho.

3. Resultados e Discussão

As mulheres que passam pelo câncer de mama afirmam que é uma experiência marcante em suas vidas, provocando mudanças e como elas passam a se enxergar e de como vêm a vida (TALHAFERRO; LEMOS; OLIVEIRA, 2007). Quando a mulher recebe o seu diagnóstico ela passa por um momento de aceitação dele, que pode ser demorado e sofrido. Ela se depara com uma nova realidade da qual ela não possui controle, além do sentimento de um futuro incerto e o medo do tratamento e da morte, raiva, incerteza passam a ser seu novo cotidiano (RAMOS et al., 2012).

Este processo traz um impacto diretamente em vários aspectos que envolvem a autoestima da mulher, já que na

nossa sociedade a mama representa a feminilidade, a sensualidade e a sexualidade feminina. Logo, a mastectomia afeta a autoimagem da mulher, como ela cria vínculos sociais e o modo de como ela enxerga a vida (TALHAFERRO; LEMOS; OLIVEIRA, 2007).

Durante o tratamento essas mulheres passam por quimioterapia e a mastectomia, que promovem alterações estéticas em seu corpo, mudando o modo de como elas se enxergam e de como elas acreditam que as pessoas ao seu redor as enxergam (GAZOLA et al., 2017). É perceptível que a identidade do que é ser mulher vem de uma construção social e que como o outro a vê, sendo um resultado da cultura em que ela está inserida (VIEIRA, 2015) e a partir disso pode-se entender que quando a mulher passa por um processo, como a mastectomia que tira um dos significados do que representa ser mulher e a feminilidade, existe uma sensação de julgamento por parte do outro.

Por essas mulheres por terem passado por um processo de adoecimento e mudado a forma de seu corpo e a sua autoimagem foi gerado um sentimento de insatisfação fazendo com que a realização de seu autocuidado seja prejudicada, então quando elas passam a realizar as suas Atividades de Vida Diárias (AVD), passam a ser sentir como era a sua vida antes do diagnóstico. O autocuidado, de forma mais centrada na autoimagem pode ser um poderoso recurso terapêutico para essas mulheres, considerando que cada mulher possui características distintas (BRITO; MARCELINO, 2014).

O terapeuta ocupacional possui como uma de suas principais funções promoção a autonomia e a independência de seu paciente visando nas ocupações que são significativas em suas Atividades de Vida Diária (AVD) (CASTANHARO; WOLFF, 2014).

O autocuidado com recurso terapêutico ocupacional entra como um importante aliado neste período da vida da mulher, já que ela busca a retomada de atividades que eram de um significado importante para ela como, por exemplo, voltar a se olhar no espelho gerando uma retomada da autoestima (SILVA; SILVA; ROCHA, 2018).

Num estudo de Silva e Pontes (2017), através de um workshop sobre automaquiagem as participantes, tiveram a chance de se conhecer melhor, aumento da sua confiança em si mesma e sentindo mais valorizadas. Consequentemente é possível perceber que essas mulheres passaram por um aumento da sua autoestima.

Quando o terapeuta ocupacional, durante a sua intervenção traz práticas de autocuidado, como por exemplo, o salão de beleza existe uma retomada da satisfação com a sua aparência além da possibilidade da manutenção de atividades de autocuidado. Além disso, o autocuidado interfere na autoimagem, no modo de como essas mulheres fazem as suas outras ocupações como a sociabilização, logo o espaço da atuação do terapeuta ocupacional nessa situação tem como um dos propósitos o distanciamento dessa realidade vivida diariamente por essas mulheres, fazendo com que elas foquem nelas mesmas por aquele período de tempo (SILVA; SILVA; ROCHA, 2018).

Já na automaquiagem, pode ser percebido que o uso de técnicas que valorizem o rosto daquela mulher a partir das características que ela mais goste havendo um empoderamento da mulher sobre o seu rosto e si mesma (SILVA; PONTES, 2017). É importante ressaltar que a partir disso, existe uma quebra do padrão de beleza que é presente na nossa sociedade, já que elas passam a destacar características que já estão presentes nelas e não passam a buscar algo inalcançável.

Com isso, além da retomada de autoestima e da melhora da autoimagem, essas mulheres também possuem um apoio emocional para a situação em que elas estão vivendo visto que a partir dessas práticas existe um escape da realidade que ela está vivendo gerando um alívio do estresse e o cuidado voltado para si (SILVA; SILVA; ROCHA, 2018). E por nesse ambiente estarem mulheres que passam pelo o mesmo tratamento e vivência sobre o câncer de mama elas encontram uma rede de apoio que entende e possui a experiência desse momento da vida delas.

4. Considerações finais

A Terapia Ocupacional através de atividades de autocuidado como o salão de beleza e workshops de auto-maquagem pode colaborar para a retomada da autoestima de mulheres que durante o tratamento do câncer de mama que passaram pela cirurgia de mastectomia. É notável como a retirada da mama interfere no modo de como a mulher se enxerga, afetando as suas AVDs e o jeito de como ela se relaciona com as pessoas que estão ao seu redor.

O terapeuta ocupacional através de intervenções voltadas para o autocuidado almeja trazer de volta uma atividade que seja significativa para ela criando um escape da situação que ela vive naquele momento. A retomada da feminilidade e da autoestima dessa mulher faz com que ela se sinta mais confortável e segura em voltar a sua rotina e prosseguir o seu tratamento.

Referências

BRITO, J. S.; MARCELINO, J. F. Q. Desempenho ocupacional de mulheressubmetidas à mastectomia. **Cadernos de Terapia Ocupacional UFSCar**, São Carlos, v.22, n. 3, p. 473-485, 2014.

Disponível em:

<<http://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/1112>> . Acessado em 24 out. 2019.

CASTANHARO, R.; WOLFF, L. O autocuidado sob a perspectiva da Terapia Ocupacional: análise da produção científica. **Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar**, São Carlos, v. 22, n. 1, p. 175-186, 2014. Disponível

em:<<http://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/977>>.Acessado em 24 out. 2019.

GAZOLA, C.; BREDOW, D.; PIVETTA, H. M.; BRAZ, M. Percepção de mulheres jovens sobre a sexualidade e a imagem corporal pós mastectomia. **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**, v. 28, n. 1, p. 93-99, 8 jun. 2017. Disponível em:

<<http://www.revistas.usp.br/rto/article/view/120708>>. Acessado em 24. out. 2019.

Instituto Nacional de Câncer José Alencar Gomes da Silva. **A situação do câncer de mama no Brasil: Síntese de dados dos sistemas de informação**. Rio de Janeiro, 2019. Disponível em:

<https://www.inca.gov.br/sites/ufu.sti.inca.local/files/media/document/a_situacao_ca_mama_brasil_2019.pdf>. Acessado em 24 out. 2019.

MONIZ P., FERNANDES A., OLIVEIRA L. Implicações da mastectomia na sexualidade e imagem corporal da mulher e resposta da enfermagem perioperatória. **Rev Enf Ref**; v. 3 n. 5, p. 163-171, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0874-02832011000300017>. Acessado em 24 out. 2019.

PENGO, M. Contribuições da Terapia Ocupacional na assistência da mulher mastectomizada no Hospital Amaral Carvalho de Jaú. **Revista CETO**, v. 13 n. 13, p.74-82, 2012. Disponível em:

<<https://docplayer.com.br/8648121-Contribuicoes-da-terapia-ocupacional-na-assistencia-da-mulher-mastectomizada-no-hospital-amaral-carvalho-de-jau.html>>. Acessado em 24 out. 2019.

RAMOS W.S.R, SOUSA F.S, SANTOS T.R, JUNIOR W.R.S, FRANÇA I.S.X, FIGUEREIDO G.C.A.L. Sentimentos vivenciados por mulheres acometidas por câncer de mama. **J Health Sci. Inst.**;v.30, n.3, p.241-248. 2012. Disponível em:

<https://www.unip.br/presencial/comunicacao/publicacoes/ics/edicoes/2012/03_jul-set/V30_n3_2012_p241a248.pdf>. Acessado em 24 out. 2019.

SCANDIUZZI, T.; SILVA, S. Uma intervenção da terapia ocupacional entre pacientes em tratamento quimioterápico de câncer de mama. **Revista Mineira de Enfermagem**, v.12 n.1, p.131-136, 2008.

Disponível em: <<http://www.reme.org.br/artigo/detalhes/249>>.

Acessado em 24 out. 2019.

SILVA, C.; ALBUQUERQUE, V.; LEITE, J. Qualidade de vida em pacientes portadoras de neoplasia mamária submetidas a tratamentos quimioterápicos. **Revista Brasileira de Cancerologia**, Rio de Janeiro, v. 56, n. 2, p. 227-236, 2010. Disponível em:

<http://www1.inca.gov.br/rbc/n_56/v02/pdf/08_artigo_qualidade_vida_portadoras_neoplasia_mamaria.pdf>. Acessado em 24 out. 2019.

SILVA, C.C.; SILVA, E.D.; ROCHA, L.L.B. O salão de beleza como recurso no acompanhamento das mães de recém-nascidos internados na Unidade de Terapia Intensiva Neonatal. **Cad. Bras. Ter. Ocup.**, São Carlos, v. 26, n. 3, p. 569-579, jul. 2018. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S252689102018000300569&lng=pt&nrm=iso>. Acessado em 24 out 2019.

SILVA, F.F. PONTES, S.X. Automaquiagem: a influência na autoestima das mulheres. Tese (Tecnologia em Cosmetologia e Estética) – Universidade do Sul de Santa Catarina. Santa Catarina, p. 8. 2017.

Disponível em:

<<https://riuni.unisul.br/handle/12345/4230>>. Acessado em 24 out 2019.

SILVA, S.É.D. et al. Representações sociais de mulheres mastectomizadas e suas implicações para o autocuidado. **Rev. bras. enferm.**, Brasília, v.63, n.5, p.727-734, Oct. 2010. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S003471672010000500006&lng=en&nrm=iso>. Acessado em 08 Nov. 2019.

TALHAFFERRO, B; LEMOS, S; OLIVEIRA, R. Mastectomia e suas consequências na vida da mulher. **Arquivos Ciências da Saúde**; v.14, n.1, p. 17-22, jan-mar 2007. Disponível em: <http://repositorio-racs.famerp.br/racs_ol/vol-14-1/ID%20170%20novo.pdf>. Acessado em 24 de out de 2019.

VIEIRA, J. A. A identidade da mulher na modernidade. **DELTA**, São Paulo, v.21, n. spe, p. 207-238, 2005. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502005000300012&lng=en&nrm=iso>. Acessado em 06 Nov.2019.

**TEXTOS DO VII CONCURSO
LITERÁRIO DA AELE:** A cena cultural
escadense: seus artistas, suas histórias e
suas contribuições para nossa memória

ESCADA E O GIGANTE DA INVISIBILIDADE CULTURAL

Vitória Maria Lopes da Silva¹

É lamentável vermos o exício cultural e, sobretudo, a irrelevância dada a essa questão, falarmos sobre o lugar em que vivemos é fazermos um passeio pela história, cultura e literatura de Escada e isso tem um lado positivo, que é o conhecimento ampliado sobre o pedacinho da terra natal, mas também há o lado negativo, que traz decepção e tristeza, quando enxergamos problemas antes não percebidos. Para melhor esclarecermos, ao tomarmos conhecimento de toda a história e de importantíssimas pessoas que por aqui passaram, torna-se deplorável sabermos que poucos “cidadãos” escadenses conhecem suas raízes, como este lugar foi construído, suas lutas e problemas enfrentados para deixar de ser Vila para ser cidade.

Por esta razão, lembramos que a história do Brasil ser ocupado por indígenas, contempla a etnia de nosso município, isto é, contamos com a bravura desses primeiros habitantes conhecidos por mariquitos, potiguares e tabajaras, entretanto, parece que poucos conhecem esta informação, pois apesar de haver rua com o nome de uma das tribos, lamentavelmente, parece que isso não é percebido, pois bastou a construção de três flechas em um monumento na entrada local para homenagear as tribos, que entre os

¹ Escola Técnica Estadual Luiz Dias Lins. 1º lugar – Artigo de Opinião

conterrâneos, iniciou-se uma discussão da razão das flechas, ou seja, desconhecem o contexto histórico, cultural e social.

Alinhado a isso, ressaltamos que a situação fica ainda pior, quando nos deparamos com o escritor, poeta, político e odontólogo, José Luis Minduca, o qual é autor do livro “Escada riqueza de Pernambuco”, que dispõe de uma bela exposição histórica-cultural da localidade, também se encontra conhecido por poucos...isso nos leva a refletir como é que uma pessoa contribui tanto para a consolidação cultural de um local fundando um Instituto Histórico, Arqueológico, Geográfico e Arquitetônico da cidade, uma Academia Escadense de Letras-AELE, a feira de São Jorge, em que artesãos vendem seus artesanatos e suas artes e mesmo assim, está invisível em sua terra natal? Este cenário nos leva a subentender o quanto somos analfabetos culturais e históricos, pois sabemos que ele defendia o desenvolvimento cultural da cidade e registrou isso numa fala na publicação da segunda edição de seu livro: *“É importante que a cidade desenvolva, não só economicamente, mas também que seu povo se desenvolva culturalmente”*, mas mesmo assim, continuamos a viver no escuro cultural e histórico.

Esta realidade nos faz refletir sobre os valores que temos construído, porque apesar de sabermos que alguns, porque a historiadora Mariinha Leão não pode ficar fora deste elenco, uma vez que é outra personagem que muito contribui para o fortalecimento histórico de nossa localidade, fazem a diferença no pano de fundo cultural de Escada, mas ainda estão desconhecidos pela maioria da população e não podemos deixar nenhum personagem importante para nosso acervo histórico-cultural ficar oculto.

Por isso, acrescentamos ao patamar da imperceptibilidade, outro conterrâneo que encontramos nas vanguardas europeias, nos estudos da arte e literatura, que é Cícero Dias, um filho escadense, que realizou aqui sua

primeira exposição modernista, em 1928, tendo presentes escritores como Gilberto Freyre e Mário de Andrade, uma referência internacional, que poderia ser chave para a mudança na visão de mundo do povo deste local, mas, infelizmente, na época, as portas do conhecimento estavam fechadas e, lamentavelmente, parecem continuar assim, uma vez que o descaso com as memórias do município ainda persiste.

Quando falamos de memórias, defendemos a importância de minimizarmos o analfabetismo histórico, cultural, artístico e literário da cidade, isto significa que a princesa dos canaviais – identidade atribuída a Escada, por viver durante muitos anos da monocultura canavieira – parece ter lacunas no sistema educacional, quando não possibilita que a escola forme uma geração conhecedora de sua história e de sua cultura, tendo em vista o número de pessoas ilustres, que fizeram e fazem história, inclusive estão nos livros, web e revistas, mas são desconhecidas pelo munícipes.

Enfim, acreditamos que para as memórias de Escada não serem apagadas, invisibilizadas ou esquecidas, seja essencial que o poder público faça investimento no fortalecimento dos patrimônios material e imaterial, assegurando que o cidadão amplie seu conhecimento, conforme registra o artigo 216 da Constituição Federal, ao defender que precisa haver a conservação da memória dos diferentes grupos formadores de um local, dessa forma, sugerimos uma revisão no Plano Municipal Educacional a fim de contemplar no currículo das escolas conhecimentos histórico, literário, artístico e cultural local e, assim, conseguiremos ter uma geração diferenciada, melhor dizendo, conhecedora de suas origens, até porque para a comunidade aprender a conservar seus bens materiais e imateriais, precisa sair dessa escuridão cultural e como disse Fernando Pessoa “cultura não é ler muito, nem saber muito, é conhecer muito”.

A IMPORTÂNCIA HISTÓRICO-CULTURAL PARA A ARTE E A MEMÓRIA ESCADENSE

Giulia Melissa Santos de Lima¹

Escada, a princesa dos canaviais pernambucanos. Além da sua importância histórica, deve-se valorizar, sobretudo, sua importância artística, iniciada ainda no período colonial. As tribos Mariquitos, Tabajaras e Potiguares são o exemplo mais singelo de cultura. Há mais de 500 anos, sua arte era representada pelos seus cocás e vestimentas. Por outro lado, as sinhás possuíam suas confecções, a fim de desenvolver seus vestidos, seguindo o rigor da época. Algumas delas, revolucionaram sendo participantes assíduas das principais festas regionais, como o carnaval, produzindo suas próprias roupas. A arte colonial foi de suma importância para o processo histórico-cultural da cidade, prevalecendo até os dias atuais, na presença do artesanato e no vestuário, interiorizado nas casas e na vida cotidiana dos escadenses.

Escada transpira memória, desde seus casarões antigos ou os quadros pintados há décadas, mas que ainda resistem para contar a história de uma cidade que não se permitiu perder suas raízes, diante de tanta evolução. Cícero Dias reuniu esses elementos em suas obras. Nascido em 1907, no Engenho Jundiá, Cícero foi um dos primeiros escadenses a ganhar o mundo. Mesmo longe da sua terra

¹ Estudante SESI/ESCADA 2º lugar – Artigo de Opinião.

natal, o pintor sempre levou consigo as casas-grandes e os canaviais, guardados em sua memória. Foi a partir dele que houve o despertar de outros diversos pintores na cidade.

Antes mesmo de Cícero, Escada já se destacava por ser o berço de incríveis artistas, como Amélia Barros, nascida 17 anos antes do pintor e que marcou a história da cidade por promover os tão famosos pastoris líricos, que envolviam e encantavam toda população, como também as regiões vizinhas. Devido a essa iniciativa, os escadenses tornaram-se grandes apreciadores do teatro e do cinema, criando locais próprios para as performances, como o Cine Elegante, o Cine-Teatro Visconde de Utinga e o Cine-Arte, respectivamente, que traziam apresentações das mais elaboradas até as mais simples, mas sempre se destacavam por ter os moradores locais como principais atores.

Atrelado ao cinema, estava a pintura, cada vez mais intensificada na cidade. Carmita Coelho viveu fielmente a arte na sua forma mais pura e singela; aprendeu a pintar ainda criança, cultivando um amor por essa categoria em especial. Carmita, além da sua tão querida natureza-morta, pintou também os principais pontos da cidade, como a Igreja Matriz da Nossa Senhora da Escada. A artista estudou técnicas de pintura com os melhores pintores da região. Juntamente a outros artistas da sua cidade raiz, fundou a Associação dos Artistas Plásticos da Escada. Ademais, sempre dedicou-se a ensinar o que aprendia aos interessados da região, dispersando a importância da arte para todos e auxiliando a criação de novos artistas. O amor por ensinar não se limitava apenas à pintura, como também adentrava as salas de aula. Carmita dedicou-se por anos ao ofício de professora, entregando-se com maestria e mudando a vida de diversos alunos que passaram por seus cuidados. Seu principal estímulo, sem dúvidas, foi a vontade

de semear seu conhecimento, de maneira que abrangesse todas as classes sociais.

No campo literário e educacional, um dos destaques da região é Mariinha Leão. Professora desde os quatorze anos, não se restringiu apenas ao tão prestigiado hino da cidade de Escada, mas também a homenageou escrevendo lendas. Escritora e poetisa, Mariinha em sua vida desempenhou um dos mais importantes papéis para memória escadense: registrou a história em seus textos e fundou o Espaço Cultural Cícero Dias, enriquecendo e enaltecendo a cidade. Como historiadora, fascinou-se pela herança cultural da região, aprofundando-se e transmitindo esse conhecimento de maneira acessível.

A arte é a forma mais natural de expor sentimentos humanos, exprimindo funções extraordinárias numa civilização, como conservar a história e os costumes de um povo. A arte é a celebração da cultura, evidenciada por pintores, atrizes, músicos e tantos outros artistas incríveis que nasceram no berço escadense. Na sociedade atual, a arte se torna cada vez mais valiosa, uma vez que tem o poder de contar uma história a partir de um quadro, por exemplo. Essa incrível especialidade humana deve ser cada vez mais prestigiada, pois é ela que ampara as memórias mais bonitas - e até mesmo as mais tristes - da cidade de Escada.

ESCADA: PATRIMÔNIO E CULTURA

Geysianne Camylli¹

Conhecida como Princesa dos Canaviais, Escada é a primeira cidade da mata Sul do estado de Pernambuco. Com um passado marcado por índios e lendas, casarões e engenhos, a cultura escadense se diversifica, embora muitas vezes não seja reconhecida e nem aproveitada por falta de conhecimento de seus próprios munícipes. A cidade é composta por vários pontos culturais, principalmente em sua área rural e é considerada berço de grandes influenciadores da cultura, com significativas contribuições à construção histórica do município.

Habitada em seu início por índios das tribos Potiguaras, Tabujarés e Mariquitos, seus pontos turísticos estão relacionados a fases posteriores a esse período: a fase da cana-de-açúcar, produto esse que traz renda para o município até os dias atuais. Com a formação dos engenhos, a cultura começou a se expandir, assim como também a população local que não despreza o seu passado e o passa para os seus filhos. Apesar de essa época ter passado, os casarões continuam bem preservados e chamam a atenção de quem vem na cidade, principalmente pela culinária e história desenvolvida no lugar. Não esquecendo também das festas juninas, onde ruas são enfeitadas e a culinária local se

¹ Escola de Referência em Ensino Médio Monsenhor João Rodrigues de Carvalho. 3º lugar – Artigo de Opinião.

revigora, trazendo um ar de lembrança de tradições que atraem várias pessoas.

Cícero Dias, pintor modernista reconhecido internacionalmente, foi um dos frutos de Escada. Nascido e criado em um engenho da sua região de origem no ano de 1907. Aos 13 anos foi para o Rio De Janeiro, onde conheceu os modernistas e as vanguardas e estudou a pintura. Tornou-se amigo de Picasso, um dos maiores pintores do estilo cubista e de grande representatividade internacional. Deixou seu legado, repleto de honra, influenciou gerações com suas obras lembradas até hoje. Um filho de Escada que saiu mundo a fora e mostrou que no interior, por menor que seja a cidade, existem pessoas capazes de marcar a história de uma geração e deixar o seu legado.

“Ó inefável, a cidade hospitaleira. Enaltece seu nome, seu povo e sua pátria” Excerto do hino de Escada, de autoria da historiadora e escritora Mariinha Leão, que contribui grandemente para a expansão cultural do município, com seus escritos poéticos e resgate da historicidade desse lugar, no qual vale a pena viver, conhecer e explorar. Entre casarões e pinturas, influências e artistas, Escada se envolve culturalmente e expande os horizontes da visão de várias gerações, a mesma deve-se respeito, valorização, pois o berço onde se nasce não se rejeita, do mesmo modo que a cidade onde se vive não se deve ser esquecida. Motivo de orgulho, Princesa dos Canaviais.

SÓCIOS BENEMÉRITOS DA AELE

ANA RITA SIQUEIRA PORTELA

Escadense, filha de Amaro Dirceu de Siqueira e Maria de Lourdes Peixoto Siqueira. Casada com Weliton Portela, acadêmico correspondente da Academia Escadense de Letras. Tem 03 filhas, residente em Recife e é empresária na área da saúde com a Climesc – Clínica médica da Escada.

CARLOS ROBERTO PEREIRA DE SOUZA

Escadense, filho de Heleno Pereira de Souza e Anita Maria de Souza, casado com Edivânia Maria dos Santos Souza, 03 filhos, residente em Escada, empresário da Funerária Zé do Caixão em Escada- PE.

JOÃO LINS DE ANDRADE NETO

Escadense, filho de Eliseu Cavalcanti de Andrade e Vilma Maria de Siqueira, Nascido aos 13 de abril de 1976, na Maternidade Santa Clara. Em 1994, iniciou o Curso de Medicina na Universidade de Pernambuco, tendo concluído em 2000. Logo começou a Residência Médica em Oftalmologia na Fundação Altino Ventura. Atualmente, preside a Sociedade Brasileira de Uveítes, com mandato até setembro de 2019 e exerce a oftalmologia no Real Hospital Português, ICONE – Instituto de Cirurgia Ocular do Nordeste e VISIO – Clínica de Olhos, todas situadas em Recife.

JORGE LUIS DE LIMA

Escadense, filho de Luiz Bezerra de Lima e Guilhermina Santos de Lima, casado com Liziane Patricia Buarque de Melo Lima, tem 04 filhos, possui formação em Administração de Empresas pela FAESC – Faculdade da Escada. Empresário do ramo de combustíveis.

JOSÉ MAURO ARAÚJO CHAVES

Escadense, filho de José Maria Chaves e Ruth Araújo Chaves, Técnico Agrícola pelo Colégio Agrícola de Barreiros, empresário no segmento de defensivos agrícola, desenvolveu trabalhos no Ministério da Agricultura, nas empresas Bayer e Rhodia Agro do Nordeste. Participou ativamente do Rotary Club – Boa Viagem, onde realizou ações sociais de apoio e solidariedade. Fundador do evento equestre “Cavalgada da Fazenda Raízes”, ajudando e incentivando o Turismo e divulgando a cultura da cidade de Escada. Sócio do Lions Clube Mata Sul, atua como grande incentivador de eventos, sendo presença marcante em solenidades importantes na cidade.

MANOEL FERREIRA DOS SANTOS

Escadense, filho de José Ferreira dos Santos e Rosa Ferreira dos Santos, Engenheiro Agrônomo pela UFPE, docente na UFRPE, desenvolveu trabalhos na SUDENE e na empresa PROTECS. Com grande influência no cenário político do Estado de Pernambuco na década de 90, foi candidato a prefeito da cidade de Escada pelo PMDB, momento em que apresentou a sociedade escadense suas grandes ideias e propostas para o desenvolvimento social, artístico e cultural.

MARIA DAS GRAÇAS BARROS ROLIN

Amaragiense, filha de Mauricio Bezerra de Barros e Alice Pereira de Barros, casada com Antônio Januário Rolin, 03

filhos. Professora, proprietária e diretora da escola Geração do Futuro, em Boa Viagem.

JOSÉ CARLOS DA PAIXÃO

Escadense, filho José Ageu da Paixão e Maria Eunice da Paixão. 06 irmãos, casado com Claudia Maria Mendes da Paixão, 02 filhos, 01 neto. Graduado em Ciências Contábeis. Trabalhou por 17 anos no Banorte e no Banco Bandeirantes. Em 1999, junto com a irmã Luciélma, fundou a Escola Técnica de Enfermagem Irmã Dulce. Sócio e diretor.

JULIANA SIQUEIRA PORTELA GOMES GOÉS

Nascida em Registro, interior de São Paulo, no dia 27 de dezembro de 1985, filha da Escadense Ana Rita Siqueira Gomes e do Paulistano Weliton Portela Gomes, ambos participantes da Academia Escadense de Letras. Casada com o empresário Diego Góes Miranda de Souza, teve sua vida escolar predominantemente em Recife completando o ensino fundamental e ensino médio no Colégio Santa Maria em 2003. Iniciou o curso de Medicina da Universidade de Pernambuco em 2005, concluindo no ano de 2011. Especialista pelo Colégio Brasileiro de Radiologia e Associação Médica Brasileira. Atualmente trabalha com Radiografia, Tomografia Computadorizada e principalmente Ultrassonografia, atuando nas cidades de Pombos, Primavera, Sirinhaem e Escada. Trabalha ainda em Recife na Clínica Lucilo Ávila, onde fez sua especialização.

JOHN KENNEDY JERONIMO DOS SANTOS

Nasceu no Sítio São Paulo, zona rural do município de Iguaracy – PE. O quarto filho de Manoel Jerônimo Neto e Iranete Maria dos Santos. Graduado em Licenciatura em Matemática pela FAMASUL. Especialista em Educação Matemática pela Faintivisa e UFPE. Professor concur-

sado da rede estadual de ensino desde 1988. Em 1999 foi aprovado no concurso municipal de ensino do Cabo de Santo Agostinho. Fundador da Faculdade da Escada – FAESC, o qual foi professor de 2002 a 2012. **Em 2017 assume a gestão da** Assume a Secretaria Municipal de Educação de Escada.

ROBERTO VILELA DE MELO SILVA

Nasceu em 03 de novembro de 1949, em Recife, Pernambuco. Filho de Paulo Rufino de Melo Silva e Marta Vilela de Melo Silva, quinto nos nove filhos de uma família de religião Católica Apostólica Romana, praticante. Caso com Maria de Fátima de Melo Silva é formado em Ciências Contábeis. Membro da Ordem Franciscana Secular é desde 1984 é diretor administrativo financeiro da Ordem Terceira de São Francisco em Recife. Também participou da diretoria do Clube Português do Recife, além de participar do Lions Clube Recife.

Brasão da AELE



Hino da Academia Escadense de Letras

Letra: Sebastião Araújo

Música: Sebastião Araújo / Edmundo Fernandes

Oh! Terra Mãe, que em nosso peito brilha!
Ouve o clamor de tantos descontentes,
Que na tormenta deste chão se agitam
Ao dissabor do teu sol ardente.

De Portugal, o mundo vem primeiro
Com negro e índio, ergueu-se uma vila
De mameluco a mulato, herdeiros
Pequeno Nicho, a terra santifica.

Refrão: Lutar com palavras é vencer o vencedor!(2 X)

Do massapê, a cana e a riqueza
Que teus barões há séculos ostentam.
E um progresso em grande incerteza
Que aos teus filhos há tempo afugenta.

Dos ideais de liberdade és Mãe
Tu viste a República nascer
Brios de guerreira tu tens, não te acanhes.
Abre os braços, é um novo amanhecer!

Refrão: (2 X)

Faze de nós condutores da história
Que engrandecem o homem e sua alma
Igual Tobias, vulto de outrora
Para que eterna seja nossa fala.

E essa casa enfim, edificada
Pelo modesto homem acadêmico.
Jamais se canse de honrar Escada
Para orgulho do povo escadense.

Refrão: (2 X)

INVENTÁRIO DE ATIVIDADES DA ACADEMIA ESCADENSE DE LETRAS 2018 – 2019

Inventário de Atividades da Academia Escadense de Letras Biênio 2018 – 2020

Presidente: Tarcísio Augusto Alves da Silva

Vice-presidente: Dimison Cesar Vieira Gomes

20.07.2018

Participação de acadêmicos no Chá literário em comemoração aos 150 anos de emancipação do município de Amaraji.

23.07.2018

Participação da AELE na comemoração do dia do escritor na Academia Pernambucana de Letras.

28.07.2018

Participação da AELE no lançamento do CD de Cordéis do acadêmico Eli.

29.07.2018

Primeira assembleia extraordinária realizada pela diretoria

29.07.2018

Primeira alteração do Estatuto da AELE

07.2018

Lançamento do I boletim da AELE

05.08.2018

Via cultural da AELE - Apresentação do Quarteto Encore, projeto: Recife Sagrado "Música na Igreja".

14.08.2018

Festa de São Tarcísio – Paróquia Sagrado Coração de Jesus
Participação com representação: Isabel, Teresinha, Waldyr, Álex e Mariinha.

17.08.2018

Premiação do V Concurso Literário da AELE
Local Escola Monsenhor João Rodrigues de Carvalho

17.08.2018

Lançamento da coletânea de artigos científicos escritos por juristas, no livro Ética e Direito em Debate, volume I com participação da Acadêmica Piedade Buarque, na condição de autora, na Prefeitura de Olinda – PE.

15.09.2018

Criação das carteinhas de identificação da AELE

16.09.2018

Participação da AELE no desfile cívico do Distrito de Frexeira

18.09.2018

Participação da AELE no Chá Literário da Escola Eraldo Campos

22.09.2018

Participação da AELE no evento católico “Expressões do Belo”

22.09.2018

Participação da AELE no lançamento do livro Memórias de Estudantes de Mauricelha ferreira Prates”

22.09.2018

Participação da AELE no II aniversário da ATLA

28.09.2018

Participação no II Festival de Música das Escolas da Rede Pública de Escada, no salão nobre do Sesi.

28.09.2018

Participação no Chá com Poesia" da Escola Fernando Campelo, homenageando a historiadora, compositora, musicista, escritora, poetisa,... Mariinha Leão.

Outubro de 2018

Criação da Flâmula da AELE

28 e 29.10.2018

V intercambio cultural da AELE

Visita à Academia Paraibana de Letras – João Pessoa (PB)

05.10.2018

Participação da inauguração do busto da Praça Tobias Barreto

21.10.2018

Realização do Planejamento estratégico da AELE.

03.11.2018

Sarau de Lendas Urbanas e Rurais.

20.11.2018

Participação da AELE na missa da Padroeira (Nossa Senhora da Apresentação da Escada), sendo um dos segmentos homenageados da noite.

29.11.2018

Menção honrosa ao acadêmico Efetivo e fundador da Academia Escadense de Letras, Presidente Honoris Causa, Dr. José Luís Minduca, *"In Memoriam"*.

01.12.2018

Lançamento do livro: **"Ensaaios sobre a aparência"**. A acadêmica Sevatil Lôbo.

01.12.2018

Realização do **Baile cultural da AELE** visando angarear recursos para reforma da sede da Casa Tobias Barreto.

09.12.2018

A AELE e seus acadêmicos foram homenageados durante a Culminância do **Projeto Novo Mais Educação**.

09.12.2018

Lançamento da **VI ANTOLOGIA DA AELE**.

15.12.2018

II Cantata natalina do Coral Sebastião Araújo com o tema: "Da palha nasce uma Estrela."

16.12.2018

Natal com poesia com participação das as crianças flautistas das escolas públicas municipais, do Projeto "Flauta nas Escolas", e o "Pastoril da Escola Municipal Costa e Silva".

21.12.2018

Confraternização anual da AELE.

23.12.2018

Coral Sebastião Araújo fez a sua segunda apresentação de sua II Cantata, na Igreja de Nossa Senhora da Apresentação da Escada

Janeiro de 2019

Atividade de férias dos(as) acadêmicos(as) no sítio de nosso acadêmico efetivo Josebias Carvalho de Lima.

02.02.2019

Primeira reunião do ano da Casa Tobias Barreto

01.03.2019

Realização do Baile Lírico da AELE homenageando o grande folião escadense Zé Bajoso.

08.03.2019

No dia Internacional da Mulher, a Casa Tobias Barreto homenageou todas as mulheres.

30.03.2019

Sarau Literário da acadêmica efetiva Piedade Buarque: O 11º Sarau Literário: CAROLINA MARIA DE JESUS.

01.04.2019

A Casa Tobias Barreto faz homenagem póstuma a acadêmica Honorária D. Narciza Bastos.

15.04.2019

Palestra: “Índios em Escada: Onde estão?” com o pesquisador da história indígena e Ambiental no Semiárido Nordeste, Edson Silva.

04.05.2019

Sarau das Mães da AELE

09.05.2019

A AELE esteve no Sarau comemorativo ao quinto aniversário da Academia Palmarense de Letras.

20.05.2019

Realização do Sarau sobre Racismo, Literatura e História. Evento que fez parte das comemorações do IX ANIVERSÁRIO DA AELE.

22.05.2019

APRESENTAÇÃO DO CORAL SEBASTIÃO ARAÚJO na Escola Municipal Barão de Suassuna, evento comemorativo ao IX ANIVERSÁRIO DA AELE.

23.05.2019

Exposição dos Patronos e Patronesses da Casa Tobias Barreto por ocasião do IX ANIVERSÁRIO DA AELE.

25.05.2019

Cerimônia de Posse dos novos acadêmicos e a comemoração do IX ANIVERSÁRIO DA AELE.

28.06.2019

A Casa Tobias Barreto recebeu representantes da Academia Tobiense de Letras e Artes (SE).

29.06.2019

Aconteceu a Festa Junina da AELE, contando com a presença dos(as) acadêmicos(as) e dos confrades tobienses.

06.07.2019

Realização da reunião ordinária da AELE.

19.07.2019

Participação da AELE no Chá Literário da cidade de Amaraji.

03.08.2019

Sétima reunião ordinária da AELE.

15.08.2019

Premiação do VI Concurso literário da AELE.

17.08.2019

Intercâmbio com a Academia Tamandareense de Letras.

27, 28 e 29.09.2019

A Academia Escadense de Letras - AELE, realizou seu 8º Intercâmbio Cultural para a cidade de Fortaleza/CE.

10.10.2019

Via cultural, no Teatro Santa Isabel, - 19º Festival Nacional de Corais.

30.10.2019

Participação no Festival de Literatura da cidade de Catende/PE (FLICATENDE).

07.10.2019

V Sarau de Lendas Urbanas e Rurais

01.12.2019

Lançamento da VII Antologia

14/12 e 15/12

O Coral Sebastião Araújo fez duas apresentações na Capela de Santa Luzia, na Igreja Matriz de Nossa Senhora da Apresentação da Escada

16.12.2019

Lançamento de seu livro: **O Espírito do Natal!** - O acadêmico efetivo Carlos Queiroz

22.12.2019

Natal com Poesia da AELE

28.12.2019

Apresentação do coral Sebastião Araújo na igreja Nossa Senhora de Nazaré, na vila de Nazaré, no Cabo de Santo Agostinho

01 e 02.01.2020

Final de férias na Fazenda do Acadêmico Josebias

15.02.2020

Baile Lírico da AELE

08.03.2020

No Dia Internacional das Mulheres, a Casa Tobias Barreto fez a sua homenagem por meio de suas patronesses e inspiradoras

24.05.2020

A Academia Escadense de Letras celebrou seu décimo aniversário com uma vídeoconferência, reunindo acadêmicos e visitantes.

24.05.2020

Lançamento do Jornal dos 10 anos da AELE

Julho 2020

Lançamento do site da AELE

Assembleias e reuniões virtuais no período da pandemia

Julho 2020

Criação do novo brasão da AELE

05.09.2012

Intercâmbio cultural da AELE (virtual)

Intercâmbio entre academias de letras e artes: caminho frutífero para literatura

Participação: *Academia de Ciências e Letras de Sabará*
Academia Camarajibense de Letras.

Novembro 2020

Lançamento VIII Antologia

Tarcísio Augusto Alves da Silva
Presidente

Dimison César Vieira Gomes
Vice-presidente

